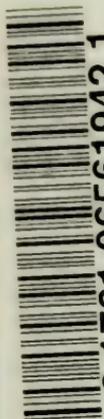


Manuel de Sousa Pinto



3 1761 06561942 1

# Para onde vais, Maria?



**BRIEF**

DPB

0020395

Livraria Portugália

Rua do Carmo, 75—LISBOA



LIVRARIA

**VICTOR**

Telef. 2639 BRAGA

Para onde vais, Maria?

# De MANOEL DE SOUSA PINTO

## Novelas

O GOMIL DOS NOIVADOS  
O JARDIM DAS MESTRAS  
AS MÃOS DA VIDA  
CASTELO DO AMOR

## Crônicas

Á HORA DO CORRE O  
FEMINÁRIO  
EVANIDADE  
MAGAS E HISTRIÕES

## Viagens

TERRA MÔÇA (Impressões brasileiras)

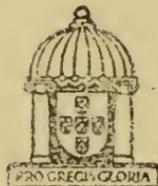
---

A ÚNICA VERDADE (drama)  
O MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ  
DOM JOÃO DE CASTRO (1500-1548)  
A MÁSCARA (12 numeros)  
PORTUGAL E AS PORTUGUESAS EM TIRSO DE MOLINA  
SAUDAÇÃO A ROSARIO PINO  
BORDAL O E A CARICATURA  
O ENCANTO FEMININO («Os Livros do Povo»)  
SETE DANÇAS DE «LA BILBAÍNITA»  
BAILADOS RUSSOS  
OS TRÊS BORDALLOS  
CONSTANTINO FERNANDES

MANOEL DE SOUSA PINTO .

# Para onde vais, Maria?

2.º MILHAR



PORTUGALIA

EDITORA

73, Rua do Carmo, 75

LISBOA

1922 .

20375

*Reservados todos os direitos de reprodução e tradução.*

DO VERDE MINHO



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

## O SÃO TORCATO

O São Torcato !

Ao escrever-lhe o título de algazarra e festival, sinto-o a puxar violentamente na minha pena, como um foguete impetuoso, que quer, subindo, ir proclamar, bem alto, a grandeza magnífica do seu arraial ; a gloriosa, tumultuosa, atropelada animação dos seus devotos, postos a caminhar horas e horas, léguas e léguas, para alcançarem o santinho incorrupto, que, sôbre todos os discutíveis milagres que se lhe atribuem, um, imenso, anualmente realiza : êsse jocundo milagre da sua festa colossal de multidão, que é um hino vivo e descomunal de alegria.

Folguedo máximo, que requisitaria, para bem ser dito, a estentórica, quasi sobrenatural, possança destes pulmões de camponeses ; dessas vozes constantes e invencíveis, que não sabem enrouquecer e abominam do silêncio ; dessas férreas gargantas hercúleas, cujo canto, agreste e potente, mana sem tréguas, como sem repouso correm das penhas os mananciais, como

brotam sem descanso a seiva nos milhos e o vinho nos parreirais.

O São Torcato, e o artigo, antepôsto ao nome do mártir venerável, condensa toda a alacridade da sua veemente comemoração, o São Torcato, sendo a maior romaria do Minho, é, estou em dizê-lo, a maior festa de todo o Portugal.

Outras há nomeadas, gaudiosas, concorridíssimas. Nenhuma, porém, na festiva competência, a excede: nem a Atalaia famosa, nem a Nazaré dos patuscos círios, nem a coimbrã Rainha Santa, nem os Remédios em Lamego, nem o Senhor da Serra alfacinha.

Em capítulo de romarias, o norte ganha ao sul. Quanto a alegria, o Minho será sempre o primeiro.

Pois mesmo no Minho, neste verdê Minho que me acolhe e delicia uma vez mais no seu regaço de fartura, nenhuma outra das suas festas mais célebres leva a palma ao São Torcato: nem a Senhora do Pôrto de Ave, nem a Abadia nem o Sameiro, nem o São Bento da Porta Aberta, nem a Peneda, nem, ainda que se lhe aproximem, o São João de Braga ou a Agonia em Viana.

O São Torcato é, assim, uma festa notável, típica, destacável, como as grandes festas alheias de mundial renome: Piedigrotta na maravilhosa Nápoles, o saragoçano Pilar, a Assunção de Veneza; outras muitas, que compendiam, nos seus nomes alegres e característicos, todo o pitoresco e toda a alegria dum povo.

O São Torcato resume o baixo Minho, e celebra-se

no primeiro domingo de Julho. Dura três dias, mas o domingo é o dia da festa mais rija.

Àquela hora — quatro e meia da tarde de 4 de Julho — caía a calma sôbre os bancos esverdeados e as arvores enfezadas do jardim do Toural, em Guimarães.

Após um jantar prematuro, aconselhado pela prudência, esperava ali, com um amigo, o carro que êle gentilmente pusera á minha disposição, e admirávamos, para passar o tempo, um whistleriano caixeiro endomingado, que exhibia em toda a sua pessoa, sob o farto sol, uma verde sinfonia, onde entravam, com um fato côr de ervilha, umas raras botas azinabradadas, um chapéu verde-garrafa todo catita, e uma verdejante gravata, a reforçar os glaucos arabescos da camisa tufada.

O verdoengo mancebo, certamente mui digno ornamento da classe caixeiral vimaranense, e, nesse festivo domingo, do jardim público, distilava testa abaixo, uma regueira oleosa de cosmético, devendo ter tido um trabalhão para compor em si aquela esverdeada rapsódia.

Olhava-nos suplicantemente, cheio do desgosto de não ver mais ninguém a mirá-lo.

O melhor que nos foi possível, demonstrámos-lhe, com olhares demorados, o agrado que a sua vestimenta nos merecia.

Íamos talvez transmitir verbalmente o nosso aplauso áquele arcanjo da esperança á paisana, quando o

estropício do carro na dura calçada nos reclamou, deixando todo entregue ao pesar do seu isolamento o vegetalizado môço.

Partimos. Pelas ruas centrais, nenhuma animação que indique a vizinhança da importante romaria, da qual Guimarães é a porta ferroviária.

Olhando, numa que outra janela, uma que outra donzela que espreita com recluso olhar, desejoso de vir também á festa, chegamos ao Cano.

Há mais movimento.

Magotes de romeiros estacionam á beira das tabernas e do marco fontenário. Diligências enormes absorvem passageiros, sem lotação.

Vai tudo, e mais que haja, a seis ou oito vintens por cabeça, dado que a hora é, relativamente, de pouca afluência.

Logo á volta, pela fresca madrugada, ninguem arremata um palmo de logar por menos de duzentos e quarenta.

È há de dar graças ao santinho, por o ter feito caber, com mais quatro gordos, num assento onde, nos dias normais, três magros se não sentem á larga!

Para o São Torcato temos agora dois caminhos: um moderno, largo e bem encascalhado, que dá uma grande volta; outro velho e esburacado, que vai mais depressa. Sabido é que os velhos caminhos, como as linhas rectas, que êles nunca são, abreviam as distâncias.

Os cocheiros minhotos teem uma pronunciada predilecção pelas estradas antigas. São conservadores.

O nosso cocheiro, para mais dum solar fidalgo, não desmente a regra. Opta pelo caminho velho e sinuoso, á que o contínuo trânsito das caravanas amoleceu o piso, convertendo-o num poeiral tremendo.

Por entre nuvens de pó, atravessamos os ranchos tardios dos romeiros que se apressam, e veem cantando e tocando.

Há tipos exuberantes de cachopas e mocetões, com os trajés próprios, já na maioria desfigurados por modas exóticas. Ainda assim, de onde a onde, descobrem-se certas figuras cuja indumentária denuncia a região.

Garbosa, fecunda, aprumada, segue ali, ao lado das respeitáveis suíças e do respeitabilíssimo varapau paterno, uma rapariga da Maia, toda de preto, com a casaquinha de vidrilhos, a saia de larga roda, e o chapelinho de vira alta. Caminha risonha, veloz, desempenada, forte, loira, pujante, como uma Ceres pagã. Lembra, assim robusta e alegre, uma veneziana dos velhos mestres, que, soberba, viesse da Veneza do sonho, dar sonho á realidade. Vão-se-me os olhos nela. Com desejos de dizer ao cocheiro que afrouxe, evoco, em rápida miragem, êsses momentos venezianos, pequeninamente enormes e formosamente bons, em que, com a alma entre os lábios, e os lábios perto doutros onde a alma aflora, se recomen-  
ao gondoleiro: De vagar!

Afastados dos ranchos, acasalados, derretidos, os pares dos Maneis e das Marias são ás dezenas.

E' picante o sabor dêsses conversados pela estrada fora. Êle, de jaqueta ao ombro, sempre de viola, cavaquinho ou harmónio, toca sem parar. Elas, lado a lado, com uma cara no geral aborrecida, acompanham-lhes os largos passos, cantando ás vezes, outras tangendo o pandeiro, e, invariavelmente, carregando o cacete do «homem» ou do derriço e os sapatos, que não aturam nos pés.

Dos atalhos desaguam grupos, afluentes do povo-léu que inunda a estrada, e o nervosismo da bela parelha que nos puxa ameaça.

Volvida uma curva, no cimo duma ladeira, aparece ao longe na sua alta e magnífica situação, o templo branco e incompleto de São Torcato. E' a Meca para onde convergem, fascinados, os olhos de todos.

Continuamos a subir.

Dentro em pouco enfiamos por alas de carros despejados, de todos os tamanhos e feitios, que para ali estão abandonados, obstruindo a passagem.

A' medida que vamos passando as poucas casas do povoado, cheias de ranchos pelas portas, o gentio aumenta. A parelha, a custo refreada, não encontra espaço para avançar. Temos de nos apear.

Ao pormos pé em terra, colhe-nos a mais desordenada, a mais vibrante, a mais estonteadora das barulheiras. O vastíssimo terreiro do arraia! é um mar compacto de barracas, de toldos, de cabeças, de varapaus.

Confundem-se músicas, pregões, descantes, risos, tocatas, campainhas, harmónios, violas, fanfarras, si-

nos a repicar, bôcas a gritar, zabumbas, cornetas, sacabuxas, rouxinois de barro, assobios. Tudo o que atordoa, tudo o que estrondeja, tudo o que ensurdece!

No entanto, passada a primeira impressão violenta, a de uma porta que se abrisse de chofre e atrás da qual houvesse vários exércitos em tripúdio, começa-se de aperceber, na enorme maré ruidosa, nesse pélago retumbante, um qualquer ritmo forçado, um módulo quási harmonioso, feito da desordem geral, da vozeria dispar, da confusão; para dizer tudo, da avassaladora harmonia de sentimento, da identidade do fim, que presidem a todos os cantos e a todas as danças, que todas as músicas e todas as vozes se propõem: folgar.

Deviam ser semelhantes, na Grécia luminosa, em tórno dos templos marmóreos, nos bosques olorosos, as orgíacas festas das divindades queridas. Festas de multidão, descompassadas, espontâneas, improvisadas, em que a inspiração corria, magnética, de corpo em corpo, e a doida faísca do prazer, electrizando os nervos, os acendia em movimento, em perturbação, em risos estrondosos, em delirantes canções, comunicando a todos a febre da algazarra, do delírio, da barulheira.

Decidimo-nos a penetrar nessa marulhante floresta de gente, onde, numerosos, incansáveis, os pandeiros, aos milhares tangidos, ferem a nota insistente e guisalhada das suas rodela de fôlha.

Aos cotovelões, forçando a massa que quási nos

imobiliza, conseguimos ganhar a escadaria do templo.

O acesso é por três lanços dobrados de escadas, em cujos patamares escorrem outras tantas fontes, com largas bacias de pedra, onde crianças empoleiradas chafurdam, e devotos abrasados, suarentos, se dessedentam com regalados ais de alívio.

Desafogada sôbre a alta plataforma murada, que a corre a toda a volta, a igreja do santo arcebispo toledano acha-se, como disse, numa privilegiada situação, cheia de panorama e da frescura dos campos lavrados e das veigas ridentes.

Apetece ter combatido o feroz Muça e haver recebido uma cutilada na cerviz, para ficar vivendo ali, nessa paragem quieta e fértil, de que a religião tomou conta, e da qual não ficaria mal a um artista asenhorear-se, em boa companhia com o santo, que, no tom terroso da sua pele mirrada, cómodamente estendido sôbre ricos tecidos, tem, de barriga para o ar, o ar enfadado de quem desejasse mudar de posição; talvez aborrecido com a teimosa persistência dos seus ossos, que, evangélicamente, conserva intactos desde o mui remoto seculo VIII.

Nunca satisfeitos com a habitação do seu santi-nho, andam sempre os povos das suas cercanias imaginando para êle mais ricas moradas. Com os seus incaruncháveis ossos, a que só falta o do tornozelo — relíquia do tesouro de Santa Maria da Oliveira em Guimarães — São Torcato tem residido em diversas capelas e igrejas, que todas se conservam

Há já muito que duram as obras da nova basílica sumptuosa, que deve assumir, depois de completa, vantajadas proporções.

Essa porfiada mania construtora tem, de resto, uma explicação, que fingem ignorar os que, para o caso, invocam «as obras de Santa Engrácia». O São Torcato é muito rico. Tira em esmolas de varios géneros um importante rendimento anual, a que é preciso dar destino.

Ora, de todos os sistemas de capitalização empregados, parece que o que melhores garantias oferece é êsse de o converter em obras; tanto mais que o povo, que todos os anos ali deixa alguns contos de réis, gosta de ver acrescentado e enriquecido o palácio do seu santo, que, com a fôrça do costume e da crença, é um verdadeiro senhor feudal, em pele e ôsso, a que se não regateiam os tributos, talvez com receio de que êle os mande executar pelas aguerridas hostes fiscaes lá do alto.

Tem sido vários os projectos adoptados na grandiosa casa sagrada, que lentamente avança. O actualmente seguido é, pelo que coligi dos traçados expostos na Casa da Mesa, a modificação dum deselegante plano dum artista alemão, devida ao architecto portuense Marques da Silva.

Consta duma igreja vasta, duma só nave, com duas tôrres desequilibradas, que esmagam a base.

A fachada, quasi concluida, á excepção das tôrres; que teem ainda de subir, ostenta no cimo uma cruz, e sob ella, uma grande estátua do santo.

Corre ao alto uma galeria aberta, de arcadas pequenas, que se prolonga, com arcarias fechadas, nos panos das tórres.

Sôbre a porta, por baixo da rosácea, dois enormes anjos, em postura de vôo, aguentam, numa espécie de cartão de visita, um letreiro em latim. São duas desagradáveis aventesmas, que, na brancura da pedra, lembram duas almas penadas, tais como o povo as descreve, envoltas em lençóis, num conjunto deplorável e banalíssimo de documento barato de primeira comunhão.

Haveria toda a vantagem em que o santo, de mais a mais familiarizado com a sóbria simplicidade do românico, realizasse o milagre de mandar recolher aqueles dois anjos ao aprisco, dispensando-os da ronda que lhe fazem á porta, em camisa de noite.

Além da frontaria, o templo tem já levantadas as paredes do cruzeiro e da nave, faltando-lhe as da capela-mor, que são ainda as do primitivo santuário.

Nessas paredes, que se erguem claras até á raiz da abóbada, ainda por lançar, vê-se, nas grandes superfícies desadornadas, a esplêndida qualidade do maravilhoso granito empregado na sua fábrica.

E' uma pedra virginalmente branca, setíneamente lisa, doce, linda: um granito de grão finíssimo, preciosamente aparelhado.

Nos pontos lavrados, nos capiteis, nos pingentes, nas almofadas, nos modilhões, nos janelões desenhados em hastes tão finas e rosetas tão delgadas, a sugerirem a architectura frágil e retorcida dos biscoi-

tos de Valongo ou de ganchos de cabelo ; na larga faixa da cornija, nas grinaldas, e numa encantadora cercadura de porta, em cachos de parreira, goza-se a perfeição meticulosa e inexcedível da lavragem.

São Torcato tem hoje uma escola de canteiros assinalável, habilíssimos, que trabalham notavelmente a pedra; revivendo, no rijo granito rebelde, as aventuras deliciosas dos cinzéis antigos, que tão caprichosamente rendilharam o calcáreo macio da Batalha ou de Ançã.

Creio que, em parte alguma do mundo, ninguém dará ao ingrato mas formoso material mais transparência, mais suavidade, melhor claro-escuro do que o que enriquece de tons de prata nova êsses granitos do São Torcato.

Dos lados da igreja, paralelas á nave, ficam várias outras divisões, onde nascem as escadas das tôrres e que, de futuro, devem ser destinadas a casas de esmolas, de promessas, á arrecadação da cêra, etc.

Numa delas, um dístico reza, em grandes letras : *Petite et Accipietis Convulverunt De Infirmirate Operibus Credite.*

Ha outros letreiros convocando os devotos ou eternizando-lhes a liberalidade, que, na sacristia, uma galeria de retratos se encarrega tambem de perpetuar.

Pela porta principal da igreja, veem agora saindo as irmandades com o Santíssimo.

A procissão forma-se ao lado de tràs da basilica,

pois que, situada num terreiro com escadaria, não poderiam lá chegar pela frente os carros triunfais, que são a sua parte mais importante e apreciada do povinho.

Pesadíssimos, êsses carros triunfais saem dum barracão pintado de vermelho, que se levanta dentro duma quinta gradeada: valhacouto especialmente destinado á recolha da côrte celestial.

No caminho que passa entre a igreja e a abarracada estalagem dos santos e dos anjinhos, estão já postados em seus pouco atenciosos cavalos soldados da Municipal, vindos do Pôrto. Ao chegar das irmandades, rompem a marcha, e estas abrem filas, com os anjinhos pelo meio.

O primeiro carro avança a custo, parando diante da capela do santo. E' uma espécie de palanque muito alto, todo forrado de doirados na ampla base. Tripulam-no as imagens, em tamanho natural, da Virgem em seu trono de São Torcato, paramentado, oficiando num altar a valer, com castiçais e tudo e de várias outras personagens. A' frente há uma escada, até quási ao chão, e nos seus degraus sentam-se oito meninas vestidas de azul, com luvas e véus brancos, tendo ao centro, no tôpo da escada, uma outra mais crescidinha, que é o soprano do grupo.

Quando o carro pára, elas levantam-se, rompe uma orquestra, e a menina do centro entoia uma loa que as outras acompanham em côro, com gestos monótonamente afinados, que consistem em levantar primeiro um braço, depois o outro, em levar a mão ao

peito, e em apontar com o indicador espetado o santo que lá em cima oficia, mudo como um calhau e colorido como uma taboleta de drogaria.

Terminadas as loas, de três ou quatro quadras, voltam as meninas a sentar se, e o carro prossegue com paquidérmica lentidão. O seu sistema motor são homens metidos debaixo dele e encobertos pelo saial, que roça a terra e disfarça as rodas, de modo que o carro se move sem se ver quem o conduz, como se o impelisse uma misteriosa fôrça, cujo delegado deve ser um homem azafamado que vai á frente, de costas, observando o caminho e dizendo, por um buraco, aos que puxam, para onde devem manobrar.

Mais anjos, mais músicas, mais irmãos, e outro carro aparece, ainda maior e mais alto que o primeiro.

Traz na escadaria cinco meninas, de branco com véus azuis, a cada lado, e lá em cima, como no outro, uma mais espigadota, que enceta as loas.

Representa, num aglomerado de algodão em rama semeado de estrelas muito bem repimpadas, um alongado e barbaçudo Padre Eterno, de bola na mão, com o filho á direita, de túnica roxa, e a pomba do Espírito Santo babando fios de prata do inspirado bico. Em baixo, São Torcato, vestido de bispo, São Tiago, o da mourama, e outras figuras mais ou menos alegóricas e todas taludas.

O corpo do carro é revestido de enfeites doirados e vistosos, com a mesma fralda de oiro a tapar o rodado e os condutores.

Quatro garotos, paramentados esquisitamente de sacerdotes com mitras reviradas, carregam uma urna de tecidos vários, simbolizando a trasladação do santo ha cincoenta e sete anos.

Anjos, há-os de todos os tamanhos, feitos e côres: bemaventuranças, virtudes, patriarcas, apóstolos, santas, infieis, um guerreiro sem montada, um rei sem corôa, uma justiça sem a venda, a coçar desesperadamente a cabeça, talvez por ter emfim entrevisto as iniquidades dêste mundo. Toda uma figuração, mais ou menos simbólica e complicada, que pretende evocar as alegorias do solene cortejo da trasladação de 1852, pormenorizadamente dês critas no seu comprido e curioso auto.

Depois vem o pάλio, uma banda de música e o couce de polícia e cavalaria.

A procissão percorre o arraial em volta completa, parando de vez em quando, para se repetirem as loas ante o povo entusiasmadíssimo, que anda correndo dum lado para o outro, para as tornar a ouvir, e, com furioso apertão, torna empresa perigosa o disputar um lugar de primeira fila.

Emquanto a gente anda entretida com a procissão, e está mais vasia a capela do santo, vamos nós ver, já que entrevistá-lo não podemos, o famoso São Torcato, que em Braga arcebispuou.

O cadáver imputrefacto e incorroível de São Torcato está colocado numa tribuna sôbre o altar-mór, por baixo do trono, áquela hora apagado.

Alcança-se, quer por um lado, quer por outro, por escadas interiores. Subimos e eis-nos, finalmente, diante do venerado arcipreste de Toledo.

O santo habita uma rica urna de madeira envidraçada, sob um baldaquino de boa talha. Solenemente vestido de pontifical, com a grande capa vermelha, a casula recamada de oiro, a alva de renda, a mitra preciosa, o báculo de prata, a palma e a corôa do martírio em almofadas de seda e oiro, está reclinado num coxim sumptuoso.

Do seu corpo, que garantem intacto, á excepção das vértebras cervicais, desarticuladas pelo golpe mortal, só se vê o rosto, realmente conservado, com a pele escurecida, mas íntegra. O resto está coberto pelas opulentas roupagens; mesmo as mãos, enluvasdas episcopalmente e com o anel prelatício.

Quando em 1805 se procedeu á remoção do santo, do modesto túmulo, ainda conservado, para a urna actual, conta-se que o bondoso Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga, ao meter-lhe no dedo o anel episcopal, sentindo a velha carne «ainda flexível», chorou copiosamente ante a grandeza do prodigio.

Braga tem pensado em canonizar mais êsse seu arcebispo. Aqui lhe indico o assunto para um futuro painel.

A urna, de madeira e cristal, como já disse, deixa á vontade observar o santo por todos os lados; se bem esteja corrida, naquela ocasião, a cortina do lado da igreja.

Apesar da procissão monopolizar as atenções, há

em volta do santo bastantes devotos. Que, em verdade, mal pareceria deixá-lo completamente abandonado em tamanho dia!

Ao chegarmos, damos com êles a esfregarem os lenços no vidro que defende o ídolo. Pensámos, á primeira, que o estariam limpando para verem melhor. A limpeza, porém, continuava. Os que vinham faziam o mesmo, sem que o vidro estivesse embaçado.

Reparando melhor, apurámos então que, depois de passarem os lenços na vasta chapa de cristal, os levavam, compungidamente, ao rosto e os passeavam demoradamente pelas faces, pelos olhos, pela bôca, pelas orelhas, por toda a cara.

Havia, naqueles semblantes convictos, a fixidez alheada dos alucinados, a inexpressão dos fanáticos. Nada ouviam, nem viam, nem sentiam. Estavam ali presos, hipnotizados, em perfeito estado de sugestão, transmitindo a si próprios, dêsse modo, o fluido miraculoso.

Tornavam com o lenço ao vidro, e, depois de demoradamente o esfregarem na urna, voltavam a passá-lo vagarosamente no rosto.

Era tudo o que havia de mais inacreditável, de mais atrasado, em materia de superstição: um grosseiro fetichismo, tirante a prehistórico, praticado, com o maior desplante, em pleno século XX.

Tão electrizados, tão acorrentados, tão jungidos ali estavam, tão rudemente convencidos daquela efluviação por indirectos contactos, que, para desobstruir

o espaço, se tornava necessário, de vez em quando, que os soldados, que faziam guarda de carabina e baioneta calada, os viessem arrancar, com certa violência, da estapafúrdia devoção.

E saíam quasi sonâmbulos, desacordados, ás arreguas, em direcção á porta que, no fundo do templo, conduz ao terreiro por dois renques de escadas.

Por essa nota dos soldados armados, e por outras vedações destinadas a canalizar a multidão, pode avaliar-se do impetuoso «poder de mundo» que cai no São Torcato.

Vendo-nos de «roupa fina», sem lenço na mão e sem rapapés ao santinho, os guardas, que se queixam do esfalfante serviço, deixam-nos estar mais tempo do que o permitido a observar a pitoresca manobra dos lenços, que, se não representasse principalmente um caso de atavismo religioso, de sobrevivência ritual, atribuiria a êste bom povo do norte uma civilização medieval.

Abandonada a grotesca scena, descemos ao terreiro, onde novos casos de superstição nos esperam.

Entrando e saindo pelo cruzeiro do templo, ainda sem portas, de maneira a passarem por diante da capela do santo e a darem em seu tórno uma volta completa, há mulheres e homens caminhando de joelhos, com rosários nas mãos e padre-nossos nos lábios.

E' essa a promessa mais vulgar, e a mais bárbara : a de dar três ou mais voltas á roda da capela. Três é o número mais corrente ; mas ha quem prometa dez.

Os homens arregaçam as calças, de modo a molestarem mais os joelhos, para pouparem a roupa. Há, com o doloroso atrito, ceroulas em frangalhos e peles escoriadas. As mulheres levantam a saia de cima e o saiote, engatinhando sôbre a saia de baixo, em geral de linho grosso.

Andam nesse fadário uns doze ou treze devotos, e é preciso notar que, áquela hora da tarde, em que o sol já cabeceia, a maioria das penitências estão cumpridas.

Íamos a demandar a Casa da Mesa, quando, a nossos pés, aparece, a caminhar também de joelhos, compungida, penitente, rezando as contas, a Ceres magnífica que víamos na estrada.

Afastámo-nos para lhe dar passagem, ao lado do velho pai, que lhe carrega os sapatos, e a que ela se apoia quando a dor a faz vacilar. Sinto ganas de lhe oferecer o meu braço.

Vendo-a, agora, a rasgar a branca pele apeteçível no terreno duro, com tão piedosas ideas de martírio, de novo Veneza me acode á memória, e entrevejo a opulenta Santa Bárbara de Palma Vecchio.

Que razão a forçaria a arrastar-se assim? Talvez uma razão de amor. Veste de negro: provávelmente luto de namorada que ficou sósinha, e veio rogar ao santo para que o defenda, ao amado, nas terras distantes, onde ela bem sabe que as noivas se esquecem. Se o São Torcato fizesse o milagre de a conservar querida, apesar da distância?

E' certamente uma razão de amor a da sua pro-

messa. Que eu, ainda agora, pareceu-me ver-lhe nos olhos trêfegos, «engalhosos», lágrimas miudinhas: as lágrimas que o padre Bartolomeu do Quental chamava «córregos do coração» — gotas amargosas da fonte triste da saudade. Que pode, aliás, muito bem suceder que o desgosto, que tão romanticamente lhe estou atribuindo, fôsse obra dalguma pedra mais afiada, a lacerar-lhe a rótula ou a arranhar-lhe a canela!

Dum lado e doutro do templo, há as casas de arrecadação das ofrendas e esmolas, com bandejas de cobre, onde de contínuo retinam as moedas. Como recibo, dão, aos que o exigem, um registro com a gravura do santo.

Do lado da epístola, fica o compartimento em que se guardam as mortalhas. São aos montões, formando uma enorme trouxa de gaze, de filó, de canutilho, de escumilha, de tecidos leves e enxovalhados.

O «amortalhado» é um tipo imprescindível das romarias minhotas.

Os senhores devem conhecê-lo: um mortal qualquer que, para sarar dum furúnculo, para endireitar uma manqueira ou curar umas sezões, promete a um patrono de fama ir mascarado á sua festa.

No desempenho dessa missão, veste, por cima da roupa uma túnica de gaze, de qualquer côr, enfeitada com lacinhos, fitas e pregas; põe uma grinalda de flôres á cabeça; agarra, ordinariamente, numa vela embrulhada no lenço, e êle aí vai, pela estrada fora, palmilhando descalço fartas léguas.

Nas mulheres, o ridículo traje apenas as desfeia;

mas quando um homem o enverga, o ridículo passa das marcas.

Nada mais cómico do que êsses labregos tôscos e alentados, que seguem pelos caminhos, de corôa na cabeça, pés imundos e alva transparente, com uma vela na mão e o chapéu e o varapau, para a volta, debaixo do braço.

Alguns, com a cegueira da penitência, conseguem esquecer Baco, que é ainda um grande deus mi-nhoto; mas outros não lhe resistem. Decilitram em quanta «capelinha» encontram, para tombarem, afinal, á beira de qualquer oratório, sem ser positivamente por devoção.

Entre muitos, vi no São Torcato um dêstes machacazes, que estava, decididamente, a requisitar caricaturista. Gordo, calvo, com uma grinalda de rosas de toucar na mioleira, cerradas e hirsutas barbata-nas no desabrido focinho, lembrava a reprodução grotesca do mais disforme, do mais bojudo, do mais repelente dos Silenos ébrios e alvares, de que as bacantes, horrorizadas, fugiriam nos bosques.

A' esquerda fica a Casa da Mesa, com duas bacias de cobre, sôbre as quais continuamente pingam esmolos, como se delas nunca se afastasse a mão devota, gotejando moedas.

Numa casa contígua, a das Promessas, acumulam-se arrôbas de cêra: velas enormes, tochas colossais, gigantescos brandões, cirios graúdos, inverosímeis, que devem arder séculos.

Há outras ofertas de várias espécies: em trigo, em

milho, em centeio, em azeite, até em vinho. Chegam a dar ao santinho animais de lavoura. Houve mesmo, êste ano, quem lhe oferecesse um relógio de prata; talvez para êle matar o seu enfado a contar os minutos decorridos desde que, a 26 de Fevereiro de 719, adormeceu definitivamente na bemaventurança.

Fialho, que esteve aqui em 1902, disse que o São Torcato, que êle comparou a um Papuss na sua urna, era santo «que só de bacia rende cinco contos, sem falar no que possa vir a fazer por fora dela». Para que possam fazer uma idea da importância da festa e dos ardores generosos da fé que a alimenta, copiarei a nota exacta do rendimento dêste ano: cinco contos duzentos e sessenta e nove mil trescentos e vinte cinco réis.

Entre os donativos, apareceram noventa e sete libras e nove meias libras em oiro, uma moeda de D. Pedro II, cincoenta e seis gramas de objectos de oiro, o já citado relógio de prata, uma junta de bois, e mais um boi.

As ofertas em cêra elevaram-se a oitenta e sete mil e setecentos quilos.

São dados exactissimos, que eu seria incapaz de falsear. Os cinco contos e pico dizem tudo, as ofertas dos ricos, que levaram libras em oiro e as dádivas dos pobres, que elevaram a importante soma até êsses ultimos cinco réis que graciosamente a enfeitam e desbanalizam, como o seu mais insignificante, mas suadíssimo e sincero óbulo.

Quantas dessas migalhas lá haveria? Pena é que a estatística o não possa dizer, já que a pouqueza dos míseros tinha tanto direito á menção como a grandeza da junta de bois do opulento.

Que, ás vezes, nem opulentos são os que assim sacrificam os seus bens e chegam a arruinar-se, na interesseira esperança das poderosas manigâncias da santaria!

Por um caminho estreito, entre verduras, salteando regatos, que vão dar ao pequeno rio Cêlho, daqui oriundo, vai-se ter a São Torcato o Velho, sítio obrigado á visita dos devotos.

Há ali uma velha e insignificante capelinha dêsse nome, que dizem edificada no mesmo local em que o cadaver do santo foi encontrado.

Refere-o a lenda, ingénua como o são todas as endas, e como o eram as almas imaginosas que, co-tivamente, as criaram.

Para que logo a possam compreender, preciso de lhes narrar aqui, em reduzido esbôço e pouco santa prosa, a vida acidentada de São Torcato.

Principiarei por dizer-lhes que, no agiológio, há mais dois varões com o mesmo nome.

O primeiro, cujo corpo está em Santiago de Compostela, é São Torcato irmão de Santa Suzana e de São Cucufate, e foi martirizado em Braga nos tempos de Sergio Gallia, «por não querer adorar a Silvano e a Ceres».

O segundo, discípulo de São Tiago e bispo de

Acci ou Guadix. no reino de Granada, deixou várias relíquias no convento de Cela-Nova na Galiza.

Dado o natural pendor que o fraco entendimento humano manifesta para o êrro, tanto um como o outro teem, repetidas vezes sido confundidos com o brilhante apóstolo de que me vou ocupar, e que a carinhosa providência divina conserva estupendamente intacto, em seu corpo mortal para glória da sua santidade e inequívoca edificação do cristianismo espírito minhoto.

Pretendendo ser breve. cingir-me-ei á *Vida preciosa e glorioso Martírio de São Torcato, arcebispo de Braga*, por Domingos da Soledade Sillos. egresso de São Francisco da Província da Soledade que, pela módica quantia de dois tostões. adquiri. para meu recreio e instrução, numa barraquita fronteira ao templo, pomposa e desnacionalizadamente intitulada «Vitrine de São Torquato».

São Torcato, Torquatus Felix, nasceu em Toledo, a imperial cidade dos godos, de nobre tronco romano. no seculo VII. Com a protecção de Santa Leocádia. que é a padroeira de Toledo. e de São Tiago. patrono das Espanhas. por êle continuamente invocados foi. contra sua modéstia e humildade, nomeado arcepreste da maravilhosa sé toledana. Depois. por morte de Hidulfo Felix, é aclamado bispo de Iria Flávia ou do Padrão. tendo de deixar Toledo.

«As cidades do Padrão e de Toledo eram o Demócrito e o Heráclito, chorando uma tanto quanto

a outra ria e se alegrava». Diz, perifrásicamente, o seu historiador.

São Torcato não esteve muito tempo em Iria Flávia. Morrendo Fruarico, bispo do Pôrto, é escolhido para lhe suceder, entrando então no futuro Portugal a que viria trazer, para sempre, o tesouro inestimável dos seus ossos imperecíveis.

Em 693, vai assistir ao décimo sexto concílio, celebrado em Toledo, para punir a traição nefanda do malvado bispo Sesiberto, que pretendia paramentar-se com a célebre casula de Santo Ildefonso, presente da Virgem Maria: cujos resplandecentes pés santificaram *per omnia secula* aquele venturoso pedacinho de mármore, que, ainda hoje, os fieis tocam extasiados, na pequenina capela da Descensão.

«A eloquência de São Torcato — prossegue o cronista — de tal sorte se manifestou neste concílio, que o Arcebispo de Braga, Faustino, que nele presidiu, resigna a cadeira e a primazia das Espanhas em favor do Bispo do Pôrto, e todos os bispos respondem: — «é bom e justo êsse conselho»; mas opondo-se a esta decisão o rebanho portuense, para que êste não chore a sua orfandade e Braga não perca um Pastor de virtudes tão acrisoladas, decide o Santo Sínodo que Torcato seja Arcebispo Primaz de Braga regendo simultâneamente a Diocese do Porto, e pouco tempo depois também governou a Igreja de Dume».

Correm os ribeiros mansos e confiados para o

mar, grande e bom, que a todos recolhe e leva aos seus destinos. Assim como outros tantos rios ansiosos de se confundirem na grandeza dum oceano os rebanhos das almas esperanças correm a acolher-se á infinita virtude do santo arcebispo. certos de que em melhor mão não poderiam entregar as rédeas do seu govêrno.

Braga, exultante, recebe festivamente, como um real dom do céu, o seu novo prelado, que, vendo tão acrescidos seus espirituais domínios, redobrava de zêlo e presteza ao serviço de Deus, que, com omnipotente graça, lhe incutia fôrças sobrehumanas.

Corria, dêsse modo, afanosa e exemplar a vida do predestinado varão, quando os árabes irromperam pelo sul da Espanha.

Era o crescente que vinha ameaçar a cruz. Iam defrontar-se, em tremendo duelo, a Bíblia, com seus versículos de luz, e o Alcorão, com suas tenebrosas sentenças.

Desavindo com D. Rodrigo, último rei dos godos, o Conde Juliano abre as portas de Ceuta a Muça, a quem o califa de Damasco nomeia emir de toda a África. Morria o visigótico império.

Tarik, feito por Muça, de seu escravo, seu logar-tenente, ganha a batalha de Guadalete, e marcha, sem estorvos, até ás portas de Toledo, que, sem demora, se lhe abrem.

Vendo nos feitos de Tarik uma ameaça ao seu poderio, ordena-lhe Muça que suste a avançada. Tarik despreza a ordem. Despeitado, Muça desembarca em

Sevilha, e, depois de várias vitórias, vem juntar-se em Toledo com Tarik, que, embriagado pelos triunfos, o depõe por desobediência.

Divididos, vão, cada um por seu lado, talando a Espanha, até que, de novo juntos, invadem a Galiza.

«Os dois vencedores caminham juntos, e na vanguarda dos seus exércitos voava a fama de suas crueldades. As terras por onde passavam esterilizavam-se, de todo arrasadas; parecia que a mão do Inferno ou a lava ardente do Vesúvio as havia regado. O sagrado era tanto vítima do seu furor, como o profano; tudo fugia á sua vista, os habitantes desapareciam todos, e a Galiza ficou reduzida a uma espantosa solidão».

Da Galiza passam as enfurecidas hostes a Portugal. A' frente da sua enorme diocese, São Torcato estremecia de pavor, ao informar-se dos sangrentos passos do exército infiel. Com largas penitências e ininterrupta vigília, orava sem repouso, encomendando aos altos céus, que interrogativamente fitava em vão, a sorte desesperada das suas numerosas ovelhas e daquela risonha terra, que êle amava.

Os sarracenos, impetuosos, conquistam e arrasam Guimarães «Que esperava a cidade de Braga?» — pergunta o narrador. «No relógio infalível batia a última hora da sua destruição».

«Rodeado São Torcato de seus filhos abençoados, que êle muito amava, êstes lhe propõem o exemplo de Sinderedo, Bispo de Toledo, que ao aproximarem se os bárbaros vencedores ás portas daquela cidade,

fugiu para os montes; porém São Torcato lhes responde: — «Meus filhos, é obrigação do pastor dar a vida pelas suas ovelhas; morrerem os filhos e salvar-se o pai, que glória resta?... que prazer terei se me sentar sôbre essa última pedra, onde a cimitarra mussulmana deixe escrito em letras de sangue: — *Aqui foi Braga!*... Como desempenharei os officios de Sumo Sacerdote, sem templo, sem altar, sem ministros e sem assistentes?... Não, meus filhos, não sigo o vosso conselho: irei ao encontro do inimigo, ou para o vencer com a persuasão, ou a morrer com o rebanho de Jesus Cristo.»

Contando apenas com essa tão fraca arma da sua dialéctica, forte sómente para os que sabem ouvir a palavra do Senhor, se vai o santo, com um pequeno bando, ao encontro dos invasores.

Combate assim tão desigual nunca se vira. «Junto a Guimarães se encontram os dois exércitos: um composto de vinte e sete cristãos, com São Torcato á sua frente; o outro composto de muitos mil bárbaros, comandados pelo inumano emir de África, o general Muça...»

Era a morte certa, para o santo e para os seus vinte e sete companheiros, cujos nomes em grande parte se perderam.

Ainda assim, São Torcato não desanima e intima! «Ouvi e crêde!»

«Acreditai ou morrei!» — Contraresponde Muça.

A tal voz, São Torcato heroicamente replica:

«Apelarei das tuas crueldades para o Califa de Da-

masco; os vencidos não resistem; se respeitam as tuas armas, respeita tu a sua religião; podes roubar-nos o ouro, a prata e a mesma vida, mas nunca desarreigar de nossos corações o nome do Crucificado. Eu sou o pastor do rebanho bracarense; a mim compete repreender a tua ousadia; pois já que não acreditas no Evangelho, teme a ira do Céu, que puniu a Faraó quando perseguia o povo de Deus: e se queres a minha vida e o meu sangue, pronto darei tudo para salvar o rebanho que o Senhor me entregou.»

Desprezando a virtuosa fala do seu santo inimigo, e dando, covardemente, ouvidos á sua cólera exasperada, o general em pessoa, Muça o feroz, cortando todas as possíveis reclamações do arcebispo, e aceitando o generoso oferecimento que êle tão nobremente fizera, descarrega um certo golpe, que o colhe na nuca, dando-se também ali logo morte ignominiosa aos seus fieis companheiros.

Até aqui, falou a história. Começa agora a lenda, sempre mais bela.

Morto o santo, o seu corpo, que os vermes respeitariam, ficou ao abandôno, sem outras honras do que as que os corvos lhe dispensaram, passando, altos e respeitosos, em continência ao venerável cadáver, que suas ásas negras não roçavam, mas antes protegiam dos raios mais rigorosos do sol.

Naquela terra, regada pelo sangue puro dos mártires, espesinhada pelas patas desabridas dos corceis açulados, batida pelo gume afiado das cimitarras, fôram crescendo árvores e arbustos, densamente, como

se a natureza quisesse encobrir aos homens tão horrível espectáculo, sôbre o qual a própria lua não passava sem velar o rosto com uma nuvem clara.

Crescia o arvoredó, improvisando para o santo um vívido ataúde.

Em seu tórno, depois da agoniosa algazarra da guerra, fizera-se o silêncio: um silêncio vasto, de muitas léguas e anos, em que o esquecimento ia preparando os bilros doirados da lenda, que as vindouras imaginações haviam de tecer, como teia delicada em mãos finas de mulher.

Os homens haviam olvidado por completo o venerando mártir, incorroído entre os arbustos. Só o céu, vigilante, mandava todas as noites ao seu filho estimado um astro vagoroso, que descia sereno, pairava sôbre a sarça, e logo mergulhava nela, de ramo em ramo, como um pássaro de luz.

O luminoso milagre da estrêla, que assim vinha de tão longe conversar com o insepulto, trazer lhe talvez ao corpo sacrificado a saudade palpitante da sua alma gloriosa, escapava aos mortais. Os pastores, que a viam visitar a terra, julgavam-na uma vulgar estrêla cadente. Quantos, baixinho, entre os lábios, lhe mandariam a costumada saudação do «Deus te guie»?

Entendeu, porém, o céu que a hora era chegada de patentear aos cristãos o tesouro que a terra virtuosa do Minho guardava numa bouça cerrada, de que só uma estrêla sabia o caminho, e deu a um monge beneditino, que todas as noites subia a tocar

matinas, olhos para ver a estrêla mensageira, que vinha pousar na terra como uma ave luminosa cansada do firmamento.

Só a êle, no entanto, era dado vê-la. Comunicando aos outros monges o extraordinário caso, em todos encontrou a dúvida, e em alguns o escárneo com que soem acolher os factos celestes aqueles que usam as vendas do pecado.

Favorecido da divina graça, o bom frade não desanimou. Mui atento e pontual, observava todas as noites a jornada misteriosa da estrêla milagrosa, conseguindo determinar o ponto exacto em que ella se afundava na folhagem.

Foi dizê-lo a um cabreiro, que costumava parar ali perto. Respondeu-lhe o pastor :

—Uma luz assim a descer! Isso, ou é farol ou santo pensar . . .

Como o frade teimasse e insistisse, combinaram ir ambos ver o que haveria no meio da bouça onde a estrêla se metia.

A bouça era, porém, muito grande e impenetrável. Por mais esforços empregados, não conseguiram os dois curiosos lá entrar, como se o céu desejasse perservar o santo de toda a humana convivência.

Dado que a mata não cedia, e o desbravá-la a ferro seria tarefa lenta de mais para a curiosidade dos dois, decidiram-se a lançar-lhe fogo.

Durante horas, a labareda, que nascera indecisa, prosperou e medrou arrebatadamente, convertendo o espêsso mato numa fogueira enorme e claríssima,

que em muitos quilómetros á roda denunciava, com seu esplendor e fumaceira, o achado surpreendente que os homens iam admirar.

Depois do fogo ter escaldado o terreno, e mal o rescaldo consentiu que os pés lá se afoitassem, o frade e o cabreiro, seguidos do povo que se acumulara, avançaram e viram o cadáver intacto de São Torcato.

Imediatamente todos se persuadiram de que não podia tratar-se senão dum grande santo ali martirizado. Tanto mais que, para afastar quaisquer suspeitas, ao levantarem o prodigioso cadáver, logo rebentou, no sítio em que jazera, uma fonte de água puríssima; a mesma que a popular cantiga celebra:

São Torcato, corpo santo,  
Que lais a quem vos vem ver?  
Aguinha da minha fonte  
Pr'a quem na quiser beber.

Ali deliberaram os povos circumvisinhos erigir uma capela em honra do mártir, que esteve lá até ser mudado para o templo em que o visitámos.

Não deixa de ser curioso acrescentar que a pressa do frade e do cabreiro, em devassarem o segrêdo da estrêla e da bouça, ia prejudicando o santo. Um latagão que interroguei, e me narrou, pouco mais ou menos, o que deixo escrito, referindo-se ao tom escuro do rosto do santinho, explicava-me:

— Foi de quando lhe botaram o fogo. Está todo queimadinho!

A capela do chamuscado santo está hoje vasia e sem culto. Junto á sua parede da direita, brota, numa pequena pia, de baixo para cima, a tal nascente, de tão milagrosa água, que todos os romeiros aqui veem lavar as suas mazelas, ou, preventivamente, refrescar a cara e as mãos.

Mulheres com cântaros e toalhas oferecem a água do santo. Em todo o redor da capelinha, há gente que lava, mais ou menos decentemente, esta ou aquella parte do corpo, enxugando-se pouco para não tirarem a virtude á ablução.

De calças e ceroulas arregaçadas, o meu alentado informador põe-se a chafurdar dentro da própria nascente. Lava os olhos, as orelhas, a bôca, o nariz, as mãos, e vem para nós, apregoando as excelências da portentosa linfa:

— Vai em três anos, tive eu umas nascidas, com que nem o cirurgião lá da terra se «astrevia». Vai senão quando um rapaz lá da terra, que andara todo chagadinho, benza-o Deus, me disse que viesse ao São Torcato. Cá vim, lavei-me muito bem com a água do santinho, e sarei logo. São águas de muita virtude.

Em resultado da curandeira scisma o terreno está todo alagado, Começamos a sentir nos pés a santa humidade. A noite vem baixando. Decidimos tornar ao arraial, pelo caminho escuro, por onde uma linda moçoila, que há pouco lá na fonte lavava, convicta, uns olhos formosos - capazes, êsses sim, de fazerem milagres! — vem cantando num grupo esta trova

arcaica popularizada em todo o Portugal, e em que apenas costuma mudar-se o nome da festa :

Ai, fostes ao São Torcaito  
Nem um anel me trouvestes:  
Nem os moiros da Moirama  
Fazem o que tu fezestes.

São Trocatles, São Torcaito, São Trocates, de todos êstes três modos o invocam os seus romeiros; menos pelo seu exacto e nobre apelido romano de Torcato, que o santo humildemente engeitava, assinando apenas Felix

Quanto mais estropiado é o nome que lhe dão, maior parece ser o fervor que lhe consagram. Querem-lhe como a uma criatura viva. O facto da sua indecomposição chega, segundo depreendi, a attribuir-lhe, em certos espíritos acanhados, essa palpitante qualidade.

São Torcato é, assim, um ídolo formidável, pela veemência das crenças que inspira, pelos dilatados confins a que se estende a sua devoção, pela concorrência de multidão que a sua festa convoca. Vem gente da Galiza para o adorar.

Ao regressarmos da velha capelinha do santo, colhe-nos de novo antes dos olhos novamente o abrangerem, o ruído violento do arraial em pleno júbilo. Dir-se-ia intensificado, reforçado, por novas fôrças barulhentas, que se tivessem desencadeado durante a nossa ausência; exacerbado pelo advento da noite, aquietadora de pudores; dementado por todo um dia

de sol, que comunicou ao sangue o rubro incêndio do ocaso; dilatado, ampliado pelo contacto irresistível da alegria e da barulheira; agora unido, contínuo, igual, como um mar que confundisse, unificadamente, mil torrentes; como um vendaval arrebatado, que desgrenhadamente misturasse todas as brisas.

Acompanhando as ruas principais, que cortam regularmente o vasto campo, sombreado de copadas arvores, e estendendo-se até aos últimos limites do seu extenso perímetro, correm os mastros embandeirados e as grinaldas da iluminação, que, em altos andaimes de rodas, numerosos lanterneiros vão acendendo com rôlos de cêra.

E' a sabida e sempre vistosa iluminação «á moda do Minho»: mastros caiados, com escudos variegados e galhardetes, aguentando os festões de buxo, onde em largas curvas se penduram os copinhos. Êsses copos de papel, arame e sêbo, de côres ber-rantes, que, aos milhares, dão essa especial, fácil e impressionante beleza que nasce da repetição, e faz o encanto dos regimentos, juntando em grandes porções uniformes ás vezes detestáveis.

Na rua central, a que corre na frente da escadaria do templo, há uma aparatosa decoração em abóbada acesa, com rosas e amores de papel e luz ao centro, que o armador, muito ufano, me diz ter já servido em Lisboa e no Pôrto.

Não faltam também as imprescindíveis tigelinhas.

Dum canto e do outro do terreiro, começam a

avançar, serpentes coloridas, as filas policrómicas de lumes que vagarosamente se juntam e tarjam alegremente, com o seu rutilar de pedras baratas, toda a rua, passando a invadir a mais próxima, como um rastilho inflamado minando a escuridão.

Não se podia deixar São Torcato ás escuras. O templo tem também a sua iluminação. Bicos de acetilene esplendem insuficientemente na galeria da fachada, abrindo uma roseta indecisa no cimo, avivando a cruz de remate, e dando um tom azulado e irreal ao granito nitente, que, ao luar, chamado á competência, alveja como um corpo de virgem sem mácula e sem clâmide.

Nas incompletas tórres, improvisou a habilidade dos iluminadores, com papel e velas, uns sinositos ingénuos, de barriga amarela e cabo verde, que fazem as delícias dos romeiros embasbacados.

Sinos balofos, de papel iluminado, numa basílica de boa pedra, é como quem se lembrasse de adaptar um carrilhão de bronze a uma gaiola de grilo. Mas êles gostam e êles o pagam, não vale rir.

Que não aturam gracejos sôbre a sua festa êstes bons camponeses, prestes a descarregar, à primeira voz, os tremendos cacetes contra quem lhes desrespeite o santinho!

Nos espaços circundados pelas ruas, há barracas, toldos, palanques e coretos.

Nas barracas vendem-se doces, refrescos, bolachas. Lá numa ou noutra, brinquedos, coisas de barro, bugigangas, recordações. Duma, concorridíssima, desa-

parecem bem regateados, mas nada baratos, harmónios e pandeiros.

Em muitas, joga-se a vintens. Há dezenas de batoteiros, com roletas mais ou menos modestas e engenhos de azar de vários sistemas: rodas de cavallinhos, guarda-sois numerados, taboleiros furados, discos com animais pintados, etc.

Depara-se-me um novo aparelho de palpíte: uma fita numerada, girando entre duas colunas de metal, e a que, sendo vermelha, os empresários deram o nome de «Fitinha republicana».

Uma «banqueira» esquelética e sardenta, de estrábicos olhos afastados, caçando as moedas com gestos perfeitos de rapina, faz o meu encanto, ao observar que não há como ser proibido o jôgo para se jogar tão ás escâncaras.

E' trágica a goiesca mulher da mísera roleta! Arisco um vintem ao 7, só para ter o prazer de a ver deitar-lhe a mão, fulminante como o bico adunco dum gavião.

Sob os toldos, em profusão, compridas mesas, cheias de gente, cobertas por toalhas, que são autênticos «lençóis de vinho», e sôbre as quais pouco tempo permanecem as grandes postas de bacalhau, os bolinhos, as fatias de carne, o caldo verde e os nacos de pão enfarinhado.

E' uma devastação, uma orgia pantagruélica, o mais encarniçado desafio de comezainas e comilões.

Além e acolá, branquejam amplos fornos, onde se assam peças gigantes, ou se coze massa ás carradas.

Pipas gordíssimas, imóveis, com seus preciosos ventres bem calçados, esguicham de contínuo o verde néctar: o vinho espumacento, arroxado, fresco, convidativo, sem o qual o minhoto não é gente.

Há pipas às dúzias, e a multidão, que vai duma à outra, atrás do melhor sumo, rodeia-as carinhosamente, fazendo companhia. sem nunca as deixar sós, às «boas velhotas», como lhes chama um entendido abade meu amigo.

Em certos anos, esvasiam-se no São Torcato, sem que caia um pingo no chão, oitenta pipas. Mais de cem vi lá eu, e não é natural que regressem como fôram.

Segundo parece, houve um ano em que faltou, por completo, o vinho no São Torcato. Já foi há tempo, quando ainda não estava canalizada a água das fontes do santuário. Como fazia calor, um espertalhão lembrou-se de trazer, em vez de vinho, uma pipa de água. Fêz bom negócio. Tão bom que, no ano seguinte, cada taberneiro, pensando no caso e fazendo disso o maior mistério, lhe seguiu o exemplo. Juntaram-se assim não sei quantas pipas de água, que nada renderam, pois o que os devotos reclamavam em grita era o vinhito, que deu bons cobres a um tasqueiro do logar.

De cima dos palanques gozam os comodistas a procissão, os bailaricos, a iluminação e o fogo.

Nos coretos, as mais agaloadas e pitorescas filarmónicas rivalizam em chinfrim, tocando coisas mirabolantes, em que os músicos, além de tocarem, ca

tam, assobiam, sapateiam, e até zurram, nesse delírio de imitação, que é, para os «mestres» minhotos, o supremo ideal, nunca atingido, da nobre arte do sôpro.

Em meio duma rua atulhada topei com um ventruado filarmónico, tocando apoplético, entre os empurrões, um cornetim bem areado. Não percebi bem a sua missão, senão quando, reparando a um lado, deparei com a filarmónica que lhe correspondia, e que, dentro em pouco, entrava de detonar e gemer tão furiosamente, que, meio atordoado, compreendi que se tratava de parodiar um qualquer combate célebre, com aquele gordo e implume cornetim destacado do ninho mavórtico.

A paródia, o exprimir com a sua banda um temporal na Mancha, uma guerra no Oriente, a fundação da monarquia, o nascimento de Moisés, o romper da aurora, a Santíssima Trindade, ou uma gericada em família, eis o obcecante propósito dos regentes do Minho: teimosas criaturas de privilegiada resistência acústica. para quem todos os ruídos, todos os barulhos e todas as scenas, excepto a música, cabem na embocadura valorosa dos seus trombones ou nos resfolegantes pulmões dos seus clarinetes.

Sei dum que andou anos a elaborar, para a sua indisciplinada charanga, uma complicada composição, em que, com muitos bemois e semi-fusas, queria traduzir isto: «o apertar do espartilho de minha mulher».

Tocou-se o trecho um dia no passeio. O mestre decidira não lhe pôr o título no programa, para ver se os ouvintes adivinhavam. Acabada a execução, alguns admiradores fôram perguntar ao suado mestre se aquilo descrevia a serração de madeiras, ao pé do rio.

Confundido á primeira, o autor não entupiu, respondeu que sim, e no próximo programa, o trabalhoso sonho da sua existência, em que êle tão amorosamente pretendera evocar os torturados e íntimos susurros do corpo da larga cara metade á pressão das barbas de baleia, aparecia crismado em «Valsa dos serradores».

Simpáticos e amusicais príncipes da batuta, talvez a musa da harmonia vos engeite, mas abençoar-vos-á, estai certos, o deus Charivari!

As diversas filarmónicas não causam, ainda assim, todo o mal que seria de prever, dado o seu número e o escolhido dos seus reportórios. O berreiro, a algararra, a cantoria, que de todos os lados se atropelam, abafam-nas sofrivelmente.

Tudo canta, grita, dança, tange, numa babélica confusão de toadas e modinhas. Os pandeiros doídos, ás centenas, são uma messe guisalhante, que ondeja em tripúdio. As violas, os violões, alguns raros «cavaquinhos», repicam endiabradamente. Os harmónios enfolados inundam o ar de notas aglomeradas.

Acaba-se por ensurdecer, por não ouvir a inferneira.

Âchamos graça a um homem que vem oferecer-nos lódãos vigorosos e brancos, como pretendendo armar-nos contra a prosápia avinhada daquele Hércules cambaleante, que vai monologando por entre dentes :

— Não sei em quem hei de dar pancada esta noite. Mas preciso «rachar uma pinha». Lá isso, tenham paciência, meus senhores !

Podem ter a certeza de que é inofensivo Tão inofensivo como aquele casal que passa beijando-se em público, descaradamente.

Se algum leitor minhoto me vem lendo, sabe que a festa ainda não está concluída ; que falta o melhor. O fogo, o melhor da festa, começa ás dez e meia, por uma estrondosa girândola de morteiros.

Com os fogueteiros minhotos, autênticas glórias do seu país, fazia-se um livro. Ninguém, a não ser talvez os orientais, tem como êles o amor da pólvora, do fumo, do clarão, o culto do fogo, a arte da chama e da explosão.

Êste ano, defrontam-se no São Torcato dois nomes famosos: um da Ponte da Barca, o outro de Prazins. Vai ser, no ar, um grande duelo a foguetes.

Os estrondeantes foguetes de bomba, os morteiros violentos, os alarmantes cartuchos de dinamite sucedem-se, em tremendos ribombos, num incessante fuzilar. Alternam com êles os foguetes de vistas, de estrelinhas, de florsinhas — o povo simpatiza com os

diminutivos de bichas, de lágrimas, de relâmpagos, de chorões. Toda uma rica colecção pirilampejante de materiais inflamáveis e coloridos.

Para evitar os freqüentes desastres, em que ficavam vidas, queima-se o fogo, a certa distância, numa baixa.

No adro onde êle se guarda, há molhos de foguetes, que os carregadores vão levando às costas, sem cautela, pelo meio do povolêu. Salienta-se um foguete colossal. A cabeça monstruosa, sujeita a uma ripa de madeira de três metros, pesa, diz o povo, duas arrôbas. Não garanto o formidável pêso, mas receio um tanto senti-lo estoirar. E' o maior foguete que tenho visto, e, aqui entre nós, estou muito convencido de que o não mandarão ao ar.

E' tarde. Há pelo arraial muita gente deitada, em curiosos e promíscuos acampamentos.

A grande maioria, porém, insiste em conservar-se desperta, em viver toda a grande noite. De mistura com o seu copázio, ou seu copinho da «rija», excitam-se mutuamente com danças e cantigas. Alguns inacreditáveis corpos bailam e saracoteiam-se há três dias. Certas cantadeiras inverosímeis estão há muitas horas sem deixar de cantar, e ainda não enrouqueceram.

Quando o estampido dos morteiros se atenua, rompe, mais furioso, o côro delirante e extenuado das vozes e dos pandeiros, espavorindo o sono traçoeiro.

Não cessam os bailaricos, nem as canções, nem

as desgarradas, nem os derretimentos, e o vinho corre, pródiga, abundantemente, chicoteando os nervos e esbraseando os olhares: o alegre e rapioqueiro vinho verde, brotando de várias fontes como um rio estranho, que tivesse a missão de mover, em seu folgante delírio, êsses moinhos de cantigas, essas azenhas frescas, que, nas goelas das moçoilas, parecem alimentadas da fresca agua que elas emborcam insaciavelmente nos copos das vendedeiras, ou nas bicas mais próximas com suas mãos em concha.

Infelizmente, as cauções vão perdendo o seu carácter rústico. São, em grande parte, trechos pretenciosos, idos dos sórdidos tablados de revista; até fados langorosos, feitos para as guitarras que não há no Minho.

Entre as mais encarniçadas cantadeiras, as maiores folionas, figuram as velhas. Agora mesmo, ali no adro, uma patusca velhota dança com uma neta, que lhe não chega á cintura.

Alvorece. O fogo do ar terminou com uma girândola descomunal.

Ouve-se, numa aberta, a voz irritada dum galo que não deixaram dormir.

Bebe-se, por todo o arraial, café quente e o mata-bicho.

Depois das quatro, queima-se o fogo preso, que já não tem aquella cómica ingenuidade dos bonecos antigos, como o barbeiro a amolar a navalha, ou o marido a desancar a mulher.

São árvores, castelos, desenhos fantásticos, fontes luminosas; peças, algumas, dignas dum bom pirotécnico inglês, mas sem o saboroso e tósco humorismo das outras.

Na última, aparece, em letras fosforescentes, êste letreiro: «Vivam os romeiros».

E' o fim.

1909



## NA VOLTA

(*Cartas a um amigo*)

### I

#### REVERENDOS

Meu caro:

Cheguei ontem duma excursão esplêndida pelo Minho formosíssimo.

Venho refeito e corado, cheio da frescura sadia dessa província ajardinada, com a reconfortante impressão de quem saíu dum completo e desentorpecente banho de perfumada e admirável paisagem.

Longe de mim a intenção de te ir agora pintar o Minho. Sequer enumerar-te as terras que vi.

Já tantos o fizeram!

Fê-lo sobretudo, carinhosa e documentadamente, o belo espírito de José Augusto Vieira, uma das memórias que mais me acostumei a respeitar, pela dedicação de que êle era capaz, e que um dia recaiu sobre mim.

Imagina que me salvou dum garrotilho, que me ia abafando em petiz!

Falar do Minho e não recordar a sua obra exaustiva, *O Minho Pitoresco*, seria uma falta.

Deixando de parte o descritivo minucioso, vou dizer-te das principais sensações que experimentei, e como uma das mais repetidas fôsse a do excessivo número de reverendos, dir-te-ei hoje dessa dominadora e ubíqua figura minhota, o padre, que é lá mais do que Cristo.

Esse torrão feraz, exuberante e rico como um tesouro velho, glorioso e risonho nas suas léguas floridas como jardins de encanto, fecundo como êle só, ubérrimo e salubre no triunfo pleno das suas maturações opulentas, é um enxame, uma colmeia, um viveiro de padralhada.

Por toda a parte, no âmago das cidades, no recorte das vilas que acolhem amigamente, no campo verdejante e aproveitadíssimo, a corôa do padre reluz e prevalece como uma pequena lua, com um pataco de prata.

E' o senhor.

Na simpatia de todas as raparigas, há um padre, doirado nas suas vestes pesadas, tentador pela rapada bochecha, em que os beijos espigam melhor que o alecrim.

Predestinado por tocar com suas mãos o corpo branco de Deus feito pão, encobridor de pecados, remendão das faltas, conselheiro das môças, estéril por dever, procriador por instinto, irresponsável pelos frutos da sua carne, livre pela proibição do ma-

trimónio, favorecido, dissimulado, dispondo para a ehalança do postigo da confissão, o padre insinua-se e arranja bem a vida.

E' o fauno.

Respeitado pela posição, amigo do rico, sugador do pobre, infalível como intermediário divino, superior pelo verniz avariado do seminário, baptizador dos filhos, casador dos pais, encomendador dos mortos, perdoador das ofensas, escriturário das esmo-las, é êle quem indica o deputado, quem livra os rapazes da inspecção, quem aconselha todos e derime as questões irrevogavelmente.

E' o árbitro.

Por toda a parte reina e prospera, engorda e refastela-se, intriga e consegue, prega e exco-munga.

Está em todas as festas, vai a toda a feira, sabe de todas as vidas, devassa todos os segredos, come em todas as mesas.

E' fatal, como em todo o cêrro uma ermida, como em cada casebre um santo pataqueiro.

E' tudo.

Há-os em todo o lado, como em todo o alto dessas alcandoradas, bem mirantes colinas, feitas para as festas pagãs e orgíacas do sol, há uma capela afamada, uma santinha benéfica, um ídolo milagreiro, que cura a sarna do gado, remete para longe o diabo dos corpos e entesa a espinhela das crianças pálidas da puberdade que chega.

Não se dá um passo sem que se aviste um padre. E se a gente se volta, lá vem já outro atrás.

Na imperial de todas as diligências, mala-postas primitivas de seis cavalos batidos, vai sempre, e pelo menos, um, mais á larga que os outros passageiros, que emagrecem para confôrto dele.

Nas vendas, estações obrigatórias das carripanas gingonas, lá está também, a beber o seu quartilho santamente.

Nas pulgentas igrejas, são quási tantos como as lembranças que, ao saíres, te mordem na pele.

Nos cafés das cidades, nas cavaqueiras das vilas, nas pousadas das aldeias, se, ao passares, não houver lá um, espera meio minuto, e assim te saísse a sorte grande. . .

Braga, então, é fecundíssima.

Contar os abades, vigários, capelães, cónegos, monsenhores, reitores, párocos, beneficiados, encomendados, etc., etc. que se encontram numa volta curta pela pequena cidade, chega a ser um quebracabeças divertido.

Há padres para todos os gôstos e para todos os préstimos: magros como velas de altar, gordos como tabernáculos, baixos como galhetas, fortes como uma igreja, fracos como pavios, ventrudos como sinos, calvos como badalos, sujos como mafarricos, aceados como arcanjos.

Há o padre cândido, de olhos baixos e falinhas mansas, ótimo para missas delicadas; o padre gra-

cejador e bom tipo, beberrão e comilão, próprio para pantagruélicas bodas ; o padre apressado e andarilho, a calhar para enterros com chuva ; o padre anafado e vagaroso, solene e possante, inegalável num viático de pompa ; o padre adamado e melífluu, talhadíssimo para chás espirituais. em que as almas se delectam com trouxas de ovos e palavrinhas bentas ; o padre irritável, boçal, apoplético, fadado para as sarrafuscas eleitorais ou para as entrevistas com o prelado.

A' saída de casa, topas logo com um. Duas portas abaixo, veem dois. E assim todo o dia.

Na loja onde compras os cigarros, há um que pede charutos.

No engraixador, tens de assistir à limpeza das botas dum que chegou primeiro, e te deixa na cadeira a temperatura da freguesia.

O carro que tomas, se é fretado, veio de levar ou tem de ir buscar o sr. padre Fulano.

Se é no americano que te metes, não levando um da direita, está à tua esquerda, a pingar-te na manga a calda dum rapé bem cozinhado.

Pois se até, menino, para satisfazeres uma dessas imperiosas e líquidas urgências que as municipalidades se encarregam de encobrir, tens de, à entrada, deparar com o sr. abade Beltrano, que sai a apertar as calças, e á tua saída já espera vez o prior Cicrano. rubicundo e pejado, batendo um pé.

E' um formigueiro.

Numa viagem que fiz de Sernande a Fafe, a ca-

valo, quatro horas a passo, com um sol de rachar, a uma hora em que a calma afugentava os viandantes, encontrei, garanto-to, oito tonsurados, montados em suas inocentes alimárias, ignorantes do pêso santíssimo que transportavam.

Esta vai longa. Adeus, com o abraço certo.

## II

### A PAISAGEM MINHOTA

Meu caro :

Quero hoje falar-te da paisagem do Minho, sensual e doce, colorida e povoada, fresca e pródiga.

— E' uma paisagem que se come. — Dizia-me, com ironia fina, um espírito claro.

De facto, certos rincões idílicos são tecidos dos bastões folhudos dos milharais, dos cachos cambiantes que, por êste tempo, se coloriam fortemente pela reacção gostosa e lenta que o sol provoca fazendo-os passar do verde áspero e rijo ao rôxo aguado, que as ferrais não excedem; depois ao azul escuro da cauda dos pavões ou ao negro metálico do chumbo velho; ou então diluindo-lhes a película dura e amaciando-lhes o tom, que baixa do verde agreste das canas descascadas frescas ao pálido matiz donzelesco das uvas brancas, apetitosas,

que, nas cepas moscateis, se doiram e transparentam como pequenos glóbulos que tivessem dentro, luzindo já, a semente duma estrêla.

Em outras bandas, sôbre o fundo das latadas trepantes e cachosas, com as perras incrustadas dos ornatos argênteos do sulfato, são o pomar e a horta que formam toda a paisagem, numa variedade tentadora.

Eram, quando lá estive, os pessegueiros que triunfavam no campo e na mesa : os melocotões e os damascos, que, como grandes bolas de oiro carminado ou de rubi doirado, como balões chineses e minúsculos, setíneos, penugentos, vergavam os galhos avaros de fôlhas, e sobrepujavam aos demais frutos, na haste pela côr, no prato pelo sabor.

Muita vez os comi, e quási os beijeï, nos braços atarracados das árvores escuras, que os suspendiam, amáveis, á altura da bôca, num serviço dionisiaco que os requintes dos mil petrechos das grandes mesas nunca igualarão.

E já agora, toma também nota da receita que um consumado amator me transmitiu, ao vêr-me descascar à faca um pêsego aloirado :

— Está a estragá-lo todo. Limpe-o muito bem, mas não o descasque.

Como o argumento me não convencesse à primeira, acrescentou :

— Toda a gente diz que o pêsego é indigesto. Ora sabe porque é? E' porque lhe tiram a casca, que é o seu contra-veneno.

Fiquei vencido, e enfarruscando um guardanapo com o pêlo dum pômo edênico — creio que Eva deve ter preferido o pêssigo! — devorei-o inteirinho.

Se êles nascem com casca é para que os comamos assim, diria aquela curiosa personagem do francês, que queria que o homem se abafasse no verão e pusesse à fresca no inverno, para seguir a lei da natureza.

Quando não é a vinha, o milharal ou o pomar, é a bouça e o mato, o souto ou o pinheiral, as carvalheiras sólidas ou o choupo elegante, como um velho aprumado.

Emfim, é o pão trigueiro e o vinho leve. A fruta esplêndida de sabores inúmeros. Os legumes tenros do cozido e do caído. O fogo dos lares. As castanhas do inverno.

E' êsse o cenário da planície, o que te espreita pela portinhola do vagão, o que te saúda ao abrires a janela do quarto, o que te acolhe nos passeios tranquilizadores por êsses virgilianos campos em que os «bondosos monstros enigmáticos» de Junqueiro ruminam bíblias nos trabalhos do amanhã, emquanto a passarada canta, a água corre, e não raro zumbem a abelha anacreônica, respeitável senhora do ferão cruciante.

Mas vista em conjunto, num grande trato lavrado e agora rico de vegetação, numa elevação em que abranjas muito, ou num dêsses altos miradouros donde alcances tudo, é outro o aspecto que te fere.

Chegando lá em Agosto ou Setembro, terás a idea dum ostentoso quadro arranjado para ti.

De toda essa extensão magnífica, em que a paisagem é constante de beleza, sobe êste grito: Trabalho, como um mugido imenso da terra fecundada, berrando o nome do amante aos quatro ventos do ar que a agitam, aos rios que a refrescam, aos montes que a defendem.

Não tens, ante ela, essa avassalante impressão de grandeza e magestade, que sentirás noutras partes.

Não é o belo natural, inculto, espontâneo, estranho ao homem.

Não é a mão da natureza, que, só por si, te desenha e te cria no terreno as maravilhas.

Não é admiração o que tu sentes.

E' paixão. E' ternura.

A paisagem vem para ti, carinhosa e irmã, de braços abertos, dando-se, entregando-se.

Foi feita pelo homem, e por isso o deseja, porque lhe deve tudo.

Não se experimenta ali a formidável impressão de deslumbramento que domina em certas paragens, onde se chega, se vê, se admira, e no fim do dia, tirando-lhes o chapéu, se volta para casa ou para o hotel sem pensar mais nelas.

Lá não sucede assim. A paisagem conquista-te, absorve-te, enleia-te, e eu só quero compará-la a uma mulher.

Como há essas belezas correctas e académicas, que se louvam, se respeitam, se observam e se per-

dem de vista sem saudade, há as mulheres atraentes, discretas, amáveis, mais lentas no agrado, as verdadeiramente lindas, que seduzem, fascinam e reteem.

Pois bem! A paisagem minhota é lindamente assim, dessa lindeza sortílega que embriaga.

Ficas dominado. Apaixonas-te. Não podes não queres abandoná-la. O espírito começa-te a esfumçar fantasias, a arabescar sonhos. Os sentidos orientam-se-te para ela. Passas a desejar ficar ali, morar ali, ali findar.

Exactamente como, no caso da mulher que prende, a quererias levar para tua casa, assim, ali, logo desejas trazer a tua casa para a sua beira, mudarté para o lado dessa amorável e fértilima paisagem, tão supremamente amaviosa e embruxadora.

E' o caso de Garrett com a Joaninha. O bucólico e lânguido desejo dos namorados. O florir alegrador do idílio. «Como há-de ser belo ver o pôr do sol! E ouvir cantar os rouxinóis! E ver raiar uma alvorada de Maio!»

E ter uma noiva linda e môça, de carne branca, para a mostrar, sôbre o orvalho cheiroso das manhãs, ou sob as sombras balsâmicas da tarde, a essa outra linda noiva velha do sol, que é a terra escura!

E queres conhecê-la toda, gozá-la toda. possuí-la toda. Vê-la expirar no inverno, moribunda, e ressuscitar, renascida, no verão. Amarelecer-se no outono, fatigada, e apresentar refeita, na primavera, as primícias do formoso parto, em que parece teus olhos enlevados colaboraram. Touçar-se de rosas e

ensopar-se de chuva criadora. Provar-lhe os frutos e arremessar-lhe como beijos a semente, no gesto recuado e quente do sementeiro.

É mais que uma sensação artística, porque a redobra uma forte impressão sensual, em que apetecem carícias, e se pensa com gula nas cachopas maldosas dos casais vizinhos.

É amor essa paisagem!

Toda a paisagem minhota é isso : amor — grande amor à terra e aos frutos, ao vinho, à árvore — e trabalho — rude, eficaz, madrugador, secular.

Não é só seiva o que circula nos canalículos dos tecidos que verdejam. É também suor ; o suor bem suado do trabalhador desvelado e incansável. capaz de dar um braço para que uma vide não seque, de se sepultar vivo para que um pé de milho cresça.

Mais que uma beleza natural, é uma beleza artística, pelo trabalho amoroso que a produz.

São quilómetros e quilómetros de verdura e cultivo, que te vão dizendo e mostrando o cuidado do fazedor, como, ao longo duma linha férrea, vais sempre vendo as pisadas do operário que bateu a terra, depôs a estaca, assentou o raile, rompeu o túnel, abriu a trincheira, atirou a ponte.

O Minho é, portanto, uma completa e admirável obra humana.

«Fazer uma terra», como êles dizem, é, para mim, quasi tanto como compor uma obra de arte.

Sítios ha onde a paisagem chega a adquirir todo o character do artifício e da convenção, tão aparente se torna o esforço do obreiro.

Certas árvores estão dispostas com um sentido do desenho verdadeiramente notável.

Os campos, as guardas, os canteiros parece ás vezes, que obedeceram às mais complicadas leis da perspectiva.

Tudo isso o fêz, laboriosa mas modestamente, o geómetra, sem óculos e sem compasso, que, ao passares na estrada, se descobre até ao chão.

Até a situação das casas, sobretudo dos casais de lavrador, é, no geral, magnificamente escolhida. Custa por vezes, a explicá-la com o instinto. Houve, decerto, além da necessidade do abrigo, o desejo da beleza. O mestre, ao abrir uma janela, quis tambem abrir um horisonte.

Tudo aquilo é, assim, belo e humano.

As obras que hoje vemos são iguais ás que outros viram. Gerações e gerações passaram e cultivaram do mesmo modo.

E' conhecido o exagerado apêgo do minhoto á rotina. O seu scepticismo quanto ao tratamento das vinhas fornece conversas interessantes. O arado de ferro custou a introduzir-se.

Essas léguas de beleza representam séculos de trabalho.

Velhos e môços, homem e mulheres, comungam no mesmo fervor à terra que os sustenta. Choram

por ela quando sêca. Riem com ela, para ela, quando fértil. Vivem por ela e para ela.

E' por isso que eu odeio os cemitérios do Minho : murados e estéreis campos de morte, roubados á população densíssima.

O minhoto devia ser eximido da obrigação que arregimenta os mortos no mesmo congresso frio. Mereciam ser sepultados na terra que os viu e faz viver.

Mais que sepultados, misturados com ela num amálgama fecundo, em que aquelas carcaças sólidas dariam, ainda na morte, viço á planta, seiva aos caules, força às árvores, brancura ao milho, glória ao vinho.

Pagãmente e ignoradamente, êles regressariam assim ao seio da terra mãe, que toda a vida lavraram, e, depois de mortos, os engeita para um coval triste a que nem sequer as pontas das raizes vão saudá-los.

Meu caro, é isto, quanto à paisagem, o minhoto : um artista.

Ao estreitar, agradecido, a mão dum qualquer desses aldeãos mesureiros, tinha sempre vontade de lhe chamar colega.

Só me continha o receio de que a modéstia os fizesse encavacar.

Adeus. Abraço-te.

## III

## NÃO SEI ONDE

Meu caro :

Chegado ao Pôrto, desembaraço-me da mala, que confio a um corrector agaladoo — a mala tua conhecida conta mais esta façanha na sua velhice aventureosa — e vou para o hotel, sedento e ávido, mergulhar num lustralíssimo banho, imperioso para a carrada de poeira que conduzo.

Não olhei para o espelho, mas devo estar preto, enegrecido, enlutado.

Sinto a pele áspera. Absorvo ainda o perfume do nocturno percurso, que me incutiu na pituitária pósinhos negros, como restos duma grande dôr esmigalhada por um pé de carvoeiro.

Zás, para dentro d'água !

E como não estou para descrever-te um banho — o que santamente praticas todos os dias, com toda «a religião heroica da fôrça, da ginástica e do banho frio», em que fala o Eça — convido-te a deitar-te sôbre a cama do meu quarto, á minha espera, lendo, á falta de papelada que remexas, segundo teu louvável e esquadrinhador costume, esta carta ainda não escrita.

Perdoarás o artifício, que reconheço de mau gosto, mas já Julio Cesar Machado disse que o «folhetinista português, como o côro grego, tem a liberdade de dizer tudo quanto lhe vem á cabeça».

Para folhetinista, como sabes, só me falta o que, naquele tempo, se chamava «rodapé», hoje folhetim.

Deita-te pois, e logo me verás chegar mais ágil e purificado pela água, como um lenço de viuva, amarfanhado e triste das lágrimas, que, depois duma barrela, volta fresco e alvo para receber sorrisos e perfumes.

Estava eu sentado num banco de pedra, não sei onde, quando vejo abeirarem-se de mim dois velhos apurados, notávelmente parecidos.

As fartas barbas brancas dum eram exactamente irmãs no corte, em brilho, em alvura, ás do outro.

Os quatro olhos dêles eram absolutamente iguais. Feições, altura, aspecto, era tudo num fielmente copiado do outro.

Apenas no semblante do de cá havia mais bonomia e acolhimento que, no de lá, se trocavam em gravidade e carranca.

Quem seriam êstes dois exemplares dum mesmo sujeito ?

E' verdade : um deles trajava, singelamente, um fato de viagem e trazia um binóculo a tiracolo. O outro usava sobrecasaca apertada e sobraçava uma pasta.

Êstes dois velhos, que me intrigavam como ambu-

lantes interrogações, dirigiram-se para o banco de pedra em que eu estava sentado, não sei onde, e, tirando das carteiras parecidas dois bilhetes idênticos, apresentaram-mos com um mesmo gesto.

Li num «Bento da Saúde», e por cima do nome havia uma campainha.

Li no outro «Bento da Ave-Maria», encimado por uma locomotiva empenachada.

Cumprimentei os dois Bentos, que se sentaram a meus lados no mesmo banco de pedra, não sei onde.

O do binóculo, expansivo, começou logo a contar-me coisas. O outro, o carrancudo, acenava, de vez em quando, com a cabeça veneranda e examinava papeis na pasta ampla.

Não respondi nada.

Nesse banco de pedra, não sei onde, scismava em quem poderiam ser aqueles dois idosos gêmeos, que usavam máquina e campainha como brasões.

Que espécie de tratamento deveria eu dar-lhes? Maquinista? Sineiro? Poderia eu dizer, como se diz barão ou visconde, segundo as bolinhas da corôa?

Ignorava por completo, esta nova heráldica, talvez democrática, como sempre ignorei a aristocrática, e continuei cogitando á sombra duma árvore esplêndida, que toldava o meu banco de pedra, não sei onde.

A alturas tantas, o ancião da direita, o expansivo, o da máquina, principiou a contar-me uma longa história.

— Já há muito tempo que eu me reformei. .

Seriam militares ?

— Vesti-me á moderna, deixei os aposentos lá de cima . . .

— Lá de cima ? — Atrevi-me a inquirir.

— Sim: morei muito tempo lá em cima, no Paraíso. A casa não era má de todo, mas havia gente demais. Estava-se a comer mal; nem davam doce á sobremesa. Como sou muito guloso . . .

— Tem bom gosto . . .

— E como tinha, aqui no Pôrto, uma grande casa, disse ao senhorio que estava velho, que não podia subir tanta escadaria, e vim cá para baixo. Não lhe digo nada, meu amigo, tomei um fartote . . .

— De ?

— De tudo, meu caro senhor! Aquilo eram trouxas de ovos, lampreias de ovos, ovos moles, ovos reais . . . Eram ovos á má cara, por uma pá velha. Doirava-se com êles o firmamento, que bem precisa duma pintura. Cá de baixo, não se repara; mas visto ao pé, o senhor calcula lá! Já nem tem côr.

Eu boquiabria, pasmado, ouvindo o calão enigmático do velhote tagarela.

— E uns pasteis de amêndoa, que lá se faziam? Admiráveis! De primeiríssima ordem. Qual estrêlas, nem qual carapuças! . . .

— Carapuças? Estrêlas?

— Sim senhor. Lá em cima, davam-nos ás vezes estrêlas de escabeche, mas onde ficavam essas estrêlas! Quando as punham na mesa, tinham, algumas, três séculos de colhidas. Uma verdadeira bodega!

Eu cada vez percebia menos, sentado no meu banco de pedra, não sei onde, que raça seria a dêses dois seres, tão semelhantes na aparência, que comiam estrêlas com três séculos.

E que estrêlas poderiam ser essas? As do céu? A vulgar sopa de estrelinhas?

— Pois é como lhe estava dizendo... Desforrei-me da penúria. E depois que mulheres!

Os olhos ardiam-lhe como brasas ao vento.

— Aquilo, sim, podia-se ver. Onde ficavam as virgens?

— Não eram virgens?

— Eram mais do que isso. Aquilo é que eram íreiras! O mais é uma história. E andava tudo a gabar as onze mil...

— Tenho ouvido falar.

— Um horror. Parecem de arame.

— Como os colchões?

— Para palminhos de cara, o meu convento. Tive lá uma abadessa, meu caro, que nem me quero lembrar. Humana, meu amigo! Terreal!

Porque não diria antes divina, celestial?

— Houve por lá bocadinhos! As agostinhas... de Gondomar, e as lindas cachopas que vieram de Tarouquela e de Vila-Cova. Bons tempos!...

E o velho tinha nos olhos ternas saudades húmidas.

— Depois foi o incêndio.

— O do Baquet?

— Não senhor. Em 1783, não é do seu tempo,

houve lá no meu convento um grande incêndio. E lá se foi tudo.

— Que pena !

— Só mais tarde, quando aí o meu colega de Lisboa quis acabar com as casas divinas, é que tornei a caçar uma môça tenrinha, que veio de Monchique.

O outro, o da esquerda, o carrancudo, abanou a cabeça, e continuou a ler papelada, ao som da água que escorria junto do banco de pedra, em que eu estava sentado, não sei onde.

— Depois, como o senhor deve saber, deitaram tudo abaixo, para fazer a estação. Cá ando á espera de casa.

— De casa ?

— As obras já começaram. Dizem que vou ter uma estação catita.

— E' chefe ?

— Não senhor, sou o patrono da estação.

— Era para V. Ex.<sup>a</sup> que vinha dirigido um bilhete que ontem adquiri na estação do Rossio ?

— Sim senhor. Cá o recebi.

— Nesse caso, V. Ex.<sup>a</sup> é São Bento ?

— Sou e não sou. Eu sou o São Bento da Ave-Maria, o da estação. Esse aí, é o São Bento das Côrtes, o de Lisboa. Mas o verdadeiro São Bento, nosso tronco, já não existe.

— Bem sei que São Bento já morreu há muito.

— Sim. Mas o que o senhor não sabe, é que êle já se desfêz lá em cima.

— Então a eternidade ? A immortalidade ?

— Histórias... Eu lhe conto. Quando morre algum santo, vai lá para cima imediatamente. Ora, como êles vão sempre esfomeados, em lá chegando, enchem o papo.

— Parece-me justíssimo.

— Foi o que aconteceu a São Bento. Meteu-se lá com uma alma de beata. Ora as almas de beata são quási sempre machas.

— Não sabia.

— A de São Bento era fêmea — as almas dos santos são geralmente fêmeas — e dêsse acaso nascemos nós todos. Somos muitos. Criaram-nos, crescemos, e o paisinho mandou-nos tratar da vida.

— Muito me conta V. Ex.<sup>ã</sup>!

— Eu, como vinha com ideas místicas, tive primeiro um convento. Agora, como vê, civilizei-me, e vou montar uma estação. Aí o meu colega meteu-se na política, e é o empreiteiro dos negócios públicos. E temos mais irmãos. Um seguiu a devoção, endireita ossos, concerta pernas, e olhe que se arranja bem. Chamam-lhe o São Bento da Porta Aberta.

— Conheço muito bem. Vive no Gerez.

— Tal e qual.

Não havia mais dúvidas para mim, que cruzava de novo a perna, no meu banco de pedra, não sei onde.

Estava metido entre o parlamento e a estação central: São Bento do Pôrto e São Bento de Lisboa. Dois polos da vida nacional.

Um é o embarque para os espaços largos. O outro, o desembarque para os postos altos.

Num, agita-se com o lenço aos que partem. No outro, com a campainha aos que berram.

Em São Bento, no Pôrto, põe-se o boné, e inicia-se a viagem. Em São Bento de Lisboa, põe-se o chapéu, e interrompe-se a sessão.

No norte, ao chegares, desces as malas. No sul, ao seres eleito, sobes as metáforas.

No Pôrto, em São Bento, é-se passageiro ou carregador. Em Lisboa, em São Bento, é-se deputado ou pretendente.

Ali, compram-se bilhetes e despacha-se bagagem. Aqui, mercam-se votos e anicham-se afilhados.

O São Bento expansivo, o da locomotiva, é o cais da liberdade para os que, contentes, tomam o comboio que os transporte ao sonho dos novos horizontes, á beleza das terras desconhecidas, das cidades ignoradas, ao pitoresco dos caminhos.

O outro São Bento carrancudo, o da campainha e da pasta, é a boia da indolência palavrosa, a que se amarram as cascas de noz que, amanhã, inchando mais, serão o ôco ministerialmente triunfante.

Num, pede-se a palavra. No outro, deseja-se a beleza.

Acordei. Estava linda a manhã.

Saí. A rua estava fresca e animada.

E aí tens tu o resultado do banho: uma imaginite endiabrada, complicada com a história do mos-

teiro de São Bento da Ave-Maria, que lera na véspera.

Vai um abraço rijo, pois, se chegaste ao fim, estás decerto a cair com sono.

São Bento te proteja, e a mim não me desampare!

1904.

## DUAS ROMARIAS

### I

#### A CAMINHO

Em Braga, na reverenda Braga dos repiques e dos cônegos, às quatro e pico da manhã, já há devotas que recolhem da primeira missinha, a «das almas», tão matutidamente celebrada, que parece ser a última do dia anterior.

Contra o que se poderia supor, as criaturas que assim madrugam a digerir, purificadas, o santo sacrifício dos domingos, não são nenhuma beatas trôpegas, que o reumatismo expulsasse cedo da cama, ou a quem só reste, à falta de qualquer outro gôsto, a voluptuosidade de ver nascer o sol.

Essas, se já estão a pé, ficaram na igreja, à espera de segunda ou terceira função.

As que enxergo, recolhendo ao lar, com perigo de ainda toparem o dianho pelas ruas, são agradáveis donzelas e risonhas meninas, que saem do templo frescas e rosadas como as próprias horas da manhã.

Na Arcada, num cafésito de velhas mesas de mogno, o do «Arranjadinho», é o escritório da diligência que temos de tomar.

Pela Rua dos Chãos, desembocam, já de volta da festa, meios pálidos da noite bem andada, com evidente sono, mas ainda com pulmões para cantarem, grupos de Marias e Maneis: elas com o calçado ao hombro, êles trazendo nos chapéus o registo dos santinhos visitados.

Donde a onde, tangem o pandeiro obrigado.

Para os romeiros do Minho, o pandeiro é, durante a marcha, o que as guiseiras são para o gado: um estímulo repinicado, afugentador da prostração.

São trânsfugas da festa. Romeiros temporãos, que, pela tarefa urgente, ou pelo desejo de aproveitarem outra das romarias que presentemente se sucedem aqui e além, não esperaram pelo dia grande.

Cantando, desfilam, na manhã que se esclarece, como pregoeiros do sol, que se apressa ao seu chamado.

No largo, o magote dos passageiros vai aumentando. Supõe-se que, para nos transportar a todos, venha um carro grande, como aquele que há pouco, em rebate falso, passou por nós sem se deter.

Mais uma ilusão! Daí a nada, surge um carrito pequeno, uma «catita», com três míseros cavalos, lão acabrunhados, que quási beijam o terreno com os focinhos pendentes.

E' à uma que todos trepam e se alcandoram no tejadilho, ou se comprimem e encafuam no exíguo

interior da carripana. Em alguns minutos, está aquilo cheio a deitar por fora.

Felizmente, no rotineiro Minho, ainda há o respeito dos doutores. Como estou com dois, deixam-nos instalar, sem discussão, ao lado do cocheiro, numa relativa comodidade, que, comtudo, nos obriga a levantarmo-nos sempre que queremos tirar um cigarro do bôlso.

Voltando de receber as ordens e a água-ardente do patrão, o cocheiro olha para a carrada com um certo desalento, coça a cabeça, e, virando as costas, vai, á cautela, beber mais um da «rijinha».

Quando reaparece, já mais confiado naqueles seus três magros recursosinhos, põe-se a arranjar os arreios, que é cada um do seu feitio e qualidade, acariciando o gação, como que a suplicar-lhe que o não deixe ficar mal. E para enxugar melhor o copinho, reentra no café.

Ao sair, fiscaliza de novo a desordem dos tirantes e das cabeçadas, e não lhe encontrando remédio, olha mais uma vez a carga que tem de levar, acende uma ponta de charuto, sobe para o seu posto, toma as rédeas, cospe nas mãos, e empunha o chicote, com a certeza de ter achado, finalmente, a solução áquela tremenda desigualdade entre o pêso e a fôrça motriz.

Sente, ali na sua mão, a alavanca propulsora. Com o seu chicote bem seguro entre os dedos fortes, considera-se capaz de mover por essa estrada fora a Falperra e o Sameiro.

Dêem a um cocheiro minhoto um chicote resis-

tente e um burro recém-nascido, e mandem-no arrastar um comboio sem a locomotiva. E' capaz de chegar á tabela.

Há a primeira arrancada, difícil, escorregada, praguejante, que os passageiros comentam um tanto receosos, e larga-se aos bordos, aos boléus, com o gado entorpecido, derreado, a pedir misericórdia.

Volta e meia, perdido o impulso, estacamos. O cocheiro, aproveitando o mínimo pretexto para deixar respirar e reflectir os seus rocins, desce da almofada e finge que compõe uma correia ou uma corrente, que, escuso de dizer, ficam na mesma.

Leva-se um bocado a chegar a São Vicente. Mais adiante, lembra-se de aparecer mais um passageiro : uma cachopa de Amares, e de truz, que tem de ir sentada no estribo, e chegará ao seu destino branca de pó, como se em cada légua percorrida tivesse envelhecido dez anos.

Galgada a barreira, nova paragem para pôr as guiseiras nos cavalos das pontas, e, como de Infias em diante é a descer, o carro roda, os cavalitos aquecem, convencem-se do inevitável do seu destino, e, com mais ou menos rapidez, lá se vai até á Ponte do Bico, sôbre o Cávado, não distante da outra sôbre o Homem, que, ambos, irrigam lautamente o velho território de Entre-Homem-e-Cávado, memorado pela tôrre medieval de Dornelas.

Deixando a estrada que, por Vila Verde, leva aos Arcos, enveredamos, á direita, pelo antigo domínio dos senhores poderosos.

Começa-se a subir. O cocheiro apeia-se. Nestes carros manhosos, os cocheiros fazem, no geral, as subidas a pé. Para aliviarem o carro do seu pêso, e principalmente para poderem chicotear mais á vontade as alimárias. Quando o látigo já não basta, trabalha a vara do chicote.

No Minho, não há touradas á espanhola, mas, quanto a martírio de cavalos, existem as viagens de diligência. São, ás vezes, verdadeiramente desumanas, tendo apenas a atenuante do homem se cansar a bater mais do que as bestas a puxarem. No fim das rampas compridas, o cocheiro, congestionado, ofegante, reocupa o seu logar a escorrer água por quantos poros tem.

De resto, é preciso ter em conta a endurecida sensibilidade dêstes solípedes de carreira. Vergoadas na pele já quási lhes não faz mozza. E' por isso com requintes de crueldade, que os cocheiros buscam as partes ainda permeáveis á dor: as chagas da coelheira, as descarnações da espinha, as canelas finas, ou a face interior dos quadris.

E não há que protestar. Alguem que o faça, receberá, invariavelmente, uma explicação dêste jaez:

— Isto só assim é que vai. O patrão está enganado! Não tenha dó. Se se lhes dá descanso e apanham um homem desarmado, pegam-se para aí, no meio da estrada, que não há quem faça «bô» dêles. Então é que nem para trás, nem para «diente».

O que não impede que, daí a pouco, quando o carro trota bem, o mesmo cocheiro passe a contar-nos as

façanhas das suas pilecas, que, se andassem mais folgadas, não havia outras que lhes levassem a dianteira.

Mas a carrada, desta vez, é de se lhe tirar o chapéu, e o cocheiro, vendo a coisa mal parada, não vai nada contente.

A certa altura, passa por nós um breque, que vai mais leve, e pertence á mesma alquilaria do nosso que é na Feira Nova, por onde temos de passar.

Para o nosso ralado postilhão, o Domingos, por alcunha o Barrelas, o outro carro é como um raio de sol. Vá de gritar ao colega que se adiante e peça para lhe mandarem uma sota ao caminho.

Como Deus é servido, atravessando os povoados, que se sucedem visinhos nesta povoadíssima zona, lá chegamos á vista da Feira Nova, ao mesmo tempo que vem ao nosso encontro, com um homem montado nêle, o requisitado suplemento.

No vasto largo da Feira Nova, há, sob numerosos toldos de lona, á porta das tabernas, ranchos deromeiros abancados a comerem, e carros de toda a forma á espera dêles.

Temos meia hora de demora. Esvasia-se a carrejola, e refresca-se o gado com a clássica sopa de broa e vinho verde, com que no Minho é da praxe tratar os cavalos cansados.

Aproveitarei o ensejo para dar ao leitor algumas luzes sôbre viação minhota.

Os carros de passageiros, que fazem carreiras regulares, dividem-se em duas categorias: a diligência,

que é um carro fechado com vidraças e de grande lotação, e o «catita», ou a «catita» — o género varia segundo os proprietários — uma espécie de breque, com tejadilho, resguardado apenas com cortinas, quando as tem.

Como o pescador de todo o mundo baptiza a sua embarcação com os mais belos nomes que sabe, o alquilador minhoto dá aos seus veículos as denominações mais pomposas: Conquistador, Vencedor, Invençível, Voador, Pimpão, Destemido.

Todos trazem o nome numa tarja lateral bem visível, e no geral repetida de ambos os lados do carro.

Êste, em que temos vindo, é circundado por um dístico engraçado: «Sou teimosa», lê-se dum lado, e do outro: «e não há volta».

A nossa «Sou teimosa e não há volta» é, como estão vendo, uma «catita» presumida. Tem o anjo da fama pintado na portinhola, por um artista que assinou repetidamente Serafim, e nos tampos da boleia, por trás das lanternas, dum lado uma marinha, e do outro um toureiro estoqueando um touro.

Abalamos de novo.

Aquecido pelo vinho, o gado corre agora melhor, com a sota á frente, até Amares, uma vilória asseada, onde desce a cachopa empoeirada e o Barrelas vai beber outros dois.

Vem connosco, desde a Feira Nova, um garoto para a sota.

São ao todo três os chicotes. Barrelas amigo traz

dois: aquelle com que saiu de Braga e outro, mais comprido, que recebeu ao engatar da dianteira. O sota, é claro, tem o seu. Dá, aproximadamente, um chicote para cada cavallo.

Quando a estrada sobe, é uma girândola de chicotadas.

O rapaz, que nas descidas se encarrapita no estribo, salta para a frente, e é então pancadaria de criar bicho, á ordem do Barrelas, que já não desce do seu logar e comanda a manobra :

— Vá, rapaz! Chega-me nesses cavalos. Anda-me com êles!

O garoto descarrega com alma.

— Nesse cavallo aí, rapaz! Acende-lhe duas lambadas das têsas! Fôrça! Puxa-me essas pancadas! Por cima, não. Não lhes dês no lombo!

Barrelas quer livre o seu campo de acção.

— Agora nas pernas. Vá, rapaz! Chega-lhes nas orelhas! Prega-me duas ripadas nesse alma do diabo!

Como o rapaz não é pêco, o Barrelas, para variar, manda cessar o fogo :

— Bonda, rapaz, bonda! Que me arreventas o animal! Está bem. Sobe lá para o estribo.

Daí a nada a velocidade torna a afrouxar, e lá volta o Barrelas :

— Rapaz, ó rapaz! Passa-me cá para o outro lado. Escacha-me aí êsse malandro. Vá, cavallo!

Entende-se isto com o cavallo da sela, que, decididamente, o Barrelas não vê com bons olhos.

Todo o cocheiro minhoto tem, entre o gado que

dirige, um inimigo pessoal de quatro patas, mas que, todavia, nas ocasiões de bom humor, é um animal que custou um ror de libras, e pelo qual já ofereceram ao patrão quinze moedas, e não o dá nem pelo dôbro.

Em Goães um toldo estendido, de lado a lado da estrada, lembra um docel árabe. À sua sombra, veem duas raparigas, com selhas e cântaros, no impedimento do pai, que foi para a festa, dar de beber aos cavalos. O cocheiro paga-lhes com dez réis.

Na simplicidade da scena, entre os milharais, há a frescura misericordiosa duma visão bíblica. Que pequena moeda para uma tão grande esmola!

De peripécia em peripécia, por entre chicotada bravia, chegamos ao Bouro, onde dormem os restos da Ribeirinha, a amada de D. Sancho, e que, pela fértil acolhida, pela fartura dos pomares, cuja laranja é celebrada, pelo seu desmantelado convento de bernardos, me lembra sempre, sem se parecer nada, a terra nédia de Alcobaça.

O Barrelas segue com a carripa para o Gerez. Nós deixamo-lo ir, e vamos pedir almôço ao Zé Luís.

## II

## SÃO BENTO DA PORTA ABERTA

Com dinheiro, tudo se arranja. É, em qualquer parte, velho axioma.

No verde Minho, também o sujo metal soi aplanar dificuldades e dar rodas à vida, mas é bom não nos fiarmos nêle demasiadamente, sobretudo em ocasiões de romaria.

Nesses dias de efusiva confraternização, em que o vinho e a estúrdia desamarram o sentimento, andam os corações mais ávidos do que as bôlsas, e a generosidade mais pronta que a cubiça.

Ninguém como o minhoto respeita as suas festas, a que concorre, pontual e despreocupado, de alma aberta, desejoso de compartilhar do seu contentamento e do seu farnel com o seu semelhante, de dividir o seu pão, repartir o seu vinho, e oferecer o seu carro ao primeiro que chegue, dominado por essa febre de solidariedade e convivência que dá a alegria sã, pura, ilimitada, desta terra amável e amorável por excelência.

Certamente que há, pela fatal necessidade do contraste aferidor, vis exploradores, que se aproveitam das ocasiões, mas são uma minoria insignificante.

Regra geral, em cada pessoa a que nos dirigirmos, teremos como que um amigo, que se sentirá muito mais bem pago se lhe apertarmos a mão com sinceridade, do que se o gratificarmos com largueza.

Em gentilezas, êstes rústicos das aldeias minhotas levam uma palma muito grande aos senhores da cidade, graças à sua pátriarcal e descerimoniosa franqueza.

Por isso, nas romarias, o dinheiro, de que até o pobre é pródigo nesses dias, nem sempre concorre em milagres com o santo, que, aliás, morre por êle.

Vale muito mais, quando há festas, um conhecimento. Com gente conhecida, arranja-se tudo, e o mais que fôr preciso, porque até os cocheiros tanto se deixam entusiasmar pela festança, que são muito capazes de desprezar uma promessa tentadora a um estranho qualquer, mas farão todo o possível para não deixarem em terra, vão lá com quem seja, alguém que saibam quem é.

Fiados em tal, nós, tendo de seguir para o São Bento da Porta Aberta, chegados ao Bouro, deixámos ir o Barrelas embora, e fomos almoçar tranqüila e, em honra do fronteiro convento, fradescaimente, dispostos a trilhar por aí arriba a pé ligeiro, se, por negregada sina, falhasse a quási certa esperança de encontrarmos algum carro de acaso — o termo exacto é «de fanico» — que lá nos levasse.

Alimentados superabundantemente, sem que a idea da rija caminhada, a que a sorte talvez nos obrigasse, conseguisse amargurar-nos a digestão, saímos a par-

lamentar com o estalajadeiro, para que nos arranje condução.

— A esta hora, patrão, não será fácil!

O Zé Luís coça a cabeça, olha a chusma dos carros espalhados no amplo rossio, e comenta que «estão todos com o focinho para baixo», isto é para o lado oposto àquele para onde devemos seguir.

— Mas isso arranja-se! É questão de mais meia hora, menos meia hora. Ora eu parece-me que vai agora largar um carro de Braga, que aí está com uma família! O Sr. Dr. espera aqui uma migalhinha, que eu já lhe venho trazer a resposta.

Um sr. dr. no Minho vale, nestas alturas, uma herança graúda. De mais a mais, tratando-se de alguém querido e respeitado em toda a província, como é o dilecto e ilustre amigo que me acompanha, autoridade incontestável em assuntos do norte.

Daí a nada, volta o hospedeiro com cara de pás-coas:

— O carro é pequeno e a gente é muita, mas diz que se couberem . . .

É claro que, nessas condições, cabe-se sempre. A humanidade é, por felicidade, essencialmente elástica. Onde cabem três, cabem dez. E lá vamos à pressa.

Por coincidência, o chefe da caravana é, em Braga, visinho do meu amigo. Ao verem-no, logo as várias senhoras da comitiva são as primeiras a insistirem para que suba.

— Mas é que estou com um amigo! — Responde o meu companheiro, fazendo cumprimentos.

— Que tem lá isso? A companhia vem também. Há muito lugar.

E, com a mais visível das satisfações, armam-nos o melhor lugar na boleia, ao lado dum avô, já desregulado, de oitenta anos, que vai todo o caminho, coitadito, a encolher-se para que eu me alargue.

Somos, com o cocheiro, quatro à frente. Dentro, vai o amável chefe, a mãe, a mulher, duas cunhadas, um pequenito recém-nascido, um irmão mais velhinho, a ama e outra criada. E tudo isto os três garranitos arrancam lestes, enquanto as senhoras tagarelam.

À estrada para o São Bento da Porta Aberta é, até quasi ao templo, essa, admirável, do Gerez: uma das mais belas e das mais variadas dêste Minho panorâmico e laborado.

Fita acidentada, e agora esburacadíssima, lançada em curvas deliciosas sôbre declives fortes, dominando, em alturas desassombradas e respeitáveis, as encostas ásperas, agricultadas pacientemente com heroicos esforços, e o vale magnífico e precipitoso, em cujo fundo apertado cava muito a custo, entre pedras torturadas, um rio tortuoso e límpido, que vem da serra, dá-nos horisontes diversos, cambiantes, em que, no alto, põe São Mamede dos Frades, com a sua capelinha branca, o seu cume estratégico.

Ao longe, avista-se o Castelo de Lanhoso, com a sua tôrre, onde se diz que esteve presa D. Teresa, às ordens de seu filho Afonso Henriques, e Rodrigo Gonçalves Pereira incendiou, em defeza da sua honra,

ao saber que ela aí «fazia maldade com um frade de Bouro».

A paisagem, por vezes deslumbrante, faz-nos sentir mais do que respeito, comovida gratidão pelo trabalho poderoso do homem, disputando ao granito o seu sustento, plantando o milho e a vide em leiras estreitas, sôbre socalcos, guardadas do vento por murositos escalonados, e dispostas segundo a orientação das águas, de modo que há morros nus com o centro plantado, como se o arado ali tivesse de passar levado pelos enxurros, que não por êsses dóceis bois que o revolveram.

Pela estrada, onde os povoados entraram de se distanciar, amiudam-se os carros com romeiros, que, desde Braga, em sentido oposto ao nosso, vimos encontrando, atulhados e barulhentos, saudando os que tardaram com estrepitosa algazarra, e por vezes com pitorescas invectivas, no que, certamente, levou a melhor aquela «santinha» que nos disse:

— Adeus, «tiinhos»!

São grandes carroções, *char-á-bancs*, breques compridos, americanas enormes, landós a três cavalos, diligências, «catitas», que, todas cheias, parecem pirâmides humanas, onde tudo canta, ri e toca.

Os raros automóveis que passam, amaldiçoados, dão a nota triste da vertigem dos que, não querendo ver, só teem pressa de chegar.

Após a extraordinária frescura de Valdosendo, sempre entre a glória dos pâmpanos pendentes das árvores, em simetrias de decoração rigorosa, começa a divisar-se a veiga encantadora de Vilar.

É depois a garganta feraz de Rio Caldo, em cuja freguezia fica o São Bento da Porta Aberta.

Estamos nas altas e lindas terras do Gerez.

A estrada abre um ramal curto, que seguimos, deixando a que vai para as Caldas, e em pouco tempo, eis-nos no terreiro da igreja, onde chegamos, pode dizer-se, ao desmanchar da feira.

Reduzida é certo, mas repugnantemente asquerosa, topamos, logo de entrada, com a ala dos pobres, que, em todas as festas minhotas, forma, no ingresso dos arraiais, uma guarda de honra de miséria e imposturice.

Nesta, que nos acolhe com lamuriosas preces, há apenas os restos, ainda aguerridos, da mais nutrida hoste pedinte que ali deve ter estado.

Ficaram os mais mutilados, os mais difíceis de transportar. Criaturas sem pernas, sem braços; monstros deformados por males horríveis: gafados, sarnentos, elephantíacos, macrocéfalos, hipertrofiados, disformes, chagados, repelentes.

Na deserção que em tudo se nota, com os últimos carros que partem e as primeiras barracas que se desarmam, lembram coisas inúteis e miseráveis, recusadas, inservíveis; escórias, vestígios, porcarias, que a multidão, que debandou, ali deixasse abandonadas ppositadamente.

O fogo queimou-se ontem. Fogo deitado é arraial levantado. O último foguete marca o fim da festa.

A procissão saiu pela manhã, e logo tudo desandou para a Abadia ou para casa.

Defronte da igreja, é a fonte obrigatória, imprescindível, de todo o santo cá de cima.

A do São Bento é um chafariz abundantíssimo da bela água destas alturas, fresca, puríssima, translúcida.

Não há taumaturgo ou teurga, no Minho, sem a sua fontesinha milagrosa, que tudo cura. Prova, decerto, da persistente sôbrevivência dalgum velho culto hidrolátrico, da eterna crença popular nos génios das nascentes.

Moderno, o templosito do São Bento é; detestavelmente, agressivo e amachacado no recente picado do seu tôsco granito. Nada tem sequer de pitoresco, com a sua tórre ensinalhada. Só o salva a situação, que é excelente, como lugar de isolamento.

O interior é da mesma fôrça, ou pior ainda. Pintado de fresco, em horrendas garatujas, com doirados pretenciosos. As paredes, estucadas, tanto poderiam ser de hospedaria como de balneário.

Na capela-mór, há um revestimento de grosseiros azulejos, que, à fôrça de borrões azuis, parecem feitos, com tinta de escrever de fórmula alemã, sôbre papel de chupar. Para mais realce, juntam aos erros de desenho alguns disparates ortográficos, quanto ao modesto latim dos dísticos, como êste: «*Biati qui habitant in domo tua Domine*»!

Representam, desenxabidamente, segundo me que parecer, várias passagens da vida do primitivo ermitão e da fábrica da primeira capela.

No trono, sôbre o altar-mor, com a costumada sentença de escadas interiores a ambos os lados, ofee-

ce-se à gula dos fieis, numa pequena imagem bastante má, o venerável patriarca beneditino.

Em cima da sua larga peanha, êle lá está, com o seu hábito negro orlado duma cercadura doirada, com o capuz deitado sôbre o cucuruto da cabeça calva, onde três mechas de cabelo escorrem muito lambidinhas, e a sua cara, um tanto de cólica, e na verdade de muito poucos amigos.

Com a dextra abençoante, ampara o báculo luzidio, e na mão esquerda equilibra, quási de pernas para o ar, um livro grosso.

O santo nursiano tem, à sua esquerda, a mitra, que lhe não caberia com o enorme resplendor, e à direita o corvo simbólico, com o pão no bico: aquele corvo, algo renitente, que segundo a *Legenda Aurea*, o companheiro de Romão mandou, em nome de Jesus, levar o pão envenenado, que Florêncio traiçoeiramente lhe ofertara, para sítio em que nenhum homem lhe pudesse tocar. E o corvo, relutante ao principio, lá o carregou não se sabe para onde, voltando três dias depois, a são e salvo.

Como nota curiosa, reparei em que o pão, que o negro bicho tem no bico, é, vincado ao meio em duas metades, do feitio dos pães que por cá se fabricam, e são certamente muito mais fôfos e brancos que as mortificadoras côdeas do deserto, que, tão meritóriamente, São Bento preferiu roer.

Em matéria de santidade, êste maneirinho São Bento da Porta Aberta é das mais decisivas e poderosas autoridades. Não há tumor, sciática, nem entorse

ou fractura, que lhe resistam. Figura entre as maiores celebridades da medicina e da cirurgia minhotas.

De volta com êle desde que o ano nasce até que se fina, andam-lhe sempre os devotos a pedinchar favores e restabelecimentos. Todos aqui caem, infalivelmente, com a promessa e com a espórtula, na festa grande, que é de 10 a 14 de Agosto; havendo duas outras, menos concorridas e solenes, a 21 de Março, o dia do abade fundador, e a 11 de Julho.

As esmolões somam anualmente avultadas quantias, que fazem do São Bento da Porta Aberta um ricaço, ao que parece bem explorado.

Êste ano, o rendimento da festa passou dos quatro contos, sem contar a cera e os presentes.

Da festa, ficaram os andores, atirados ali para um canto da igreja. Num dêles, está São Lourenço, que tem nestas festividades da Assunção um papel interessante.

«Por São Lourenço, vai à vinha e enche o lenço», manda o provérbio. Ora o dia de São Lourenço é a 14 de Agosto, o dia de Aljubarrota, coincidindo, portanto, com as romarias de São Bento da Porta Aberta e da Abadia, que sempre lhe pingam alguma coisa.

Pelo caminho, fartámos-nos de encontrar a sua imagem, de bandejinha à frente, nessas mesas de peditério que se armam nas estradas, geralmente diante de alguma igreja ou ermida.

À hora de partirmos de Braga, devia estar saindo a matinal e curiosa procissão do santo do Escurial,

cujo andor e a grelha os devotos enfeitam com os primeiros cachos, à laia de Baco.

No São Bento da Porta Aberta, cá o temos. Iremos encontrá-lo na Abadia.

Donde se conclue que São Lourenço é companheiro inseparável dos santos e das senhoras da sua oitava.

Apesar de terminada a festa, há ainda uma bicha de romeiros que enfia pelas escadas laterais até diante do santo, com um ou outro à mistura que as sobe de joelhos, o que é obra, e as desce, em três voltas, do mesmo modo, o que é mais que obra.

Lá em cima, em presença do ídolo, sacam dos lenços e passam-nos, com embasbacada unção, pelo rosto do santinho, tocando depois com êles, cheios de fé, a própria face.

Há romeiro que, não se contentando só com a virtude fisionómica do calvo abade, lhe esfrega com o assoadoiro o corpo todo, beijando lhe reverentemente os pés, as mãos, o báculo, a mitra, e até o pão do «corvinho».

É, como no São Torcato, a transmissão do fluido miraculoso pelos objectos, na mais atrasada e perigosa das superstições fetichistas.

Presenciada a transmigração magnética, vamos, à esquerda, à Casa da Cera, onde se acumulam as velas, as tochas, os brandões, as mortalhas, e passamos à sacristia, do lado da epístola, a tempo de ouvirmos um mesário espertalhão discutir com um contratador o valor dumas arrecadas.

Neste Minho crente e primitivo, há ainda, no século XX, mulheres crédulas bastante para se desfazerem dos seus brincos e das suas cruces, do oiro em que tanto garbo fazem, para o dar a um homem: porque, apesar de virtuoso, São Bento -- e é o que elas não sabem! -- teve de fazer «sair a chaga da sua alma pelas chagas da sua pele», diz Voragine, quando, no deserto, o tentador lhe recordou a imagem tentante daquela criatura que êle vira outrora.

Com os brincos, há moedas de oiro. Trinta e tantas libras, novinhas e reluzentes, vi eu contar aos homens.

O papel, o cobre, a prata, o níquel guardam-se, cá fora, na nave da igreja, dentro dum enorme arcaz, que, quando um dos «banqueiros» lhe soergue a tampa para tirar qualquer coisa, vejo repleto de dinheirama.

Nada admiraria que os ladrões abundassem. Mas êles que venham, e verão! Desanimariam com o caso espantoso que a tradição refere.

São Bento, não sei por que bulas, anda aqui no norte associado aos ovos. É um santo essencialmente omlético. Parece ser para êle, ou por êle, que as galinhas destas regiões cacarejam e se espremem.

Em Braga, há, na Misericórdia, o São Bento dos Ovos, ao qual se oferecem as mais frescas posturas das capoeiras da cidade, metendo-as num aparelho semelhante a uma caixa de escolas, engenhosamente disposto para os não partir.

Nas suas solidões de Rio Calvo, o São Bento da Porta Aberta era tambem muito guloso das boas gemas e das recentes claras.

À sua velha capelinha, cuja porta, como o seu nome indica, nunca se fechava, vinham os devotos trazer-lhas; de modo que o santo, permanentemente exposto à visita dos fieis, tinha sempre a seu lado, além do corvo negro, uma branca cesta de ovos frescos.

Aconteceu que uma noite passou pela capela alguém que, dizem os seus fregueses, o quis roubar, mas talvez apenas sentisse, nessas desabridas paragens batidas do vendaval e do aguaceiro, a friorenta necessidade de se reanimar com uma gemada a preceito.

O certo é que entrou e foi-se direito aos ovos, escolhendo e empalmando, à luz da lâmpada fustigada pelo vento, quantos lhe aprouveram.

O santo, que não dormia, podia muito bem tê-lo estendido logo ali com uma certa mocada do seu báculo; acção, de resto, pouco digna de tão ínclito varão. Preferiu fingir que não dava pela coisa. Com o santíssimo sangue a referver lá no Paraíso, deixou o gatuno tirar os melhores ovos do seu cestinho.

Radiante, ia o meliante a escapar-se com o frágil produto do seu latrocínio, quando, então, o santo, em seu iluminado estro, julgou a ocasião asada para intervir com um exemplo de arromba. E fêz esta coisa simples e extraordinária: não deixar sair o ladrão.

O povo não explica mais. Diz só que o homem não pôde transpor a porta da capela.

Donde se infere que São Bento o fêz ficar cravado na soleira, com os ovos na mão.

Assim o encontraram no dia seguinte, e só depois

de rogar muito perdão ao santo, é que êste lhe consentiu que recobrasse a faculdade de se despegar do seu limiar.

O portentoso caso, que para sempre ficou servindo de aviso aos cubiçosos, demonstrou, escusado é dizê-lo, mais uma vez, a infinita bondade do santinho, que, em lugar de ferrar com o roubador na cadeia, parece que pregou com êle no céu, depois de arrependido.

Desde essa época, ainda que o santo tenha revelado o melhor dos tinos policiais para se guardar a si próprio e aos seus ovos, entenderam os que mandavam na capela, como de bom conselho, fecharam-lhe preventivamente a porta.

Começaram então a rarear as ofertas em ovos, e o São Bento da Porta Aberta passou a ser, como qualquer outro dos seus muitos concorrentes, um São Bento com a porta ora aberta, ora fechada, segundo as horas.

A capelinha transformou-se no banalíssimo templo que descrevi. Só o seu nome não se obliterou, nem morrerá, na memória piedosa dos seus romeiros.

## III

## O FORMIGUEIRO

A plataforma da igreja, com êsse ar desarrumado que as procissões deixam atrás de si ao recolherem, está toda juncada de galhos de medronheiro, com as bagas ainda verdes e as fôlhas espesinhadas do calcurriar da multidão.

Como escasseiem, nessas erguidas terras, o rosmaninho, o tomilho, o alecrim e as outras hervas fragrantas com que é uso alcatifar os santuários em festa, o medronheiro é o arbusto característico do São Bento da Porta Aberta.

Todos os devotos se adornam com êle. As mulheres, trazem grandes molhos nas mãos. Os homens enfeitaram os chapéus com a sua folhagem.

Não querendo fugir à regra, catávamos um ramo mais virente para a lapela, quando uma voz insinuante, partindo dum grupo de mulheres curvadas, como nós, a apanhar verdura, saudou graciosa o meu companheiro :

— Então o Sr. Dr. também veio à festa ?

— Pois claro. Quem se preza . . . Adeus, Rita ! Vocês quando chegaram ?

— Viemos de Braga pela manhãzinha. Às seis horas.

— A pé?

— Nada que não. «Havera» de ser de carro!

Era um rancho de cachopas de Braga; de cachopas do campo e do trabalho. Duas irmãs e uma cunhada, com mais uma companheira, que se lhes juntara no caminho.

Saídas da cidade depois de nós, haviam galgado pelos atalhos até à Abadia, que já haviam visitado, e de lá, pela serra, até ao São Bentinho.

O diminutivo é, no Minho, sinal de respeito carinhoso. Ninguém trata os santos favoritos de outro modo.

— E para onde ides agora?

— Tornamos para a Abadia. Isto aqui está visto.

— Pelo monte?

— Pois?... Pelo Formigueiro.

— Se fôssemos também? — Alvitra o meu companheiro, com quem eu já esboçara vagamente êsse plano.

— O Sr. Dr. está a brincar! Ora deixe cá, que aquilo não é caminho para os senhores. Até trilha os pés à gente, que «andemos» descalças e «estemos» afeitas.

— Pois, cachopas, já ninguém vos livra da nossa companhia.

— E ela que venha, que não pode ser melhor? Cá por nós, até «gostemos». O Sr. Dr. e mais a companhia é que se vão arrepender!

— «Cais» arrepende, nem meio arrepende! — Responde, gracejando, o meu companheiro — A fibra é

rija. As pernas, enfim, não serão tão dignas de se verem como as vossas, mas...

— Ai, o Sr. Dr. a entrar-nos em casa!

— Mas hão-de dar para o recado e para outro tanto, e ainda para mais alguma coisa, que seja preciso. Não se aflijam!

— Ai, não, não! A gente é para avisar.

— Quem me avisa... Queremos engrossar também êsse Formigueiro.

— Isso é sério, Sr. Dr.?

— Não, é a rir.

— Pois então, andem lá! Toca a trepar, que senão faz-se noite depressa.

— Vocês sabem o caminho?

— Nada, que não «havéramos» de saber! Já hoje o andámos. Primeiro tudo a subir, depois tudo a descer. Não tem nada que saber.

São três horas da tarde. Por felicidade, como está enevoado, o sol não caustica.

Contra o que o leitor pode talvez supor, o Formigueiro não é a designação popular dum determinado caminho estreito, a que mais rigorosa nomenclatura corresponda. E', oficialmente, o nome único da vereda que vamos seguir, e, que, se não entra nos domínios do alto alpinismo, pertence à pouco cultivada arte de escalar montanhas em Portugal.

E' originalmente encantador êsse córrego violento, onde os romeiros, em ida e volta, recordam, minúsculos à distância, um autêntico carreiro de formigas mascaradas à lavradora.

O São Bento da Porta Aberta assenta num reduzido planalto, quasi quadrado, às cavaleiras do qual se ergue o Monte de Santa Isabel, em cujo cimo fica Alecrimes.

Rotundo e elevado contraforte do Gerez, o Monte de Santa Isabel tem ao meio duma das vertentes o São Bento da Porta Aberta, e na base da outra, numa relativa proximidade, que um túnel entre os dois oragos encurtaria, a Senhora da Abadia.

Para irem dum à outra, ou vice-versa, de terras do Gerez a terras de Bouro, os romeiros, com o seu sestro de cortarem a direito para chegar mais depressa, evitando o rodeio talvez quádruplo da estrada, traçaram êsse formidável atalho do Formigueiro, que consiste em galgar o monte quasi em linha recta até ao cimo, e descê-lo depois, do mesmo modo, pelo outro lado.

O São Bento tem aproximadamente uns seiscentos metros de altitude, o alto do Formigueiro deve andar pelos oitocentos, ou sejam, por conseguinte, duzentos metros de desnível, que se vencem, não preguiçando, numa hora e tal.

Dispostos à caminhada, largamos do terreiro do São Bento, onde os barraqueiros começam de levantar as tendas, e cujo coreto abandonado tem o triste aspecto dum chão que deu... fusas.

Tomamos por uma vereda, que contorna o único molho de casebres do exíguo povoado, e eis-nos a trepar.

Seguem-nos as raparigas, entoando a canção da abalada :

Perdoai, ó São Bentiinho,  
Que nós vamos p'ra Abadia,  
Para o ano, cá tornamos  
Quando fôr o vosso dia

Dez passos andados, já estamos superiores às cachopas. Com trinta, dominamos o rubro telhado da igreja. Com cinquenta, excedemos a tôrre, e estacamos.

À cancela dum campo que teima em dar milho nestas despidas alturas, há uma mulher com um feixe de varas e verdascas para vender. Lembramos-nos de equipar as moçoilas.

A Rita — eu já lhes falo da Rita! — escolhe logo um vergueiro taludo. A irmã e a cunhada imitam-na.

A outra, Conceição, hesita e pega numa varita de dez réis. Protestamos. Não se quiere que ela fique menos bem servida para a jornada.

Troca-se-lhe a vara por outra das melhores, uma rica vara de oliveira, que custa o preço máximo dum vintém.

Satisfeitas com a dádiva, desafiando os valentes, e jurando guardarem-nos as costas, se fôr preciso, abalam elas em cantoria pegada, esgrimindo os cacetes e dançando.

A Rita vai na dianteira, morena como um sobreiro, ladina como um garoto, alegre como só ela. E canta, canta sempre, com graça, com entoação, com uma voz límpida, que a violência da subida não empana.

Salta, pula, brinca, mete-se com quem passa, chala-ceia, provoca, escarnece, improvisa, viva, endiabrada, impertinente.

Tem dezoito anos, uma saia esverdeada de algodão, que andou a ganhar nuns serões do inverno, e traz arregaçada por uma faixa preta, chambre de lã côr de malva, e um lenço verde nos cabelos muito negros.

Não é bonita, mas nada tem de feia. E' melhor. Alegre, impetuosa, franca, simpática.

Cantando e galhofando, saracoteada e traquinas, faz toda a viagem, sem um minuto sequer esmorecer. No íngreme Formigueiro, é, despreocupada, tonta da festa, infantilmente travêssa, a cigarra.

Ao vê-la subir sem parar um momento, refazer por vezes a dançar o caminho já andado, empoleirar-se por brincadeira nos barrocais do percurso, tenho a impressão de que, no cimo do monte, em plena glória da luz, ela, como as cigarras bêbedas de sol, que levam inebriadas o canto até à morte e explodem plétóricas de ruído, vai rebentar com a sua cantiga, desfazer-se jovialmente, harmoniosamente.

Rita, que nem ler sabes, mas como nenhuma sabes rir, dou-te a certeza de seres, latinamente, uma coisa bela! Aqui fica o teu nome, que, para em tudo seres uma gloriosa encarnação dêste Minho exuberante, é dos nomes aqui mais vulgares.

Que bemdita sejas, jovial heroína da chula e da desgarrada! Bemdito teu peito môço, arca inesgotável de som! Bemdita a tua bôca vermelha e gaiata, boceta de rimas fáceis e toadas ligeiras! Bemditas

tuas pernas rijas e trigueiras de andarilha e bailadeira ! Bem dita a primavera de todo o teu corpo, ainda sem noivado, que devias conservar assim puro e viçoso, sem amores que te emurcheçam a voz insinuante, e sem nunca passares dos teus dezoito anos infatigáveis !

Em contraste com a Rita, que não passa duma criança, a Conceição é toda uma mulher. Vestida de preto e muito loira, parece que até o caminho se comove ao seu voluptuoso passo.

Com a Rita, ainda se pode brincar desintencionalmente, como com uma petiza, apesar dos seus olhos castanhos e maldosos ; dessa maldade maliciosa das rústicas, criadas no convívio directo da vida.

À Conceição, já não acontece o mesmo. O seu nome, em tão linda figura, dá vontade de lhe pôr o crescente debaixo dos pés, e a mínima frase resvala, inevitavelmente, para o galanteio. Falar-lhe é cortejá-la. Olhá-la é, apeteçê-la.

Talvez não seja uma estampa, mas, cheia de provocação suave, começa por ser loira e ter uma carne muito branca, das mais brancas que em aldeãs será dado ver.

Nos olhos azulados, não há o sorriso malicioso dos da Rita, mas uma perturbante expressão de desejo, que lhe talha nas pupilas indolentes um geito de bôcas a quererem morder.

Deve ter vinte anos e aspirar, sôfrega, obsediante-mente, ao amor. Dil-o, sem equívoco possível, inconscientemente, por todos os poros da face humedecida,

por todos os fios do cabelo, que o calor vai espalhando.

A mãe, que ficou na Abadia, deixou, com grande espanto das outras, vir a pequena com elas, que a não conheciam, até ao São Bento.

— Uma môça sósinha cá para tão longe, nunca se viu! Não que êle há mães! — Comenta a irmã da Rita, que segue mais atrás com a cunhada, ambas casadas e mais graves.

— Deixe lá, tiasinha! A mim ninguém me quere, e levo aqui muita gente para me guardar — responde a Conceição — e mais êste cacete que me deu o Sr. Dr.

Põe tal ironia nas palavras, que é como se dissesse que, querendo ela, ninguém lhe terá mão.

A mulher do norte, para descansar os braços, arruma tudo à cabeça, como se o crâneo fôsse para elas uma espécie de prateleira, em que nada as incomoda.

Farta de tocar a pandeireta, a Conceição teve a lembrança de a enfiar sôbre os cabelos, conseguindo um toucado com ressaibos de oriente.

O diabo da cachopa! Parece uma bacante. Lembra uma hieródula fascinadora.

Comprimidas pelas madeixas, as rodela da «pandeira» não retinem, mas, assim coroada com o aro de metálicos discos, é como uma dançadeira estranha, com o diadema sonoro e orgíaco sôbre a fronte alva e loira.

De meia branca e tamanquinha, com o cuidado traje negro, esta Conceição nasceu em Navarra.

Zanga-se comigo, por eu, para a ouvir, lhe chamar

espanhola. E tem razão! Primeiro porque as mulheres bonitas hão-de sempre ter razão, e principalmente porque a sua Navarra é um logarejo bem português, que fica ao pé de Crespos.

Vendo o successo da Rita, quiere competir com ela no canto e na gaiatice, mas, como não a desbanca, fica aborrecida, e vai-se deixando ficar para trás.

Cana verde ainda em botão

Ó ricóó.

E' a Rita que canta sempre, como se não pudesse respirar doutro modo. E vamos avançando.

Aqui e além, há uma limonadeira, com sua banca forrada de alva toalha, a bilha e os copos, ou um vendeiro, numa tenda de ramalhos, com um barrilzinho do verde: um barrilote de poucas canadas, compatível com as dificuldades do transporte.

O sol lambe agora toda a montanha nua e pedregosa. De vez em quando, à estreita vereda succede um lamaçal, que nos obriga a buscar as fragas ou as poldras improvisadas.

A Rita, quando lhe digo que vou sequinho de todo cá por dentro, responde, para me consolar, que «é tanto a descer como a subir» e que a rampa está a acabar.

Tem-nos prometido isso vinte vezes, mas o ladeirão cresce connosco em cima, como uma escada Mayrus. Ela nem repara e, insensível à fadiga, volta à sua cantiga predilecta:

Cana verde ainda em botão  
Ó ricóco!

Dir-se-ia que o caminho anda por ela.

Qu' eu p'ra mim, quero quem tenha  
Bom génio e bom coração.

Não há duvida que, ligeira, flexível como um coddesso tenro, a Rita das cantigas infindáveis, com o seu ricóco e a sua provisão de cantadeira afamada, é, com a saia esverdeada, o corpete verdoengo e o lenço esperançoso, uma maleável e esbelta «cana verde ainda em botão».

A cantiga preferida parece tê-la moldado à sua imagem e semelhança.

Finalmente, depois de máis algumas barraquitas feitas dum lençol atado num tronco e amparado por duas canas, onde os pipos pequenos estão à sombra, lá chegamos ao alto do Formigueiro.

Há uma vendola, com vinho abundante, num par-dieiro de pedra em ruínas.

Dança-se por todos os lados. E' assim que osromeiros se refazem da subida.

Manda-se botar vinho às cachopas, muito admiradas de nós o não provarmos.

Procura-se a Rita, para refrescar o bico. A nossa admirável cigarra desapareceu.

Que é dela?

Vamos dar com ela, toda remexida, a bailar à chula um grupo.

Lá vem molhar as goelas, mas logo torna para o baile. E' de azougue a cachopa!

Sento-me num murosito baixo, para gozar o animado quadro, e com quem hei-de dar de cara? Com o amigo São Lourenço, em imagem já se vê, ao lado de Santa Isabel, sôbre uma mesa, a pedinchar muito sisudo e paramentado.

Um campónio acerca-se, da mesa, deita uma moeda na bandeja, tira o chapéu, beija o santo, e diz em voz alta, tomando os presentes como testemunhas:

— Aqui estão os dez réis prometidos o ano passado!

Íamos-nos a pôr de novo em marcha, quando se dá pela falta da Conceição.

— Dianho da môça! — Apostrofa a mais velha. Parece tôla. Querem ver que ficou aí para trás com alguém?

Tal e qual. Nem mais, nem menos. Ei-la que surge daí a pouco, com o seu Manel, em derriceira pegada. Lá decilitram ambos na mesma caneca, como é da praxe, e abalamos, com um casamento em perspectiva.

Se, a subir, o caminho é o que o leitor pôde avaliar, a descer é talvez pior. As aguas carregam mais para esta vertente, e o piso é agora, aos trancos e barrancos, pela margem do leito pedregoso duma ribeira, com arriscados desvios por sôbre penedos estreitos e escorregadios.

Aqui cai um, acolá resvala outro, e mais abaixo tomba uma cachopa desamparada. Há pés feridos, costelas trilhadas, mãos esfoladas.

E' fatal o percalço nesse despenhadeiro, que dezenas de cantigas celebram.

Quem vale, em tão fértil quebra-costas, é o São Bento, que parece ter arranjado êste perigoso campo de trambolhões para que o prato se lhe replete.

Pago também o meu tributo, beijando o granito ligeiramente, e um pouco para fazer a vontade à Rita, que troça das minhas botas, nada talhadas para tão alpestres aventuras.

Com o pausinho na mão e a canção nos lábios, a nossa cantadeira pula e salta veloz, por penedos e lages, como uma camurça morena.

Como todos vacilam, rolam ou se estatelam, escolhe agora as cantigas que rezam de infelicidades.

São Bento, meu São Bentinho,  
Sarai-me a perna quebrada  
Que p'ra além do Formigueiro  
Eu tenho d'ir de jornada.

Outra romeira, ao passar, canta qualquer coisa que à Rita não agrada. Não a deixa sem resposta :

Meti lá essa cantiga  
Dentro dum forno bem quente,  
Que «bocê» ó rapariga,  
A cantar faz mal á gente.

Já perto da Abadia, o caminho, deixando a torrente, que se alarga em riacho, tem de fazer-se, sem trilho, por onde melhor calha.

Como eu, marinheiro de primeira viagem, me pus

seguinto, à cautela, as pisadas da guia — poeta em pós da cigarra! — a Rita, a certa altura, desarvora por ali abaixo, sem poder firmar-se, e vou, de escantilhão, abraçar-me com ela a uma árvore providencial, que nos ampara.

Ela ri, agarrada a mim. Mas passo a escolher o piso, e ela, escarmentada por ter cortado um dedo do pé na corrida, vem atrás, com mais juízo.

À beira do carreiro, fica o Penedo das Pedrinhas: um grande penhasco, que está literalmente coberto de pedras sôltas.

E' costume dos solteiros, que por êle passam, atirarem-lhe com uma pedrinha. Se a pedra lá fica, casarão nesse ano. Se resvala, teem de esperar.

A Rita, nem se pergunta, põe-se logo a jogar-lhe pedras. A primeira não acerta: mais um ano de solteira. A segunda e a terceira também lá não chegam. Afinal, a quarta pedrada acerta no alvo e permanece. Quere dizer que a Rita há-de casar daqui a quatro anos.

A Conceição também não se importa muito com o prognóstico da alviçareira penha, que lhe marca casório dentro de dois anos.

Tem vindo, toda dengosa, a par do conversado, que com tal gana atira a sua pedra de vaticínio, que ela se lhe esmigalha contra o penedo.

— O que me esperava! — Vem ela dizer-me, com espírito, quási ao ouvido.

Tive a curiosidade de vir, durante um pedaço do caminho, ao pé dos dois, e posso garantir que não é

das coisas mais divertidas um namôro como aquele. Êle, timorato e envergonhado, mal desfitando os olhos do chão. Ela, pelo contrário, prazenteira, empavezada, arrogante, era, a bem dizer, quem falava, para declarar que gostava disto e daquilo, que queria assim e assado, embirrava com esquisitices, e pretendia casar depressa, ir às festas, ter casa própria, etc., etc.

Perante as exigências da Conceição, que volta e meia me soslaiava a rir do pretendente, o pobre parôlo, mais apalermado, concordava baixando a cabeça,

Quando chegámos à Abadia, mandou-o passear. Perguntei então pelo casório, em que eu e a Rita serviríamos de padrinhos. Com um ar de desprêzo altaneiro, respondeu-me que casamentos daqueles havia por êsse mundo a cada canto, e que do que ela gostaria seria de ir para a cidade.

Deitado felizmente fora o Formigueiro, e alcançado o terreiro da Abadia, a própria Rita declara que estava cansada e que queria . . . suporão que descansar. Qual história! Que queria uma gaitinha para se entreter.

A água na Abadia é magnífica. Apesar de enchumbado, não lhe resisto, e nunca uma limonada me soube tão bem como essa que, num grande copo de litro, me preparou uma célebre botiquineira de Braga, ardorosamente morena, a quem, vendo a nódoa em tão bom pano, não quis deixar de notar que tinha a cara mascarrada.

Não sabia como isso podia ser :

— Se eu até a lavei antes de dormir!

Sentados na barraca asseada da vistosa bracarense, gastamos, a repousar, o resto da tarde.

A Rita e a sua gente abandonaram-nos, depois de eu ter prometido à Conceição uma visita à sua Navarra.

Íamos num restaurante pomposamente intitulado *Progresso da Abadia*, e como temos de vir ficar ao hotel do Zé Maria, nova esfalfeira nos estava reservada. A de palmilharmos, com noite fechada, o acidentado atalho que da Abadia traz ao Bouro.

Depois dos solavancos da «catita» do Barrelas, do percurso até ao São Bento e do puxavante Formigueiro, esperava-nos o Arrebentaço: nome, como o leitor está vendo, pouco convidativo, com que osromeiros baptizaram o velho caminho entre o Bouro e a Abadia.

Tudo num só dia, é de se cair na cama com a precipitação com que o fizemos, mal o Zé Maria nos indicou a porta do quarto.

## IV

## NA ABADIA

Nunca ninguém dormiu melhor uma noite.

Frescos, repousados, acordamos tarde, e gastamos o resto da manhã a desencardir-nos.

Mal tivemos tempo de visitar a bela igreja do mosteiro, onde a Ribeirinha já deve ser menos que um punhado de cinza.

Almoçámos ainda mais bernardamente do que na véspera, e, dispostos a tornar para a Abadia, pensamos em percorrer de novo o Arrebentaço, fiados no prolóquio :

A Senhora da Assunção  
P'ra cima dá-nos a mão.

A Providência, porém, lembra-se de nos aparecer, de mão dada com a justiça, e com a gentileza, na pessoa dum senhor juiz que, acompanhado por sua filha, nos oferece logar no seu carro. Não há como o Mi-nho para a amabilidade!

Claro está que o carro não trepa o Arrebentaço, ou, como também ouvi, Arrebentão. Segue, em curvas agradáveis, a estrada nova, que não demora muito em nos pôr na Abadia.

Os sítios de romaria são, regra geral, bonitos em toda a parte. No Minho, há alguns formosíssimos.

Nas suas alegres romagens de estúrdia e piedade, em que o vinho verde desempenha papel superior ao da água-benta, o minhoto procura satisfazer o seu ancestral panteísmo, e consegue trazer das suas festas a certeza confortante da beleza do seu verde torrão.

A devoção e a paisagem andam ligadas aqui. Entrevendo o céu como uma longínqua esperança, o minhoto prefere recapacitar-se da esplêndida realidade da sua terra enfeitiçante.

Rezar não lhe basta. Precisa de olhar, de ver, como precisa, para mais segura comunhão, de beber o verde sangue e de morder a carne alva ou morena, o pão trigueiro ou branco, dos férteis campos que o alimentam e o embriagam.

O minhoto crê arreigadamente na glória eterna, para depois da morte, mas, aos patronos poderosos e às solícitas padroeiras, pede com mais empenho a delícia de viver sem dores e sem apuros.

Cubiça as indulgências absolvidoras, mas apetece muito mais intensamente os campos arreliaadores do visinho.

Entre uma sinecura no Paraíso e uma bela junta de bois, ia jurar que pegaria na aguilhada.

Acredita que os santos podem muito contra a má sorte, mas, para o livrar da fome, suspeita, ao encaminhá-lo, que mais pode a rabiça fiel do seu arado.

O minhoto ama, acima de tudo, a beleza da terra :

beleza que, para êle, nunca deixa de revestir um nédio significado de fartura.

Tem-me sucedido ver camponeses, dos mais rudes, debruçados dos altos, a gozarem, extasiados, a ver-dejante extensão, com um carinho e uma vibração de puros artistas.

Ao contrário do que habitualmente sucede com os grandes santuários, o da Abadia é pobre de panorama.

Enterrado num curto planalto, vedam-lhe o horizonte os montes que o circundam, imprimindo-lhe um agreste carácter de isolamento.

Excelente como local de penitência, suave Tebaida para mortificados e arrependidos, só o gaudioso, irresistível, ímpeto folgazão dêste bom povo logra imprimir, por breves dias, um certo tom festivo a um deveras tão melancólico recanto.

Triste, no seu ar de amargurada e contemplativa solidão, a Abadia destoa, quanto ao cenário, das outras grandes romarias minhotas, em que a paisagem amena e o esplendor do panorama se encarregam de casar à festa dos homens a festa dos céus, das árvores e dos campos.

Não que a Abadia seja feia! Inóspita, sem dúvida, durante o inverno, não deixa de ser aprazível, agora em pleno verão, com o seu riacho, do mesmo nome, que, unindo em Pontido as suas águas às do ribeiro de Paradela, vai desaguar no Cávado.

Falta-lhe, no entanto, como lugar de folgança, êsse

acolhedor aspecto de regosijo, a atmosfera jovial, de certas suas rivais cá do norte.

Ampla, a igreja quasi encosta as paredes à peneira, de que a separam dum lado uma exígua faixa de terreno, e do outro, uma ilhargá mais desafogada do terreiro esguio e declivoso, que se prolonga até à entrada do Arrebentaço.

Nessa correioira, sombreada de austrálias e plátanos, elevam-se, a uma e outra banda, sólidas construções de pedra, em arcaria, com lojas em baixo e alpendres a todo o correr do andar de cima.

Servidas por escadas exteriores, são as acomodações do capelão e dos mesários, e as hospedarias ou «quarteis» dos romeiros, constituídos por vastos casarões, onde cada um, com outros muitos, se arranja e acarrancha para dormir sôbre os molhos de palha, que se vendem, previdentemente, no arraial.

Para as pessoas mais gradas, juizes, mordomos, autoridades, convidados, há quartos reservados, e discretamente mobilados, que, se não primam pelo excessivo confôrto, não pecam pela falta de asseio.

Com os seus telhados inclinados, de vigas salientes, e as suas arcadas de granito escuro listadas de branco, com voiais na base das colunas, essas alpendradas formam uma moldura ao recinto, que tem ao centro um cruzeiro gradeado, onde se costuma iniciar o cumprimento das promessas.

Sob os alpendres, alguns estabelecimentos: o ramo enfeitado dum taberneiro; os instrumentos dum violeiro, com os inevitáveis harmónios à mistura; as pe-

ças de carne dum açougue. Tudo protegido pela chapa berrante duma companhia de seguros.

Dos quarteis para baixo, estão os toldos, os fornos, e os acampamentos dos romeiros mais amigos do fresco.

Segue depois uma calçada rijamente empedrada, e povoada de capelinhas, com passos da vida da Virgem e de seu amado filho.

Há uma scena do nascimento de Nossa Senhora, absolutamente impagável. Com figuras de tamanho natural, representa um leito de espaventosos cortinados, onde Santa Ana repousa, pálida, logo depois do parto, enquanto as assistentes lavam a prometedora anatomia da filhita numa bacia lavrada, com seu jarro de prata e uma rica toalha recortada.

Espaçoso, o templo da Abadia foi refeito em 1644. Tem, sôbre a fachada caiada e com molduras de granito, duas tôrres pesadas, cada uma com seu relógio: o da direita de caracteres romanos, e o outro com algarismos.

Por cima do adro, abre-se uma varanda ou tribuna forrada de azulejo em laçarias. Tem, num nicho, uma imagem da Senhora, com um crucifixo na frente. Em vista da afluência, diz-se ali, na manhã do dia grande — dormiamos, no Bouro, a essa hora! — uma missa campal.

Além e acolá, num que outro cabeço, pousa uma capela. Donde a onde, escorrem fontes.

Duas pontes modestas cavalgam o riacho da Abadia, que passa, acolá, por baixo duma pontesinha de

madeira, que conduz à Lapinha, onde está, como não podia deixar de ser, a fonte milagrosa.

A história da Abadia é muito antiga. Deve ser das mais velhas, senão a mais velha romaria do Minho e do país.

Conta-se que, em tempos pre-afonsinos, um arcebispo de Braga mandou aqui fundar uma capela — a de São Miguel, sobranceira ao templo — a cujo ermitão veio em breve associar-se um fidalgo do Conde D. Henrique, Pelaio Amato, desgostoso com as mortes sucessivas da espôsa, que fazia o seu regalo, e da filha, que ficara sendo o seu único amor.

Conta-se mais que, avistando uma noite uma estranha claridade sôbre um penhasco cavado, lá vieram a descobrir a imagem da Senhora da Abadia, à qual trataram de erguer um mosteiro, que Afonso Henriques confiou à administração dos seus queridos bernardos.

Vieram de Alcobaça os religiosos, mas, amantes da comodidade e da ridência, entraram de achar o local pouco sedutor, pouco abundante, e resolveram transferir o convento lá mais para baixo, para o Bouro, onde ainda hoje se lhe vêem os restos.

Com o convento, decidiram mudar a milagrosa imagem.

A Senhora da Abadia é que não esteve por êses ajustes. Presa de todo o celeste coração ao sítio do seu aparecimento, e de temperamento provavelmente cenobítico, deixou-se conduzir até Bouro, mas

não tardou em fugir para o seu primitivo local, bal-dando todas as outras tentativas para a trazerem de lá.

E', como o seu rasgo o prova, uma santa de fun-das convicções. Apareceu na Abadia e entende que é ali o seu lugar. Quem quiser, que a venha ver.

Outra scisma relativa á imagem, era a de que ela se mostrava refractária à tinta. Queriam encarná-la, mas as côres não pegavam. O certo é que, há uns bons quarenta anos, um pintor da freguesia de Afife, de que Pinho Leal arquivou o nome, Antonio Camilo Alvares Pires, conseguiu pintá-la, tal, creio eu, como hoje se encontra, ali no meio da frontaria da igreja, inacessível, contra o costume, aos lenços dos fieis.

Na Lapinha, perto da qual fica a capela do Senhor dos Passos, há as costumadas abluções. Lavam-se, para os sarar, os membros doentes, e, para as per-servar, as partes sãs.

À hora em que chegámos à Abadia, estão termi-nadas as missas e a entrega de promessas.

Quando se trata de alguma dádiva graúda, um boi, ou uma junta, por exemplo, vem uma das filarmónicas esperá-la ao cruzeiro, para a acompanhar até à porta da igreja, onde depois é rifada.

Pela tarde, a procissão não nos mostra nada de novo. Poucos anjos e nenhum carro triunfal.

Faz calor, e os romeiros, procurando a sombra das carvalhas e das amoreiras, mostram-se um pouco amo-dorrados.

Nós, instalados com relativa comodidade na barraca duma doceira de Braga, gozamos a freguesia, que lá vem parar.

Alguns tipos das aldeias da serra são curiosos, de tacanhez e arcaísmo.

Vejo, relíquia máxima, um dêsses velhos chapéus altos, de fôlha forrada de pêlo, que constituia outrora o traje solene dos aldeãos ricos destas bandas.

O que abundam são as mulheres e os homens do campo, a que o amadurar das colheitas dá, por esta época, uma certa ociosidade. Ainda assim, há romeiro que, apesar de encantado, se não demora, porque tem ainda de regar à volta o seu campo, ou qualquer outra tarefa inadiável.

A gente própriamente da serra está pouco representada. Um homem de Choreense queixa-se-me de não ver ninguem lá da sua aldeia, nem de Surribas, nem de Saím, nem da Vesiguinha. Os cuidados do gado, mais difícil de largar, impedem-nos de se ausentarem com demora.

A propósito de pastores, alguém lembra a curiosa patranha referida no Dicionário Corográfico de Almeida.

Segundo êle, os casamentos no Bouro obedeceriam a uma curiosa fórmula.

Um parente do noivo dirigia-se à casa do futuro sôgro, onde um parente da noiva o aguardava à porta.

Tiravam ambos os chapéus, e o segundo perguntava :

— Que procurais ?

— Mulher, honra, fazenda e dinheiro! — Respon-  
dia o primeiro.

O outro ia então buscar a noiva, e declarava :

— Ela cabras guardou, sebes saltou, se em alguma  
se espetou, e a quereis, tal como está, assim vo-la dou.

Ao crepúsculo, com a fresca, o arraial anima-se.  
Nunca deixou de estar ruidoso, mas agora delira e  
atordoa.

Por todos os lados, se canta e dança. Harmónios,  
pifanos, violas, gaitinhas, cornetas, pandeirolas atroam  
os ares, estrondosos, frenéticos.

A estas horas tarefando em Braga, a Rita não sabe  
o que está perdendo !

E' a festa desenfreada, sonora. A festa que, próxi-  
ma do fim, quiere aproveitar bem os últimos momen-  
tos.

Com tanta gente desejosa de retardá-lo, chega a  
ser solene, comovente, o fim dum dia assim, excep-  
cional, como êste de 15 de Agosto, o «dia das sete  
Senhoras», o dia das cem mil canções.

As cantigas florescem a cada canto.

Umam celebram a inspiradora do festival:

A Senhora da Abadia  
Tem uma fita no braço  
Que lhe deram os anjinhos  
A vinte e cinco de Março.

Outras são belas como esta :

O meu bem ficou de vir  
 Antes de vir o luar ;  
 O luar já lá vem vindo,  
 O meu bem sem cá chegar !

A «Laurindinha» é, êste ano, a canção em voga :

Ó Laurindinha,  
 Laranja, limão.  
 Quem não tem amores  
 Não sabe o que é bom !

O' Laurindinha,  
 Tu és de encantar !  
 Tu és coradinha  
 Da beira do mar.

Acesa a iluminação, principia o fogo, deitado do alto dum morro.

Batem-se no ar, esfoguetantemente, quatorze fogueteiros. E' um torneio a foguetes e morteiros, que promete durar toda a noite, e não deixar dormir a província em pêso.

Tudo quanto a fértil fantasia dos pirotécnicos minhotos sabe architectar de detonante e relampagueado, de colorido e estralejante, ali sobe ao ar, incessantemente.

Parece que Vulcano, descendo pelo Formigueiro, se cruzou com Satanaz, vindo pelo Arrebentaço.

Passada a meia-noite, alguém nos anuncia serem horas de regressar.

Um titular, muito em destaque na política, tinha-nos oferecido o seu carro para a volta. Até ao Bou-

ro, sempre a descer, não há novidade. Alcançada, porém, a estrada de Braga, o motor começa a dar provas de irreparável mau-humor. Paramos volta e meia, para o *chauffeur* verificar a engrenagem, cada vez mais birrenta; tão birrenta, que dentro em pouco pára de vez, em plena estrada, sem remédio possível.

Por infelicidade, estamos distantes de qualquer povoado. Tomamos a resolução de irmos indo a pé até Amares.

São duas da madrugada. A estrada, sem pó e sem calor, não custaria a andar, se estivesse mais claro, mas não se enxerga o caminho.

Avançamos às topadas, por palpites, e o Visconde, como é de supor, não vem satisfeito.

Menos satisfeita, com toda a razão, vem a espôsa, para cuja pouca agilidade representa um verdadeiro sacrifício esta caminhada a desoras.

Riscando um fósforo e vendo as horas, o meu companheiro dá-nos um alegrão, com a notícia de que deve estar a passar a diligência do Gerez.

O Visconde replica que já se lembrara disso, mas que, como deve vir cheia, por causa da festa, sempre é melhor continuarmos a demandar Amares, onde há a certeza de se arranjar um carro.

Lá seguimos, como Deus é servido, até que chega aos nossos ouvidos o guisaihante rodar dum veículo. Paramos à espera.

E', de facto, o correio do Gerez: uma autêntica mala-posta, tirada a seis cavalos.

Com boa vontade reconhecidos os peregrinos, con-

seguem-se três logares dentro, que o Visconde mais a Viscondessa e o meu companheiro, ansiosos por dormir, correm a ocupar.

Eu, mais estremunhado, trato de arranjar um lugar cá fora, no tejadilho, para onde subo, não sei bem como, por cima dos muitos que já lá veem, e onde me instalo quási ao colo duma cachopa que, muito geitosa, talha para mim uma lasquinha de espaço.

Encontro-me, afinal, ainda entre os restos da festa. Sãoromeiros os que me cercam, cabeceantes.

A mais desperta é a cachopa que vem ao meu lado, e há-de entrar em Braga cantarolando e tangendo o pandeiro.

Apesar de moído, dá-me para a espartina, e, caso curioso, trago tanto nos ouvidos o típico rumor da agitação do arraial, que, ao compasso das guiseiras dos cavalos, tenho a impressão de o ouvir, barulhento, a cada lado da estrada. Verdadeira alucinação auditiva, que só a fadiga explica!

O dia vem rompendo, e Braga aproximando-se. Chegamos a casa, à casa fraternal do meu amigo, com sol nado.



## O COMBOIO DE POLICHINELO

Quem do Porto quiere chegar a Vizela, segue pela linha do Minho, e desce na Trofa.

Na Trofa, depara-se-lhe um comboio pequeno, baixinho, engraçado, que parece um brinquedo de criança, e, comtudo, pertence a uma companhia, com accionistas, escritórios, oficinas, e não sei se dividendo.

O viajante dirige-se para êle com uma certa apreensão: apreensão que vai comparando as minúsculas carruagens, que tem de o receber, com o tamanho da sua mala de mão, que o carregador lhe transporta com um braço derreado.

Segundo os cálculos, ou seja a olho, a mala, uma vulgar mala nada exorbitante, só caberá no exíguo compartimento, se se der a circunstância de lá se não instalarem pessoas.

Ora o taboleiro da estação, o regateado cais, que, como acontece com os banquinhos de senhora, nunca está debaixo dos pés que o procuram, tem mais gente para embarcar, e tem, principalmente, uma dama de avantajadíssimas proporções, próxima parenta dessas

árvores que três, cinco, dez homens não abarcam : monumentos naturais, muito vulgares aqui no norte.

Perto do comboio estreito, a bojuda senhora lembra um enigma pitoresco, em que também figurassem o tejadilho da plataforma, o chefe da estação, a campanha dos sinais e um cão vadio.

Já atrapalhado com o problema da sua mala, o passageiro vê na vasta companheira, que o mais nutrido dos acasos houve por mal deparar-lhe, uma tremenda irreductibilidade; como que o impossível, vestido de percal às riscas.

Colocado, assim inesperadamente, no domínio arreliante dos enigmas de capacidade, resolve sustar a marcha, passando a raciocinar detidamente sôbre os três incompatíveis dados daquela desequação : a mala, a dama e o homem. Fábula de pé no estribo!

Nunca será possível, cogita o seu pessimismo, conciliar os três factores, isto é meter essas três entidades distintas na trindade verdadeira das carruagensinhas que formam o liliputiano comboio.

E' de uso, à partida, pesar-se a bagagem. Porque não se medirão os passageiros ?

Eis senão quando, atentando melhor, o viajante repara numa vara esgrouviada, que se mantém em equilíbrio ao lado da global senhora. Pelo seu ar enfadado, deve ser o marido, o espôso daquela desproporcionada metade, que é o maior todo humano.

Põe-se o viajante então a pensar na desgraça supermatrimonial de possuir uma mulher com muitos metros de diâmetro, e em quantos braços seriam pre-

cisos ao enfezado consorte para abranger num só abraço o descomunal edifício, onde êle deve ter julgado que encerrava o seu amor.

A não preferir alugar braços suplementares, terá, certamente, de abraçar a espôsa em porções. Hoje, o primeiro metro; amanhã, o segundo; depois, o terceiro; e D. C., como na música — uma música desafinada, como a daquela velha sem dentes, e sem melodia, que ali apregoa «algibeiras», «regueifas», e outras coisas pouco moles.

O comboio que nos trouxe, tem estado além, todo garboso e envaidecido, a fazer pouco, a atirar fumaças para o outro, que parece uma sua cria engeitada, e está, por isso, vexado e encolhidinho.

Às três badaladas, a máquina sopra, como uma injúria última, um escarro de vapor, e o comboio grande parte numa gargalhada sonora e alvar, escarnecendo do comboio pequeno, do nosso comboio em miniatura.

Pouco depois, um empregado anuncia que o comboio-caracol, o comboio de brincadeira, que, aos olhos possantes do outro, devia parecer um comboio para môscas, feito com caixas de fósforos vasiaas, vai partir por sua vez, parodiando o comboio a valer.

O passageiro começa então a reconhecer que o brinquedo tem, como as coisas sérias, o seu horário.

Enchendo um compartimento, lobriga, comprinidamente acomodada, a incomensurável senhora, que sorri com o sorriso dos adiposos.

O carregador arranjou também maneira de lhe instalar a mala numa das rêdes do salão.

Optimizado, demanda o viajante a segunda classe. Não a encontrando, inquire do revisor, já disposto a empurrá-lo seja lá para onde fôr.

Surpresa desconcertante! Não há segunda classe.

A segunda classe é, neste comboio de pouco fôlego, a primeira. A seguir à primeira, só há a terceira classe. E' curioso poder existir uma terceira categoria, sem haver a segunda, mas é assim mesmo, nesta linhasita férrea.

Contente por se ver promovido, sem excesso, à classe superior, embarca, finalmente, o passageiro no pequeno comboio, que deveria levar na locomotiva um polichinelo maquinista, e ter enfiadas nos assentos bonequitas de loiça.

Para as surpreender, inspecciona o passageiro a carruagem, pouco guarnecida. Depara-se-lhe um casal, que merenda o seu farnel, e nada tem da infantil poesia requerida por aquele comboio de bazar.

Mas a imaginação é teimosa, e êle lá descobre, numa das divisões, uma bonequita vestida de castanho, que, sem favor, ao lado da mãe que dorme, poderia, dentro duma caixa de cartão, entre chumaços de algodão, fazer a felicidade de algum petiz, que estivesse para casar.

Ao fundo do vagão, de coxia central, há uma pequena guarita, com todo o aspecto duma câmara de telefone. Aproximando-se do vedado recinto, lê o letreiro de «livre». Como não tem a quem telefonar,

retrocede para o seu logar, meditando na difficil collocação de certas dependências indispensáveis.

O comboio-aranhão pôs-se em movimento, com campainhadas, apitos, ronquidos, bufaradas, tal e qual como os outros.

Muito satisfeito, vem avançando brincahão, como um garoto que fôsse aos ninhos.

Logo de entrada, galga o Ave, por uma ponte de ferro, e, bufando, vai-se dando ares de comboio crescido.

Em Louzado, um apeadeiro, que parece feito de papelão, é a primeira paragem, onde finge descer uma bonequita de vintém.

Já com mais aspecto de verdade, Santo Tirso tem uma estação revestida de hera: o que lhe dá uma certa frescura.

Surge, à direita, o Vizela, que, vindo da serra do Pedraído, no concelho de Fafe, aqui, pouco mais ou menos, em São Miguel das Aves, se junta ao Ave, para seguirem, de mão dada, até Vila do Conde.

No verão, o Vizela é um riosinho de novela.

Fresco, meigo, dulçuroso, escoltam-no os amieiros e os salgueiros, e enchem-no de canções os rouxinóis.

Rio de conto sentimental, parece antes escorrer numa página agradável, do que em seu próprio e pedregoso leito.

Há fantasia no seu trajecto saltitante.

Descrevê-lo é difícil, porque, como os rios sonhados, êle se esquia ao comentário.

E' agradável, mansa e subtilmente agradável, e tanto basta.

A ter ninfas, o Vizela, — e é só questão de lhas darmos! — devem formar um rancho de pequenitas travêssas, impúberes, agarotadas, rindo despreocupadamente e pescando, de vez em quando, a sua truta.

São saborosas e afamadas as trutas do Vizela. Já no século XVII, *O Phoenix da Lusitania*, de Manoel Tomás, que comprei ontem num alfarrabista do Pôrto, as cantava palavrosamente :

Veem os que gozam do Vizela frio.  
Em a ribeira amena, as águas claras,  
Grato, aprazível, brando, fresco Rio,  
Senhor que as trutas dá, no sabor raras.

Convem ter conta nos adjectivos dêste verzejador, que chamou «hidrópico» ao Douro.

Em trutas, porém, era entendido. Querem cuvir :

Naturais da Provincia os de Teixeira.  
Do Zézere pequeno, sem ter grutas,  
De Veadoes, de Caldas e Seixeira,  
Biturim, rio mau de boas frutas.

Os de Oavir, os de Selho, que em Pesqueira  
Dão ç'o de Santiago insignes trutas,  
De Campanhão, de Iris, Meirés. Valongo,  
E os de Cosme, escrito sem Ditongo

A seguir a Caniços, onde desceu outra bonequinha barata, o comboio de Polichinelo pára em Negrellos.

O grande edifício da fábrica de fiação elucida-nos sôbre a actividade do Vizela.

Afinal, êste rio baladil, êste rio ingénuo, êste rio de aguarela, também trabalha. E trabalha muito e bem, movendo, além de inúmeras azenhas e moinhos, várias fábricas.

De modo que as suas ninfas acriançadas nos aparecem agora trazendo, não só trufas saborosas, como os fusos cheiínhos.

A seguir a Lórdelo, vem Vizela, as velhas termas dos romanos, e primitiva testa desta linha de via reduzida.

Do tempo dos romanos, não encontramos vestígios na estação.

Há, em seu logar, mais aguerridos, um enxame de corretores de hotel, que nos assaltam de mistura com várias criadas, mais ou menos frescalhonas, que, revirando os olhos, nos oferecem «casa particular».

E' uma verdadeira cega-rega :

— Hotel Cruzeiro do Sul.

— Hotel Vizelense !

— Hotel Sul-Americano !

— Hotel Universal !

— Hotel Vizela !

— Restaurante Bom-Retiro !

— Casa particular ! Quere casa particular ?

Cá fora, em nova algazarra, outra série de oferecimentos :

— O' meu senhor ! Quere que lhe vá levar a mala ?

— Quere carro ?

— Quere que lhe vá ensinar ?

— E' preciso alguma coisa ?

A estação não está do lado do povoado. E' preciso atravessar a linha.

Aproveito o ensejo de relancear com simpatia o comboiosito, que nem uma vez só se distraira com um descarrilamentosinho, em que houvesse a lastimar a fractura de algum crâneo de boneca, a manqueira duma perna de serradura, ou leves escoriações num rosto de porcelana.

Quando transpusemos as cancelas, lá ia, fumando, correndo, brincando, caminho de Guimarães, o comboio de Polichinelo.

Digo-lhe adeus a sorrir, e vou procurar, com empenho, a única coisa que os pregoeiros e as alviçadeiras da estação se esqueceram de me oferecer: um rico banho.

## MINHO!

«Nestes seis meses de inverno, é tão difícil achar poesia no Minho como na Academia Real das Ciências» — escreveu Camillo nos *Ecos Humorísticos do Minho*.

Pois estamos em Junho, e ia-me sucedendo o mesmo ante-ontem, na véspera do São João.

Êste Junho, perjuro e velhaco, não sei se para escandalizar o santo brincalhão, saiu-se, miseravelmente, com um dia molhado, húmido, escuro, gotejante, capaz de castigar com reumatismos eternos as mais ágeis pernas de bailarino ou de cachopa roliça, que se atrevessem a dançar em honra do santinho da pele e do cabrito; que é, afinal, mal disfarçadote, São Verão.

Deve, lá pelos ares, ter caído o ministério e andarem as pastas dos meses sem govêrno, porque não há memória dum reboliço atmosférico como o dêste ano, quási sem primavera, e, até agora, sem mostras de estio. Forçosamente que o gabinete do tempo se desorganizou.

Ou pode dar-se que a febre feminista acomettesse

as estações, e elas andem, em propaganda, a desencaminhar as estrêlas e as nuvens, esquecendo-se dos frutos e das flôres, que, dentro do novo credo das quatro desatinadas filhas do Borda d'Água, serão talvez coisas desprezíveis e mesquinhas, indignas de se anteporem à urgente defesa dos sagrados direitos femininos — brotoeja da época!

Ministério demissionário, ou cócegas feministas, o certo é que o tempo anda às aranhas: inconstante, estonteado, volúvel, sem uma semana firme, amuado, rabujento.

Assim, nesse bom dia de festa, de desejar quente e vibrante, para que se acenda, impetuosa e ardente, a paixão nos corpos, o amor nas almas, a sêde nos lábios; para que a imortal orgia pagã ressurja jocunda e delirante; para que as fogueiras sejam, não uma guarida convidativa, mas uma chama a mais no incêndio, uma labareda num vulcão, como que um símbolo do álito exuberante da terra em maturação; para que sejam benditas as orvalhadas; nessa véspera festiva, choveu desalmadamente, entornando nos corações caladas melancolias, vertendo no ar uma tristeza pesada, comprometendo gravemente o estúrdio patrono dos amores de aldeia, o mártir de Salomé, que as raparigas gostam de celebrar ruidosamente, brejeiramente, com tradicionais cantigas maliciosas:

São João foi para o mar  
Com vinte e cinco donzelas,  
Embarca, não desembarca,  
São João no meio delas!

São João fêz para as moças  
Uma fonte de brilhantes.  
Mas as moças não vão lá,  
Perdidas com seus amantes.

Pôsto a falar do São João e do Minho — eu creio que São João é cidadão honorário de Braga! — o bom leitor minhoto, que me ler longe do seu Minho, pensar-me-á na Roma portuguesa, depois de ter assistido à chula tão típica do Rei David.

Pois não acertou!

Não escrevo de Braga, nem vou contar as popularríssimas festas, para o que apenas precisaria de fazer um pequeno esforço de memória, visto que, exceptuados certos modernismos de mau gosto, elas pouco variam de ano para ano, e nisso está, precisamente, o seu sabor e o seu prestígio, que ainda ante-ontem me obrigaram a vir no comboio como em sardinha em canastra, até à Trofa.

E' de Vizela que hoje me proponho dizer-lhe apressadamente do seu Minho querido, dar-lhe novas do seu «jardim», falar-lhe sentimentalmente à saudade: a essa saudade sã, que, sem o desanimar para a luta, lhe não despega de diante dos olhos a sua aldeia risonha, o seu rio fresco, a sua estrada clara, o seu casebre acolhedor, talvez o ponto do terreno amado em que, conchegando as libras entesouradas, projecta construir um dia o seu «buraco», talvez a mocidade airosa dalguma Maria ou dalguma Joana, linda, despenhada, garota, como a Maria que eu vi hoje na Cascalheira — paisagem que Silva Porto tornou sua

— e parecia, de tão correcto rosto e formas tão fi-dalgas, uma figura perdida, que o notável pintor aqui tivesse deixado esquecida.

E' certo que a graciosa Maria me desiludiu.

Quis explicar-lhe — ó ingenuidade! — a história dêsse seu pai espiritual, e despertar a sua ternura para o malogrado artista, que tão cedo morreu, levando decerto estampadas nos olhos as côres macias e doces dêste cenário minhoto, cheio de doçura e de suavidade.

Riu-se-me na cara. Não percebeu nada. Julgo até que me atribuiu outras intenções.

Não importa, Maria!

Para mim, na Cascalheira, ficarás sendo uma das mais deliciosas figurinhas do paisagista sonhador, que sempre pintou as árvores melhor do que as mulheres.

Talvez porque elas sabiam amá-lo e respeitar-lhe a timidez, e vós, inconscientemente, com vossos risos loucos, o espavorieis.

O Minho!

A palavra tenta, refresca, perfuma, sorri.

Escrevê-la é descerrar uma virente cortina, feita de pâmpanos e de fôlhas de milho, sôbre o mais garrido e encantador bucolismo.

São a geórgica suave, a orgia da terra em festa, e as festas do seu povo em orgia, o que se diz ao dizê-la.

Lembra-me, ao querer prendê-la na página, uma abelha esquiva, que se colheu de surpresa, e zumbe,

aferrôa e se escapa, deixando-nos na mão um oloroso vestígio de pólen, um leve pungido e um brando remorso, ao vê-la do novo riscar, ante nossos olhos, a scentelha virgiliana do seu corpo de mel.

Contar o Minho! Mais facilmente se contariam as raízes todas duma seara ou as estrêlas duma noite de primavera.

Êle é, como a primavera, indizível. Como a seara, incontável.

O Minho! Vê-se a vide exuberante acastelada nas árvores, debruçada das casas, erguida nos parreirais.

E' o vinho, o ténue vinho agridoce, a sua melhor rima e o seu símbolo melhor.

O Minho! Chiam carros de bois. Espumam uvas na pisa. Cantam mulheres: as robustas mulheres laboriosas dos homens ambiciosos, que vão por sôbre o mar atrás da riqueza.

O Minho! São as esfolhadas, as espadeladas, as malhas, as vessadas, as vindimas sedutoras, com descantes e cortejos. Às romarias alegres, promíscuas, entusiastas: calendário sem par do sol e da côr, em que a gente jovial da lavoura folga e canta emquanto a terra amadura, respeitada, a sua maternidade. A Abadia, o São Bento da Porta Aberta, a Senhora do Alívio, a das Necessidades, a do Pilar, a dos Remédios, a Aparecida, a da Peneda, a Agonia, a Falperra, a Senhora das Neves, a de Pôrto d'Ave, a do Sameiro, o São Bartolomeu, o São Torcato, patriarca da maior multidão, e cem outros nomes menores e bentos de festivais de paganismo.

São os rios fascinantes: o Lima elegíaco de Bernardes, o Minho, esplendoroso padrinho da verde província, o Homem ameno, o Cávado sereno, o meigo Vizela, o Avê liminar, cujo nome é a saudação antiga dos romanos, inscrita a água na soleira da região.

São as velhas igrejas onde o românico se aninha: São Miguel do Castelo, Paderne, Roriz, Pombeiro, a Senhora da Orada, que o pórtico da Sé de Braga resume como um arco triunfal.

São os conventos famosos, onde a abundância reinou mais do que a penitência, e onde o capão teve mais devotos que o Crucificado: Santa Maria de Bouro, Tibães, Santa Marinha da Costa.

São as tôrres e os castelos da lenda e da meia-idade, poderosos ainda na resistente agonia: o de Lanhoso, a da Lapela, a de Dornelas, Melgaço, Crasto, Monsão.

São, perdidas nos altos, as ruínas evocadoras, silenciosas, dos ancestrais pegureiros: Britónia, Calcedónia, a Citânia augusta de Briteiros, e essa joia imensa de pedra, que é a Pedra Formosa, de Martins Sarmento, friamente saudosa do sangue quente das reses, a cujas vozes, quando lhe passam perto, dir-se-ia estremecer ainda, como um carrasco fatigado de descanso.

O Minho! Parece bemdizê-lo a água que corre, e clamá-lo a brisa que vem, voluptuosa, deitar-se sôbre a messe, que se inclina e freme como um corpo de homem à mão do amor.

O Minho!

E' o nome curto que tomba dos sinos brincalhões, e o que o bafo sacratíssimo dos bois, com que o minhoto unge a semente, incensa solenemente nos prados verdes desta verde terra.

Traça-lhe as cinco letras no ar o fumo que se evola das lareiras. Dí-las a relha do arado em confiança ao torrão. Profere-as com estrondo o foguete, que vai alto e rútilo. Soletra-as com pausa a nora suada. Entoa-as, monótona, a roda que chia. Repete-as o açude cadenciadamente. E o granito rijo, quando explode ao incendiar do cartucho, grita-as fortes, estilhaçadamente.

O Minho! Duas vogais, três consoantes: um sarmento tricurvo, dois troncos velhos, um beijo de mulher, uma arrecada.

O Minho! São as praias amenas, diversas, repou-santes: a de Varzim, póvoa do mar, Vila do Conde rendilheira, Fão escondida, Moledo animada, a branquejante Âncora.

São as termas quentes, Vizela, Taipas, Caldeias, e as águas depurativas, saradoras, Pêso, Gerez.

São as três cidades: Braga, a mitrada, Guimarães, a tecedeira, Viana, policrómica.

São as vilas pitorescas, abundantes, retentoras: Ponte de Lima, Arcos de Val-de-Vez, Póvoa de Lanhoso, Santo Tirso, Fafe, a caceteira, a alva Caminha, outras.

São os carros e as cangas dos bois, as chinelas bordadas, os coletinhos, as rocas enfeitadas, as saias multicolores, o oiro luzidio nos colos fartos e nos altares

floridos, a broa, o milho — oiro melhor! — os varapaus, a uva, as cachopas ladinhas, as infusas transbordantes, os morteiros ribombosos e as estrondeadas músicas, a água leve, os bons ares, os sinos trêfegos e as trêfegas enxadas.

E' o Minho patriarcal e agrícola. O Minho todo verde. O Minho da paisagem. O Minho dos amores.

1910.

## FILARMONICAS

Sonorosa, estrugidora, a filarmónica é uma das mais características e dilectas instituições do norte.

Concorrendo em prestígio com os oragos mais cotados das freguesias e com os patronos mais milagreiros dos santuários, figura, querido e enobrecente, êsse vistoso ajuntamento de bochechas dilatadas, que, ao compasso da batuta dum maestro, se convencionou chamar a Filarmónica.

Sem filarmónica, não há terra verdadeiramente apresentável, nem festa que valha a pena de lá ir, nem prazer completo.

Rigorosamente, não há nada, pois que ela é tudo : a maior alegria dum arraial ; a máxima solenidade dum entêrro ; o complemento glorioso de qualquer cerimónia.

As desditosas localidades que não possuem a sua filarmónica, são como que desprezíveis terras mudas.

Poderão, por muito favor, ter uma opinião, para a exprimirem por gestos, ou por êsses outros grosseiros gestos que são as palavras, e melhor ainda os

palavrões; mas nunca conseguirão expressar-se nessa linguagem impressiva, escutável e convincente, de metal bojudo ou de madeira com buraquinhos.

São povos sem língua que se faça ouvir, malaventurados, áfonos, por não poderem dispor da voz acanaviada da flauta ou do berro estentórico do contra-baixo.

A filarmónica é como que o sumo acústico, a quinta essência ruidosa, o extracto, mais ou menos melódico, dos povoados, das vilas, das aldeias e das cidades afortunadas, que teem a honra de nutrirem, a dentro dos seus muros, ou sob a sombra das suas ramarias, dois trombones, um cornetim, três flautas, meio pífano, ou um rãbecão. Porque já vai havendo filarmónica rústica, que não prescinde da roncadora aventesma.

Em todo o norte, a filarmónica é, assim, quando não uma rainha cortejada, um areópago trombetante e acatado, cujas colcheias são ordens, e cujas semi-breves desencadeiam, por vezes, o delírio.

O Minho, sobretudo, é a terra querida e notável das filarmónicas.

Instintivamente barulhento, o Minho é uma província que cultiva e ama o ruído: uma região de tímpanos fortes.

O estoiro é aqui melodia. O estrondear dum morteiro dilacerante tem, para êstes abençoados ouvidos, a vibração deliciosa duma garganta de soprano. A ópera, cá em cima, é nos ares.

Provam exuberantemente essa paixão do minhoto

pelos ensurdecentes rumores, além dos seus foguetes colossais — e cada mancebo que se livra na inspeção queima, reconhecidamente, uma dúzia à porta de quem o recomendou — os repiques insistentes dos seus sinos, os eixos rangedores dos seus carros de bois, os seus resistentíssimos e alvoradores Zés Pereiras, e êsse seu entranhado culto pelas filarmónicas de alentado reportório.

Há filarmónicas de todos os matizes e paladares.

Filarmónicas reduzidas como conselhos de estado, e filarmónicas numerosas como repartições públicas.

Filarmónicas que tocam mal, e filarmónicas que tocam pior ainda.

Chega a havê-las que tocam muito razoavelmente, principalmente nos ensaios envergonhados; porque, em público, o músico minhoto, de temperamento sanguíneo e irritável, é essencialmente desafinável.

Quero-lhes muito bem às filarmónicas.

- Quando mais não seja, pela ótima propaganda que elas fazem das vantagens do silêncio: bem pouco estimado por esta ruidosa gente, que queima por gôsto arrôbas de dinamite, gozando a volúpia infernal de sentir o céu a esmigalhar-se.

Coisa que deporia contra a religiosidade dos seus sentimentos, se as bandejas dos santinhos não se enchessem, a transbordar, com a maior regularidade e abundância!

A filarmónica é, em metal engraixado e uniforme brilhante, com um regente geralmente magro, execu-

tantes em variável número, tamanho e habilidade, e um bombo de ordinário gordo, a vaidade dos seus conterrâneos.

Para um minhoto, não há filarmónica como a da sua terra, como, para muita gente boa, não há colchões como os da sua cama, nem comodidade que exceda a dos seus chinelos velhos.

Daí rivalidades tremendas, que se liquidam, regra geral, nos arraiais mais concorridos das redondezas, ou nas festas de mais arromba do concelho ou do distrito.

A presença de duas filarmónicas rivais — e são todas rivais! — é, numa romaria concorrida, mais do que uma probabilidade de formidável zaragata.

Se há dois coretos, a coisa, às vezes, passa sem sangue e sem mocada. Cada filarmónica em seu palanque, como um galo em cada poleiro, lá se contem.

Quando há um coreto só, é que são elas. A primeira a chegar apodera-se do recinto, e quando a outra a quiere revezar, caem o Carmo e a Trindade. E' zás-trás: cabeças rachadas, partituras em frangalhos, clarinetes multiplicados, caixas atravessadas.

São frequentes os conflitos dessa natureza cómico-lírica.

Começados, por vezes, numã valsa lenta, numa mazurca saltitante, ou numa ária delicada de pistão, acabam, infalivelmente, num galope de cacetes ou num trino prolongado de varapaus.

A' polifonia sucede a lambada. A' batuta, o verguei-

ro. Trabalha o lodo a compasso binário, e o sarilho de pau substitue as variações. As notas passam a deixar nódoas negras, e o que rufa é a pele do semelhante.

Em seu louvor, é preciso notar que os filarmónicos do Minho, tão exemplarmente unidos na desafinação, tão solidários na fífia, mantem, no geral, durante a refrega, a mesma elogiável união, idêntica solidariedade combativa. Levam e dão como um só homem.

E não se pode dizer que essas pitorescas contendas, em pleno arraial faccionado, em que cada grupo de foliões se põe do lado da sua filarmónica, não sejam, principiadas no coreto e acabadas, muitas vezes, na farmácia, um número de muito mais efeito do que certas peças do que êles chamam música.



## PÔRTO D'AVE

A romaria da Senhora do Pôrto d'Ave realiza-se a 8 de Setembro, que é o dia da Natividade da Virgem.

Encerra, a bem dizer, o ciclo das grandes peregrinações festivas da região.

Há quem, talvez por isso, lhe chame a «romaria dos farrapos», visto os romeiros, antes de lá irem, já terem sovado as galas em outras festanças.

Que pode também vir-lhe o apodo da mascarada que, para a visitarem, organizavam antigamente os surradores de Guimarães, marchando até Pôrto d'Ave, a cavalo e a pé, com trajes de folia, levando à frente um tambor-mor apalhaçado e espaventoso!

Nas *Belezas do Santuário do Pôrto d'Ave* — a Senhora do Pôrto tem a sua bibliografia! — conta «Um devoto» ter lá visto «um dêsses tais com uma esquisita casaca azul, pintada, em que também se via, em caracteres de letra redonda, os meses todos do ano, os dias e mudanças de lua, e mais prognósticos do calendário ou reportório caseiro.»

Já lá vai tudo isso !

Situada na freguesia de Taíde, perto da Póvoa de Lanhoso, a Senhora do Pôrto é, mesmo fora dos dias da sua festa, uma das Mecas favoritas dos andarilhos foliões e das rapioqueiras mocetonas, que, para descarregar os pecados e alegrar a vista, a garganta e as pernas, dão o cavaquinho por percorrerem, em saracoteada e divertida jornada, os ídolos mais célebres das redondezas.

Há devoto bebericante e cantadeira romeirinha, que, dos altos do São Bento e da Abadia, se deitam até ao Bom-Jesus, à Faiperra, às Necessidades, ao Fradinho santo do Carmo, em Braga, para rematarem em Pôrto d'Ave, enfiando, com infatigável estúrdia, os sete santuários da praxe.

E' bonito o caminho até Pôrto d'Ave.

Do Pôrto, um amigo amabilíssimo vem buscar-me no seu carro.

Desta feita, não tenho que suportar a diligência, nem de palmilhar atalhos. Romeiros civilizados, vamos de automóvel : um Benz claro e ligeiro, novinho em folha.

De Vizela, onde o aguardo, seguimos, por Guimarães, até às Taipas, cujo estabelecimento termal se aperfeiçoa e remodela.

Modestas, familiares, as Caldas das Taipas teem uma pitoresca situação, aprazibilíssima como estação de repouso.

E' provável que as águas façam bem ao reumatismo

ou à pele ; mas a parte do corpo que mais tem a lucrar com a estada ali, são os olhos: mergulhados, de todos os lados para onde se voltem, num banho de frescura e amenidade.

Para as almas empoeiradas, carecidas duma desintoxicante cura de paisagem, poderá haver mais belo ; difícil lhes será encontrar mais sereno retiro.

O monumento com que logo se topa no grande terreiro da pequena estância, que os espíritos irrequieitos desdenharão por monótona, é o Fontenário de D. João I.

Aos lados da fonte, formada por dois golfinhos de caudas entrelaçadas, lêem-se versos heroicos.

Dizem os da direita :

João primeiro rei do Reino Unido  
 Para que a Morte mais troféus não conte.  
 Ó inexaurível, salutar bebida,  
 Esta levanta milagrosa fonte.

Os da esquerda são mais pindáricos ainda :

Eras vindouras desejais os nomes  
 Dos varões claros desta obra autores ?  
 Scusa Procurador, Juiz Estevão,  
 Couto, Pinto, Ataide Senadores.

Além dêsses, há nas Taipas um heroi romano, Trajano, recordado pelo Largo do seu nome, e pela chamada «Ara de Nerva», mais conhecida por Penedo da Moura.

Depois de sararem os males dos latinos, as águas taipenses fôram esquecidas, pois se invoca um carmelita, Frei Cristovam dos Reis, como seu descobridor setecentista.

Data de então a exumação dos «Banhos velhos».

Junto das Taipas, refrescando-as, corre o Ave, rio da minha maior simpatia, que vem do Pé do Cão, na Cabreira, a flunar por aí fora, até se suicidar em Vila do Conde, ainda menino e esperançoso.

O seu nome, que, na Trofa, parece saudar-nos à romana, lembra-me outras vezes, alado como é, o dum tentilhão, entre verde e azulado, esvoaçando rés-vés da terra, por entre raízes, azenhas e pernas de lavadeiras.

Com o Vizela, que lhe dá o braço em Entre-Ambas-as-Aves, o Ave é talvez o rio mais terno e bucólico do Baixo-Minho.

Grande moleiro, ótimo regador, pescadeirito, aguarelista delicado, êsse brando curso de água é um pintor de fôlego pouco grandioso sem dúvida, mas suavemente enternecido e agradável.

Tem o defeito de molhar os seus pincéis sempre nas mesmas tintas, mas, para criar aldeolas subtis, amaneirados recantos, campinhos moles e arvoredos de almofada, não sei doutro com mais jeito.

Até se prestava a tirar o diabo dos corpos, ali na Ponte de São João.

Quem se sentia enmafarricado, ia com um padre para cima da ponte, à espera que desse meia-noite,

levando consigo meio alqueire de painço e três punhados de sal.

Chegada a hora, o padre exorcismava o doente, êste deitava da ponte abaixo o sal e o painço, e o diabo, que lhe judiava no interior, precipitava-se no rio imediatamente, dizem que para se pôr a contar os grãositos do painço.

E o caso é que, ao que parece, os pequenos diabos maleitosos desapareceram destas bandas, porque já ninguem vai deperdiçar painço á Ponte de São João.

Os diabões, que ainda se lembram de visitar os mortais, pertencem à espécie mais terrível de que só o São Bartolomeu de Cavez e os seus «benzedeiros» sabem dar cabo.

Ainda há dias, na estrada de Fafe, subiu para a diligência, que me levava, uma pobre rapariga, que, segundo a mãe dizia, andava mesmo perdidinha, com o diabo dentro dela.

Perguntei-lhe se o sentia. Respondeu-me que sim; que até se punha, às vezes, aos pulos lá dentro.

Pareceu-me, sem querer fazer maus juizos, que o que a cachopa anda a chocar é tudo quanto há de mais anjinho...

O dia santo faz com que a estrada tenha pouca concorrência. Sabendo-a desimpedida, o carro larga, que não há quem o agarre.

Num pulo, estamos em Emilião. Não provamos o vinho, mas lembro-me dos vinhais afamados de Saint-

Emilion. Talvez fôsse algum francês quem fundou a aldeia!

Outro salto, e atravessamos a Póvoa de Lanhoso, mal tendo tempo de relancear o santuário da Senhora do Pilar e o castelo de D. Tareja.

Estamos na região da Maria da Fonte, mas não se pode dizer que «sôe a voz de serra em serra».

Como está tudo para a romaria, há uma grande paz nos campos e nas moradias.

Terceiro esticção, e alcançamos Pôrto d'Ave.

Colocada num alto e dominando uma veiga de idílico, a Senhora do Pôrto tem muito que ver e pouco que admirar. E' uma das muitas desgraciosas macaqueações que o Bom-Jesus, tão nefasto a êsse respeito, tem inspirado.

Para o minhoto, nada há que o exceda em grandeza e magestade. Daí que o ideal seja reproduzido, mais ou menos sumptuosamente, por toda a parte.

O Minho está cheio de Bons-Jesusinhos, maiores ou mais pequenos, com as inevitáveis capelas, o escadório monumental e as fontes solenes. Quando, nesta terra de tão doce cenário, não custaria muito variar os motivos architectónicos e decorativos!

Mas os santos minhotos parecem-se com certas senhoras de província. Lá porque viram uma fidalga em evidência ostentar determinadas galas, de resto antiquadas, vá de desejarem, no dia seguinte, paramentarem-se como ela, sem discutirem se lhes está bem ou mal.

Dada a notoriedade do outro, todos os oragos mi-nhotos entraram de apeteecer e exigir o seu Bom-Jesus, em tamanho natural ou em miniatura.

Quando muito, para não terem o ar de imitar ninguém, dispensam, por muito favor, o Longuinhos.

E' imenso o prestígio do Bom-Jesus, aqui no norte. Vejo que me arregalam os oihos, quando, muito sinceramente, declaro que lhe prefiro outros pontos: Santa Luzia, em Viana, pelo panorama; o rude Monte da Franqueira, em Barcelos; e até a estrada que, contornando, a pequena distância, o Eden bracarense, nos mostra o amplo e encantador vale de Geraz.

Sem falar, está bem de ver, nas belezas do Alto-Minho, bastante diverso dêste, que Junqueiro, outro dia no Pôrto, passeando comigo na Praça a sua formidável ironia, chamava «um lameiro», pondo no epíteto o seu olímpico desdem de vinhateiro e de épico da Barca d'Alva: nome que, não sei se já repararam, madrugador e flutuante, se mostra bem digno de nêle residir o poeta da oração à

Virgem ignea das sete côres.

Todas as romarias são de prazer e de devoção. Umas, porém, inclinam-se mais á idolatria e outras ao pagode.

A de Pôrto d'Ave é das últimas. Há mais quem se queira divertir do que quem pense em rezar.

Em divertir-se, e em dar para baixo.

Por causa duma prisão, mal aceite, há viva ani-

mosidade contra a fôrça de cavalaria, que veio fazer a polícia.

Os varapaus andam a saltar nas mãos calosas. Ouvem-se dichotes e ameaças contra os soldados, prudentemente recolhidos na casa que lhes edificaram para quartel.

Sente-se avolumar a tempestade, que, em breve, porá todo o arraial em polvorosa, quando os cavaleiros, apeados, enfileiram de armas na mão, felizmente aquietadas e mandadas recolher por alguém que a serenidade não abandona.

Em todo o caso, ainda choveram pedradas, e tivemos de confortar uma moçoila espavorida e tresmalhada da família, à qual, passado o susto e achado o rancho, troçamos por, sendo precisamente de Fonte Arcada, assim haver envergonhado a memória zaragateira da sua conterrânea Maria da Fonte.

Ao arraial, como à cachopa timorata, voltou a alegria. Passou, por agora, a trovoada.

O preso, que a provocara, já anda à sôlta. Divulgada a nova, todos exultam.

Com o carro triunfal do estilo, a procissão acaba de desanuviar os ânimos mais inflamados.

Não é muito antiga a romaria de Pôrto d'Ave.

Deu-lhe origem a devoção dum pobre mestre de meninos a uma imagem da Senhora do Rosário, que, por velha e carunchosa, o cura de São Miguel de Taidé mandara enterrar.

Desenterrou-a o letrado e trouxe-a para sua casa,

onde a venerava, apesar de encardida e despin-tada.

Qual não seria, por isso, o seu espanto quando, um dia, ao ir fazer-lhe a habitual oração, encontrou a se-nhora brilhantemente encarnada de novo, como que acabada de sair da loja do santeiro ?

Como ninguém tocara na imagem, concluiu o bom do mestre-escola que se estava em presença dum milagre de estrondo, e tratou de lhe arranjar capela apropriada, esforçando-se por incutir nos discípulos, além do a. b. c., o culto da sua santinha.

Muitos dêsses seus alunos, conta a história, emi-graram para o Brasil, e de lá não se esqueciam de mandar o seu óbulo ao professor, que assim pôde amealhar o dinheiro preciso para dar comêço ás obras.

Chamando-as depois a si, os arcebispos de Braga desenvolveram-nas à sua custa e com donativos de alguns «brasileiros» enriquecidos.

A igreja, um bom templo, um pouco escuro, com a sua fonte, escuso de o dizer, milagrosa, fica em baixo.

Pelo monte acima, dispõe-se o escadório, monu-mentalizado por um pórtico onde se lê «Viva Pôrto d'Ave», e se vê o Rei David, Santa Ana, São Zaca-rias e São Simeão.

Há santos ainda mais esquisitos em Pôrto d'Ave : São Benedito, Santo Elesbão, «confessor carmelita em Parador», Santa Ifigénia, carmelita francesa da Núbia, Santo Antonio de Noto.

Em muitas capelinhas, detestáveis figuras de tama-

nho natural, revivem anacrónicamente passagens da vida de Cristo.

Não vou jurar, mas parece-me que foi lá que vi uma Fuga para o Egipto, onde Nossa Senhora joga a sardinha com o Menino Jesus, empoleirado no colo de São José.

Do alto, a vista dilata-se com prazer.

Saboreando frescas talhadas de melancia, acampamos ali, deixando que anoiteça, e gozando a alegria dos grupos que passam e repassam.

Todas as aldeias e logarejos próximos, e alguns distantes, teem aqui representantes. E' uma algazarra, quando os visinhos se encontram ou reúnem.

As cachopinhas andam de todo, metidiças e chala-ceantes.

Se descobrem algum campónio, que luze os mata-cões na bochecha recém-escanhoadá, entram com'êlé à cantiga:

Ó tio, você tem carqueja,  
 Você tem, cócó!  
 Por causa dessa carqueja,  
 Esta noite dormi só.

Acolá canta-se à desgarrada:

Tenho duzentas uavalhas,  
 Quatrocentos canivetes,  
 Levanta a voz cantador  
 E vê lá com quem te metes!

Colho, mais adiante, uma linda quadra :

Anda mais devagarinho,  
Não te apresses. ó cachopa !  
Que é preciso todo um dia  
Para o sol secar a roupa.

Começa a acender-se a iluminação. Estrondeiam morteiros. Casquinam pandeiros. Resfolgam harmónios.

O fogo deita para tarde. Resolvemos partir.

Veio connosco outro amigo, de Felgueiras, velho companheiro de Coimbra. Ganhando Fafe e Margaride, é a casa dêle que vou dormir, na Terra Sêca, em Sernande, onde já doutras vezes tenho gozado os melhores favores da hospitalidade.

1910.



## UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA

As tradicionais e alegres festas do São João em Braga, a que preside, barbado, piruetante e muito orgulhoso do seu papel e do seu violão, o bom senhor Rei David, de São Martinho de Dume, tiveram êste ano, graças ao alto critério e corajosa iniciativa do governador civil do distrito, Dr. Manuel Monteiro, o insigne monografista de *S. Pedro de Rates* e inventariante erudito do românico em Portugal, um atractivo notável, de verdadeiro interêsse artístico, menos vistoso decerto que as luminárias policromas de São João da Ponte, ou os incandescentes festivais do Passeio Público, mas deveras, e consoladoramente, muito mais concorrido do que o simulacro gorado da batalha de flores.

Refiro-me à assinalável, magnífica, Exposição Distrital de Arte Sacra, organizada, em pouco mais de vinte dias, com objectos e preciosidades da Roma portuguesa e seus concelhos, e digna, pelo seu valor, opulência e ensinamento, que, à sua inauguração, repicassem como outrora, formidavelmente, os nume-

rosíssimos badalos da sinalheira e primaz cidade dos arcebispos, das «frigideiras» e das «cónegãs».

Realizou-se o brilhante empreendimento no vasto salão dos retratos, do carunchoso e enxovalhado paço arquiepiscopal, ao qual não se poderá, com verdade, dizer terem os fados poupado, talvez em expiação da sua crassa imundície, uma velhice acidentada, pois, após a saída do negligente prelado, já ouviu as discussões dum congresso do Partido Republicano, viu, com esta exposição, como as mãos de certos «herejes» sabem tratar os petrechos litúrgicos com mais carinho do que as ungidias mãos de muitos sacerdotes, e assiste presentemente, um tanto móvido, às sessões severas do Tribunal Marcial.

Na organização apressada, mas esclarecida, da exposição bracarense, manifestou-se, à evidência, não só o propósito de exhibir, corajosamente, o apreciável espólio da arte cultural do passado, como, muito instrutivamente, a louvável intenção de fornecer, pelo agrupamento tanto quanto possível metódico e completo dos diversos tipos mostrados, a idea nítida da evolução formal dum determinado objecto.

Sob êsse elucidativo aspecto, o que ali se via representava uma amena lição demonstrativa de história da arte, atestando a riqueza e a variedade do valioso recheio com que o distrito de Braga pode contribuir para a desejável instituição dum museu regional; cujas bases, estou certo, a sábia inteligência e o experimentado fino artístico da sua primeira autoridade não deixarão de lançar.

Em vez de se guiar pela mais ou menos legítima norma do maior efeito decorativo e valor isolado dos números a expor, corrente em empresas desta ordem, onde vulgarmente se misturam peças incompatíveis ou se separam outras que tudo teriam a ganhar com a juxtaposição, optou o ilustre promotor, sempre que as circunstâncias lho permitiram, pela disposição graduada, cronológica, quasi didáctica, do material reunido: donde resultaram, para algumas espécies, exaustivas documentações de manual abalisado.

Destacarei, pelo seu indiscutível e predominante realce, o grupo das cruzes e o dos cálices, com o que, aliás, não pretendo, nesta ligeira resenha, regatear inegáveis méritos aos grupos das custódias e dos gómis e bacias.

Com o primeiro, o grupo das cruzes, o mais ignaro e refractário romeiro do São João, suponho eu, deve ter tido a percepção clara, intuitiva, palpável, das diversas fases estruturais do maior símbolo cristão, desde os remotos vagidos do século XII, talvez mesmo de mais longe, até à banalidade carola do último século.

Começando nesse raríssimo e simples exemplar românico-bizantino de Ourilhe, em cujas aspas de cobre doirado já se condensa em botão o futuro lis do remate dos modelos posteriores, e continuando com a curiosa, transicional, cruz de Tagilde, em madeira revestida de prata lavrada, que o povo atribue ao misericordioso casamenteiro das velhas, São Gonçalo

de Amarante, vinha a inestimável colecção, através das rendilhadas cruces góticas de Neiva, de Areias de Vilar, de Santa Leocádia do Tamel, de Gamil, e da formosa cruz da Colegiada de Guimarães, até à magestosa cruz processional de prata sumptuosa de Quintiães, à dupla cruz emblemática dos arcebispos, e aos menos atraentes e mais chagados crucifixos do barroco, da Inquisição e da jesuitada.

Outro tanto sucedia para a série dos cálices, verdadeiramente admirável, composta duns quinze números escolhidos, entre os quais figuravam alguns de incalculável merecimento, como êsse pequenino e encantador cálice, de cobre doirado com relevos esmaltados, chamado de São Geraldo; o amplo e preciosíssimo cálice datado de 1295, oferta do rei D. Sancho e de sua mulher D. Dulce ao convento de Santa Marinha da Costa, em Guimarães; o cálice brasonado de D. Diogo de Sousa; um cálice doirado, dos fins do gótico, onde se lê o nome da paróquia, Briteiros, e o do doador ou do artista, Bravo; ou o belo cálix manuelino, com patena esmaltada, de Santa Maria da Oliveira.

Ricas igualmente se mostravam, se bem, por varios motivos, menos variadas, as colecções de gomis, jarros, bacias e custódias, em que, de resto bastaria, para glória de qualquer grande exposição, essa custódia maravilhosa de Guimarães, donde parece que vão, a cada passo, desferir o mais leve dos vãos as ásas mais graciosas de anjos que jámais se abriram.

Muito haveria ainda a citar, se esta notícia visasse a resumo crítico, quando, apenas, se propõe ser, na falta de mais autorizado comentário, um protesto talvez platônico, mas sincero, contra a glacial, a indesculpável, indiferença com que a imprensa e os eruditos entenderam dever guardar, em presença dum acontecimento de arte da importância, muito excepcional, da Exposição Distrital de Arte Religiosa bra-careense, o rude silêncio alvar da pedra ante a arte e ante a beleza.

Assim, deixarei de referir-me aos colossais tapêtes do Oriente, que, dobrados ao meio, forrava cada um toda uma parede; aos preciosos cofres árabes da Sé; à exuberante profusão e primorosa excelência das alfaias e paramentos; a várias curiosidades interessantes, como o báculo de cobre de São Geraldo, a que o tempo tem dado um tão lindo bruniz, ou o bastão modesto da abadessa do demolido convento dos Remédios.

Não quero, porém, passar sem menção um véu de vestir imagens, vindo do Bom-Jesus do Monte, e dum tão cambiante matiz, uma tal fantasia de urdidura, que certamente sob a influência do Precursor, que se celebrava, ou do Rei David, que ia em breve sair à rua, eu, ao lobrigá-lo, num canto mal alumiado, por uma meia-noite misteriosa de neblina, evoquei, para digno fundo da sua irisada transparência, o ritmo perverso da Salomé de Oscar Wilde, ou a nudez fascinante da adúltera Betsabé.



COIMBRA



## DEBAIXO DAS OLIVEIRAS

A Coimbra de Minerva e a Évora de Diana são, certamente, as duas mais interessantes cidades portuguesas, no que diz respeito a monumentos e a tradições.

É Coimbra, sempre mais favorecida e estimada dos homens, suplanta a capital alentejana, em tempos sua universitária rival, pelos privilegiados encantos naturais que a distinguem.

Rio de poetas e de amores, o Mondego, oriundo dum alta nascente das visinhanças da Estrêla, talhou-a facetadamente, como um lapidário carinhoso, desbastando-lhe as agruras do monte primitivo — «a serra de grande montanha», de Gil Vicente — e fazendo-a senhora dum panorama inconfundível, em que cada crepúsculo desvenda à alma mistérios novos, e cada nova madrugada combina uma festa inédita para os olhos.

Porque Coimbra representa a obra máxima e comovida dêsse seu Mondego, eminentemente artista, que, galgada a hesitante vacilação dos seus inícios,

crescendo em fôrça e em corpo no seu percurso sinuoso, onde, a certa altura, há como que o arrependimento de quem, desgostado ou receoso do caminho, tenta voltar para trás, começa revelando, aqui e além, os seus insignes dotes de paisagista.

Paisagista, que, após se haver ensaiado de vez na feliz telá de mestre, que é Penacova, vem afirmar, com a maravilhosa Coimbra, o pleno, definitivo, apogeu da sua carreira, terminada, ainda com brilho, no delta pitoresco da Figueira da Foz.

A maioria dos grandes cursos fluviais portugueses dimana, como é sabido, da vizinha Espanha.

Decerto por êsse motivo, há neles, por vezes, reminiscências do castelhano das origens.

O Tejo, nas Portas de Rodam, tem o aspecto revólto e desordenado dum tropel guerreiro invadindo terra estranha.

Parece irado, por o constrangerem a abandonar a sua imperial Toledo silenciosa, onde se entretinha na têmpera das espadas românticas, ou, então, enfurecido ao trocar os verdes lazeres dos lagos galantes de Aranjuez pela hercúlea tarefa do pôrto audaz dos descobrimentos.

E o Douro, traiçoeiro e rebraminte de inverno, vindo do antigo reino de Leão, não será bem um leônês de outrora, blasonador e brigão, embriagado com os vapores doces do luso vinho capitoso das suas margens?

O Mondego, êsse, nunca transpõe fronteiras.

Nado e criado em Portugal, português da gema, é um artista retintamente nacional, regionalista mesmo; portuguesíssimo, pela contínua sugestão de vagueza triste de toda a sua arte, caracterizada por êsse fundo de melancolia amorosa, que assinala e diferencia a nacionalidade.

Todos os muitos quadros devidos ao Mondego — pincel da saudade — se ressentem dêsse cunho melancólico, vago, indefinível, discreto, contido, sem a mínima violência de exteriorização.

As baças oliveiras, consagradas à adulterada divindade do seu *Erecteum* sonolento, são uma das suas árvores preferidas.

Outra são os salgueiros pálidos da beira de água, Narcisos esbeltos, namorados da própria imagem, que o luar realça.

E' melancólico o Mondego !

Nos dias de mais nítido horizonte, a divina paisagem de Coimbra sempre se mostra dum tom ligeiramente velado, como se entre ela e o contemplador, invariavelmente, se interpusessem lágrimas.

Nunca deixa de estar triste a paisagem, tão sensível, de Coimbra.

Graças a essa leve dor espargida no ar, constitue um cenário admirável de outono e de primavera: quando se deve sentir a tibiez queixosa da beleza que se desfolha ou o hausto embaciador da seiva que se renova.

A luz crua do inverno e a causticante luz do verão

prejudicam-no, alteram-no, como o altera e transtorna a luz vibrante do meio-dia.

São as horas tímidas, virginais, da manhã, ou as desfalecentes, resignadas, horas da tarde, as que melhor lhe conveem : a promessa e o adeus.

Não conheço em Portugal madrugadas nem poentes semelhantes aos de Coimbra ; rivais aquelas das místicas auroras de Florença ; êstes só inferiores aos ocasos magestosíssimos de Roma, imponentes como juizos finais, ou às orgias crepusculares da oriental Veneza, émulas dos festins do Veronês.

Como desconheço primaveras mais suaves e insidiosas, e outonos mais pérfidos e lânguidos, do que os seus ; palpáveis agonias quotidianas ; carícias indesprenhíveis de a todo o momento.

Exceptuadas as sombras nibelúngicas de Sintra ou as monásticas sombras do Bussaco, de outras não sei, do Algarve encantado ao verde Minho, que, em penetrante mistério e sonhador apaziguamento, se avantajem às sombras insinuantes, convidativas, de Coimbra.

O Choupal é toda uma nave gótico-florida, propícia à cogitação.

Na quinta de Santa-Cruz, para lá da Sereia, há um pequenino bosque de Armida emudecido.

A rua das tílias, no Jardim Botânico, volve-se, em fins de Outubro, na sala deslumbrante e muda dum palácio de Bizâncio.

A sombria biblioteca da Universidade dá-nos, em certas horas, a aflitiva sensação de quem, à fôrça de

ler, já não alcança as pinturas do tecto, nem distingue a talha das estantes.

A evocadora Sé Velha é uma arca de penumbra, contra a qual o sol investe vãmente.

E dá gôsto visitar, na velha igreja carcomida, onde o primeiro rei jaz, êsse Claustro do Silêncio, como um inegalável pensadouro.

Lembro-me de, num dia já remoto, com a negra batina da ordenança e a minha coçada capa posta ao ombro — também eu môço escravo, com assento no tedioso solar da vesga *Atenea lusitana*, a que os seus matriculados chamavam, desprezivelmente, o «Tasco» — depois de duas horas do Direito mais apto para nos desgostar da Justiça, atravessando a ponte e subindo, com um companheiro dilecto, a ladeira tortuosa de Santa Clara, termos, mais uma vez, ido dar à portaria do mosteiro, onde a prata guarda o sono da rainha das rosas.

Pelo crivo espreitador, pedimos a nossa meia-dúzia dos celebrados pasteis de amêndoa, que ainda lá se fabricavam a preceito, e, passados que nos fôram num dos compartimentos da roda conventual, em troca do dinheiro depositado na outra face, enveredámos pelo largo fronteiro ao portão do terreiro.

Metendo, à direita, por uma azinhaga muito do nosso conhecimento, em breve pausávamos a saborear a merca, num campo assombreado, perto do que baptizáramos por Monte das Orquídeas, vista a abundância da cebola-albarrã naquelas alturas.

A curta distância, numa propriedade murada, algumas mulheres varejavam azeitonas.

Não as víamos, ocultas pelo muro alto e caiado.

Adivinhávamos, porém, pela agilidade das varas erguidas e agitadas, a idade dos braços que as manejavam.

As de mais rápidos movimentos, e mais certo golpe, deviam ser as mais velhas; pois só a longa prática podia imprimir tanta destreza e tamanha segurança às pancadas que davam.

Tanto lastimava eu, em meu íntimo, a brutalidade, comoventemente cruel, da apanha da azeitona, batida, açoitada, sovada, como ré de tremendo castigo, privada das mãos que amparam as uvas, suas irmãs, que mal prestava ouvidos às cantigas das apanhadeiras, atento como estava ao manejo flagelante das varas, que revelavam, ainda, em seus desvios, atrasos e suspensões, quais as varejadoras mais presas à toada do que ao trabalho.

Recordo, no entanto, duas quadras que mais me impressionaram.

A primeira, numa alusão velada ao melindre dos primeiros amores, e talvez à claridade das noites aluadas, dizia :

Eu comprei um chapéu branco  
Para namorar de noite ;  
O chapéu branco rompeu-se,  
O namorar acabou-se.

A outra rezava assim, celebrando as vantagens da árvore que estavam tratando de despojar :

Debaixo das oliveiras,  
Rapazes, é que é amar ;  
Tem a folha miudinha,  
Não entra lá o luar.

Fresca, a voz morena — o ardor traía-lhe a côm da pele — pregoava o enlace voluptuoso do amor e da sombra.

Festejava, divulgando-a, a cumplicidade amorosa do arvoredado, talvez por tal delicto castigado e batido.

Naquele outeiro, fronteiro à cidade, as palavras maliciosas da trova da invisível cantadora não significavam inteiramente um conselho, e muito menos um convite, correspondente às nosas chalaças.

Eram, mais exacta e alevantadamente, o testemunho, o reconhecimento, a confirmação, da amorável doçura das sombras inolvidáveis e generosas de Coimbra : toda circundada de oliveiras, como uma das horas santas da Paixão.

Desde êsse dia, em que os grãos do azeite, enxa-meantes como abelhas alarmadas, choveram em maná sôbre as mulheres que os vergastavam, passei a olhar Coimbra, Coimbra a umbrosa, Coimbra a triste, a Coimbra dos idílios passageiros, como, entre as cidades, a Virgem adolorada — a que não ficaria mal a invocação de Nossa Senhora das Oliveiras !



## A COPA DE CINDASUNDA

Sem nenhuma flagrante semelhança no contorno e na arquitectura, menos sumptuosa, mais modesta, talvez mais sonhadora, Coimbra, quando agora, livre do universitário pesadêlo, a visito, lembra-me Florença: uma Florença íngreme, destituida do ar arrogante e das riquezas inúmeras da dantesca capital do Arno; uma Florença cujo purpúreo lírio se trocasse por uma fôlha do trevo do Precursor, que ella tão regosijadamente celebra; mas legítima Florença lusitana.

A Florença dolente do camoneano Mondego, por ser a cidade onde melhor se pronuncia o idioma, pela delicada flexibilidade das suas mulheres, irmãs dos salgueiros esbeltos da beira do rio, e por ter no seu passado, apesar de esperar ainda o seu Bandello, o seu Firenzuola ou o seu Boccacio, a mais rica e variada colecção de casos e lendas de amor de todo o Portugal.

A açucena rubra da velha Fiorenza — cidade das flôres — evoca, na sua estilização heráldica, um pu-

nhal de três gumes: o punhal ensanguentado, tão frequente, entre a espôsa, o marido e o amante, nas páginas joco-sérias dos narradores das suas aventuras antigas.

Coimbra, essa, não ostenta flor alguma em suas armas, que são: em campo de oiro, uma donzela coroada e de mãos postas, emergindo duma copa de prata, e tendo dum lado um leão vermelho, e do outro uma verde serpe.

Sendo, nas suas suavíssimas primaveras, todo um taboleiro de flôres, Coimbra não pode, no entanto, dizer-se como Florença: a florida.

Melhor se dirá: a lacrimosa, — pelas fundas amarguras que a sua crónica regista, e, sobretudo, pelo melancólico carácter da sua especialíssima atmosfera semivelante, que, em pleno meio-dia, parece estender sôbre as mais luminosas paisagens uma vaga névoa de pranto discreto; quem sabe se evolada ainda dos olhos rasos das filhas do Mondego, à «morte escura» da branca Inês, ou provinda talvez de mais remotas penas.

Sempre que fito o escudo de Coimbra, vendo a donzela aflorando da taça, recordo uma sorte do São João, santo coimbrão por excelência. A sorte da clara de ôvo exposta, num copo, ao orvalho bento da noite folgazã.

Com a diferença de, em vez da clara profética se haver armado em navio, em túmulo ou em capela, terem as lágrimas vertidas na copa antiquíssima cristalizado em mulheres.

Na lenda amorosa de Coimbra, a primeira figura feminina é essa Cindasunda da encantada copa, triunfante, sob a sua corôa mural, entre a serpente e o leão.

E olhos de feras  
Cruzando ainda  
De um lado e outro  
Da môça linda ;

— diz o solau de José Freire de Serpa.

Segundo a opinião prevalecente, a primitiva Coimbra ficaria no local das ruínas da depredada Condeixa-a-Velha, até que, nos tempos do suevo Ermenerico, a veio tomar Ataces, rei dos Alanos, dando princípio a um novo burgo, na margem direita do Mondego, contra o qual breve investia Ermenerico, que, derrotado, teve, junto ao Douro, de pedir paz, dando ao alano, como penhor, sua filha em casamento, Cindasunda, cuja imagem o espôso adoptou para insígnia da sua nova cidade, simbolizando o leão o timbre de Ataces, a serpente o de Ermenerico, e a copa de prata a aliança nupcial, que os congraçara.

Copa de que Gil Vicente afirma afoitamente :

E o cálix do meio é coisa errada,  
Porque há-de ser tôrre com uma prisão.

Para o poeta da *Comedia sobre a divisa da Cidade Coimbra*, a donzela ressaltando da taça não seria a pacificadora noiva do namorado Ataces; mas sim a Princesa Colimena, filha de Ceridon, rei de Córdova e Andaluzia, roubada, com seu irmão Melidónio e suas

irmãs Sosidéria, Belicrasta, Perigéria e Silvenda, pelo selvagem Monderigon, morto pela serpente e pelo leão, a um toque da buzina mágica de Celipôncio, irmão de Liberata, que se transforma em lebre:

Monderigon morto, segundo se prova,  
Fizeram-lhe a cova lá cima num pêgo,  
Pelo qual se chama êste rio Mondegó,  
E a sepultura se diz Penacova.

Cindasunda lendária ou vicentina Colimena, saudosa dos pomares da Andaluzia ou dos confôrtoes da côrte sueva, foi essa donzela do seu escudo quem chorou a primeira lágrima caída na prateada copa triste do brasão de Coimbra.

Derramada por Cindasunda a primeira, muitas outras lágrimas, de olhos lindos, vieram depois a ser vertidas na feminina Coimbra.

A copa de Cindasunda é um lacrimário precioso das melhores pérolas da dor.

À lágrima inicial dé Cindasunda, succede a lágrima mártir-gloriosa de Santa Comba, uma das nove irmãs de Braga. Doce pastora fugitiva, e crucificada, por a não seduzir o amor do poderoso!

Chora depois Elusinda, que, acusada de adultério pelo marido, e trazida ao tribunal do Conde Teodorico, «nascido do real sangue dos Godos», teve, para provar a sua inocência, de aguentar nas mãos a rubente barra de ferro da ordália reveladora.

Feito o que, recobertas as palmas com cêra e envol-

vidas as mãos em estôpa, aguardou três dias, mostrando-as, ao cabo, sem o mais leve sinal de queimadura, ao severo juiz, que, ante tão evidente honestidade, condenou o espôso a ser queimado vivo, enquanto, receosa de novas provas, Elusinda fazia em público solene voto de eterna castidade.

Chora Randulfina, «claríssima portuguesa coimbrã», como lhe chama Antonio Coelho Gasco, e da qual o seu epitáfio, no alpendre de São Pedro, celebrava, entre outras, a singular virtude de nunca ter dito mal de ninguém.

Choram Dona Sancha, fundadora do encantador convento de Santa Maria de Celas, no vale cercado de oliveiras, onde o rei D. Fruela matou seu irmão Voimarano às punhaladas, e sua irmã Dona Teresa, rainha de Leão, «a qual, sendo desquite de seu espôso pelo parentesco que havia entre ambos, por mandado do Sumo Pontífice Romano, buscou outro mais nobre, e real, que foi Jesus Cristo», instituindo, com Dona Goda, «mulher mui clara no sangue», por primeira abadessa, o mosteiro solitário de Lorzão, onde as duas irmãs jazem a par, muito a gosto, pois, conforme pitorescamente narra o autor da *Conquista, Antiguidade e Nobreza da mui insigne e ínclita cidade de Coimbra*, lhes traziam «as formosas Serranas Coimbrãs os plateados cestinhos todos cheios de áridas flôres de puro amor, que com amorosas cantigas portuguesas as vão colhendo em coros nos bemaventurados prados do Mondego, onde nascem com muita abundância, sem as semearem, apanhando também os

suaves lírios, que suas frescas ribeiras alegremente matizam, e estando todos em seu louvor».

Após as lágrimas virginais de Santa Comba em sua cruz; das lágrimas despeitadas de Elusinda ao queimor do ferro em brasa; das lágrimas raivosas de Randulfina domando os ímpetos da língua arrebatada; das lágrimas resignadas de Sancha, ao renunciar ao mundo; das lágrimas desiludidas de Teresa, separada do espôso, surge, nos tempos de D. Dinis, que deu a Coimbra a Universidade, um nome santo.

A copa argêntea de Cindasunda, tesouro de lágrimas de mulher, recolhe as lágrimas piedosas, olorosas, de Isabel de Aragão, nascida na mouresca Aljazeera de Saragoça, rainha de santidade, que converteu os pães em rosas pelo poder de Deus, como querem os devotos, ou mais simplesmente, como acreditam os apaixonados, pelo dom feminino das suas mãos amoráveis, que, naquela noite em que o espôso voltava duns braços proibidos, indicaram aos escudeiros o caminho que haviam de alumiar, com numerosos brandões, para o monarca trovador e inconstante descobrir mais depressa a estrada do regresso e da salvação.

É ao lado de Santa Isabel, sua aia ao, que se diz, deve ter chorado Dona Bataça, neta de imperadores bizantinos e conquistadora de Alcácer do Sal, mas de cujas façanhas, infelizmente, só resta a sua arca funerària da Sé Velha — o melhor cofre para se encerrar o lacrimatório de Cindasunda.

Rica de todas essas lágrimas já choradas, à copa incompetível de Cindasunda, prata luzente de amargura, estavam reservadas as mais belas lágrimas de amor que jámais se choraram na terra.

Bastariam elas para endeusar Coimbra ; pois se nas lágrimas sacrosantas de Isabel o céu tinha parte, nestas, que veem agora, ha só a terrena, mas divinizante, aflição do amor que mata ; do amor que não quiere morrer, porque os anos vividos lhe não parecem bastantes.

São as lágrimas ardentes, voluptuosas, desesperadas, de Inês de Castro, a bem-querida e mal-fadada, toda vibrante, sob o cutelo do algoz, do desejo infinito de durar para o seu Pedro e para os seus filhos, nesse idílio que escurece todos os idílios, e fêz de Inês, uma espanhola, a maior figura do Portugal amoroso.

A par das de Inês, sacrificada pela razão de estado, e

Por quem estará chorando sempre o Amor,  
Honrando-se sómente do seu nome,

como lamenta o côro inspirado da *Castro* de Antonio Ferreira, fulgem, dolorosas, as lágrimas de Dona Constança, pálida e tocante amorosa, chorando, envergonhada, na desolação da sua câmara, o remorso irremediável de não ser mais bela e mais amada que a rival.

Suprema figura de fatalidade, que a musa helénica de Eugénio de Castro cingiu com ternura :

Não há dor neste mundo que não tenha  
 Cravado o seu punhal até ao cabo  
 Na alma de Constança ; mas lavrada  
 Pelo bom lavrador, que é o Sofrimento,  
 Olhai essa alma, vêde-a : que abundante,  
 Que prateada e luminosa seara  
 De perfeições celestiais ostenta !  
 Abri os olhos ! vêde-a bem : dirieis  
 Que, a caminho do céu 'stais descaçando  
 Numa campina angélica da lua !

Não deixa de haver lágrimas novas, lágrimas de pena, lágrimas de amor, na taça pesarosa de Cinda-sunda.

Outras lágrimas lá tombam, na amarecente copa ; amargurado cálice de paixão, a que nem faltam, em derredor, as oliveiras de Getsmani.

Corre em fio o pranto inocente de Maria Teles de Menezes, a do «mui alvo corpo», de Fernão Lopes, meiga cordeira imolada, no paço encantador de Sub-Ripas, às intrigas criminosas da lôba sua irmã, a desfachada Leonor de D. Fernando e do Andeiro.

Mais leves manam as lágrimas vingadoras de Dona Guiomar Nunes, «a dama da cutilada», que tão exemplarmente se desafronta da perfídia do sedutor, retalhando-lhe a face com uma navalha de barba, offerta de D. Sebastião a seu pai, o célebre cosmógrafo Pedro Nunes :

Senhora Dona Guiomar,  
 Moradora na Calçada,  
 Que destes a cutilada ;  
 Senhora Dona Guiomar,

Que moraveis na Calçada,  
Mereceis tença d'el-rei  
Pois destes a cutilada...

Novas lágrimas se somam às vertidas.

Socorrendo-se do coração, não cessam os olhos das mulheres de pagar o tributo estranho à copa de Cindasunda.

Mas seria de enfastiar dizê-las todas!

Pela legenda amorosa de Coimbra, a lácrimosa, fêz Tirso de Molina, que tanto amou as portuguesas, passar o sorriso ladino da sua endiabrada Jerónima do *Amor médico*, como um rubi vermelho entre brancos cristais.

Já antes, Antonia da Trindade, de Cantanhede, se disfarçara de estudante, para aprender teologia e gramática. Reconhecida um dia como mulher, chorou e, com o nome de Soror Beatriz da Cruz, foi-se fazer freira, e quási santa, em Figueiró.

Quantas, depois, pelos tempos fora, nomeadas ou esquecidas, terão chorado em Coimbra?

Não transbordou ainda, por isso, a copa de Cindasunda, impreenchível, onde continua a haver logar e causa para a mágua sincera ou para o volátil lacrimajo das Assunções, das Isabeis, das Rosas e das Laurinhas, que, feitos doutores os amados, teem de vir à estação dizer-lhes o último adeus.

Que, na taça de Cindasunda, as lágrimas, segundo parece, vão rareando cada vez mais, sem que, em compensação, os sorrisos se abrilhantem...



# ESTREMADURA



## ODIVELAS

Aqui à beira de Lisboa, que, no primeiro, novo espraçar da sua vastíssima zona, a virá a incluir nos seus limites, ignorada quasi, desconcorrida, quasi abandonada, Odivelas, destituida das suas freiras célebres, perdeu, para o vulgo, êsse prestígio antigo de seduções pecaminosas e monacais tentações, que sempre lhe esmaltou a fama.

Hoje, o seu nome, outrora tão afagado nas bôcas dos mil amantes que a demandavam ; êsse nome, cujo saçor era de devoções gaiatas e doces de ovos, cujo perfume, muito mais que o do incenso, era o do almíscar, de sêdas femininas, de flores esmagadas, apenas conseguirá interessar evocadoramente, se tanto, os eruditos familiarizados com a sua frívola história, ou os poetas impenitentes, capazes de lhe incrementarem a lenda à custa da galopante fantasia.

Tirando êsses, só muito preguiçosa ou embusteira-mente acordará na mente precária de algum pouco verídico confeitiro que se lembre de o escrever em garrafais num cartão mentiroso, espetado num palito,

talvez já servido, e de o arvorar chamareiramente sôbre uma dura pirâmide de tijolos dessorados de vestusta marmelada; assim impingida à gulosa freguesia como descendente espúria da sapidíssima massa pálida e translúcida, a que as monjas devassas sabiam, religiosamente, reduzir o monótono fruto do caceteiro arbusto.

Para aqueles poucos, no entanto, a quem é doce acrescentar a vida, vivendo contemporaneamente com o presente, amiudadamente desagradável, o sempre aprazível e obediente passado, Odivelas é uma feitiçeira palavra, que diz muito de malicioso, de elegante e de luxuosamente perverso.

De preferência à denominação do logar onde existiu um convento afamado, e muito mais pelos peccados do que pelas virtudes, parece o designativo, entre pomposo e abjecto, dum sumptuoso palácio de fidalgas galantes e heteras desavergonhadas, onde a orgia reinou, desenfreada, prolongada, escandalosa.

Tempos houve em Portugal, nos quais Odivelas se deve ter pronunciado com aquella lenta voluptuosidade de articulação que um turco do antigo regímen — pois já até na Turquia se estabeleceu um regímen novo — empregaria ao referir-se ao nome do edificio recatado e inabordável, onde se guardavam, fieis à fôrça e invisíveis contra sua vontade, as escravas apetecidas da lubricidade do potentado.

Odivelas foi, na verdade, em sua áurea época, o harêm real português. Harêm que, ao privilégio de satisfazer os desejos carnaes dos monarcas, ainda di-

vinos, juntava a prerogativa de fornecer à gula sensual dos fidalgos pobretões e dos mercantes ricos o pasto branco ou moreno da carne adolescente, a que o hábito emprestava, como aliciente eficaz, um irresistível gôsto de eterna condenação.

Se, ainda em nossos pretensio-civilizados dias, sente o homem um prazer todo especial e traiçoeiramente cruel em enganar no amor o seu semelhante que indizível gôsto, grosseiro, mas real, não devem ter experimentado os peraltas e os casquilhos de antanho em trairem, adulterinamente, a ninguém menos do que a Deus, suposto espôso dessas concubinas seráficas, que a touca alindava; dêsses corpos macios, poupados, que a religiosa veste recatava fascinadoramente!

Confessam inúmeros que o risco da sova marital espicaça o paladar, na deglutição criminoso do chamado «fruto proibido», de todos gabado.

Há quem afira do tesouro, ou dos mimos da herdade, pela altura da vedação, ou pelo arreganho do cão de guarda. Interdizer, é, na maioria dos casos, estimular. Ao convite chama-se, muitas vezes, proibição. Trancar uma porta é, freqüentemente, a mais decisiva maneira de recomendar que se abra; como prevenir é, no geral, prever a obrigação de remediar.

Calcular-se pode, pois, o que seria, como provocação, como reagente seguro, êsse perigo atroz do inferno, que se corria.

Porque, de facto, se uma mulher que pode levar a um pugilato ou a um duelo, ao remorso ou à coniplicação, vale, para tantos, dobradamente, quantos

dôbros ou tresdôbros não valeriam, numa sociedade eivada de beatério, essas com quem se arriscava o fogo infernal para todo o sempre, com o mais crente dos temores; dado que, para gozar em toda a extensão as freiráticas aventuras dos idos tempos, condição *sine qua* era acreditar ferozmente no Crucificado vingativo, como, ainda actualmente, para fruir do pique duvidoso dos enfadonhos adultérios de salão, requisito indispensável se torna admitir, sem hesitações, o por vezes problemático rebate dos maridos ultrajados, na denunciante conjuntura reveladora.

Em Odivelas, que um trocadilhista do tempo podia etimologar «hei-de ir vê-las», viveu-se a mais licenciosa das vidas.

Do catecismo, ali tantas vezes trocado pelo Galateu, apenas lá se conheceram os «mistérios gozosos». Os *oremus* fôram, para essa tripudiante comunidade, muito menos freqüentes que os *gaudeamus*.

Não era um convento, nem um reclusório. Foi uma alcova enorme, um toucador imenso, um orgiário colossal, em que os altares eram sobretudo os leitos, e as custódias, de duas pernas, tinham regaços condescendentes.

Dos mil casos picarescos ou facetos lá sucedidos, rezam com profusão as crónicas, as poesias, os folhetos avulsos, e principalmente os inéditos, ainda bastante numerosos; em vista da maior parte, com glosas sacrílegas do Padre-Nosso à mistura, ser de tão rubro tom e cáustico destempêro, que se não torna viável, sem muitas reservas, a sua divulgação.

Em Odivelas recrutou, como é sabido, o libidinoso senhor D. João V algumas das suas amásias: a mais querida das quais parece ter sido a famigerada e triqueira Madre Paula, de saciada memória, cujo lendário cravo tem dado lugar aos mais saborosos episódios de bricabraque.

Outro monarca deixou alguns nomes de amantes suas nos registos de convento. Foi D. Afonso VI, o despojado, que, segundo o provou o processo escandalosíssimo do seu divórcio, não poderia passar dos platonismos.

Atribuem-se-lhe, no entanto, amores com D. Ana Angélica de Moura e com D. Feliciano de Milão, a espirituosa e desbragada repentista, cuja chalaceada biografia está a pedir, há muito tempo, um narrador alegre.

Das que contentaram fidalgos, prelados, milicianos, poetastros, sacristães, jardineiros, ou os saloios do arbalde, nem se fala. São legião. Foram quási todas.

Com êsses nomes e seus escandalosos feitos na memória, se demanda Odivelas, o ninho sacro-galante, de que Camillo escreveu com mostras de perdão:

«Cs amorios de Odivelas, uma vez por outra, eram mais escandalosos do que impuros. Paixões sérias e levadas à extrema consequência do assalto ou da fuga eram raras. Em mosteiros menos apontados à vingança do céu repetiam-se mais freqüentes as transgressões do voto original. Brincava-se ali, em Odivelas, com o amor. Supurava muito abcesso de ternura.

em poesia má — verdadeira peste. Sarados uns tumores, bojavam outros. Em cada primavera, trinava pássaro novo no coração da freira e pululava no terreiro florescência nova de condes, de cónegos, de poetas que, por via de regra, eram as línguas dos fidalgos.»

Ao entrar na povoação, logo se nos depara a elegância do seu único monumento intacto, e êsse mesmo, ao que parece, posterior e retocado: o arco-padrão de D. Dinis — o povo diz «a memória» — que fundou o convento.

A dois passos, êste se mostra no velho terreiro, em que as caleças, as liteiras, as seges reais e as cadeirinhas armoriadas se cruzaram freqüentes, vistosas, de cortinas descidas algumas, para ocultarem as poderosas personagens, que, ao galgar do Arco dos Pregos, «perdiam a vergonha», como do seu rei dizia o Cucolim, ao vê-lo rebuçar-se.

O antigo mosteiro está hoje completamente deformado e remexido, encontrando-se convertido num instituto de beneficência e educação.

De velho, resistem a abside da capela-mór e os absidiolos das capelas laterais, de frente para o visitante que chega, e que, apesar dos desgraciosos corpos modernos, que minam com assimétrica confusão o actual edifício, tem, se fôr artista, pasto para os olhos, desejosos de evocação, nessa pedra airosa tocada do tempo.

Diante da porta do tópo canhoto do cruzeiro, projecta-se, espaçoso e decorativo, o grande alpendre

colunado, mandado fazer, em 1573, pela abadessa D. Guiomar de Noronha, e forrado de azulejo seiscentista à custa de Lourença de Mello, porteira do convento; o qual está agora em nível inferior ao do largo, que um banalíssimo chafariz adorna.

Franqueia a igreja, por êsse lado, uma portinha gótica.

Transposta ela, é uma desilusão. Damos com uma casa quadrada, antipática, berrante nos seus oiros recentes e agressivos, de tintas espavorosas, sem piedade e sem gosto.

Valem-nos as capelas velhas, ainda assim alteradas, que, na cabeceira daquele autêntico salão, são tudo o que resta dos mui remotos tempos, a documentar a indiscutível superioridade dos canteiros medievais sobre os mestres de obras contemporâneos.

Na capela da direita, está, num túmulo simples, D. Filipa, a filha do morto de Alfarrobeira, letrada, iluminurista e enformadora da branca alma piedosíssima da filha de Afonso V, D. Joana, sua sobrinha, que repousa em Aveiro, sob a corôa de espinhos do seu brasão modesto.

Do lado do Evangelho, jaz, no seu túmulo vandalizado e imbecilmente preenchido a gesso e argamassa, o fundador, o rei poeta e inconstante, D. Dinis; assim, na morte, como na vida, sempre distanciado da sua Isabel, que foi milagrosa e dorme, em Coimbra, num arcaz de prata.

Descontados os pavorosos enxertos que o desna-

turam, é êsse túmulo de D. Dinis uma obra notável dos princípios do gótico rude, que nas tôscas edículas, como entre troncos, ainda não sabe voar, mas já se ensaia harmoniosamente no canto.

O enorme sarcófago historiado assenta, em seu desusado tamanho, sôbre três figuras de ingénua e magnífica atitude: um leão, um tanto quimérico; um assinalável camelo, que um árabe fabuloso segura com uma corda de exageradas proporções; e um curioso urso, que um cavaleiro apunhala, decerto em memória do outro, que, fazendo o voto do futuro mosteiro, o monarca lavrador exterminou em A da Beja — aldeia visinha de Odivelas, que, por a julgarem a cidade alemtejana de Beja, tanto tem dado que para fusar aos eruditos, atrapalhados com a distância inconciliável do sítio da promessa e do local da edificação.

Ante êsse túmulo imenso como o dum gigante, esquece-se inteiramente a tradição galante, escandalosa, do convento célebre, do devasso folgadoiro, onde, em áureos períodos gaudiosos, chegou a haver juntas quinhentas freiras. Meio milheiro de mulheres, quási todas inclinadas às mundanais preferências e imbuidas dos apetites mais profanos!

Dentro da sua conspurcada arca de pedra, onde a última parcela de carne se deve ter já repulverizado, e apesar de tanto haver, também êle, sacrificado ao amor em numerosos e fecundos idílios, o real trovador do Cancioneiro assume o aspecto dum severo herói, temido e austero.

E' como que o patriarca duma tribo originariamente virtuosa, e descambada posteriormente em libertina horda de prazer, mas cuja memória os descendentes, ainda que desavergonhados, hipócritamente receiam agravar, e de cuja final morada, portanto, se afasta quanto pode, medrosa da vingança, essa sarabanda descaradíssima, a impudica falange, a tão licenciosa farândola das monjas estúrdias, rapioqueiras, que depois vieram, arregaçando os hábitos como saias de pelotiqueiras, desengonçadas as ancas como quadris de loureira, pintando as caras como saltatrizes, e desnudando os seios como em alcouce, tripudiar insolentemente, báquicamente, em tórno ao vulto pantafaçado do libidinoso sátiro, que, sob o docel, enristava o sceptro cravejado, sonhando com misticismos eróticos e deboches ritualizados, com Mafra colossal e com a imponente nádega da Madre Paula, enchendo as basílicas de indulgências e as amantes de mercês, multiplicando nos edifícios as janelas e os filhos alheios nos ventres mercenários das barregãs, entremeando os lausperenes com as visitinhas, saindo da igreja para o espoliatório, da mesa da comunhão para a das indigestões, conciliando, em jejuns e orgias, Jeová e Trimalção, a *Vida edificante de S. Camilo de Lelis* e o *Satyricon* de Petrónio, sufocando em oiro os papas e os remorsos nas pratalhadas, namorando com igual largueza de dádivas os cardiais, as noviças e as ciganas, mendigando à Itália, a pêsso de oiro, bulas e cantores de ópera, estarrecendo-se indiferentemente diante dos nédios capados garganteantes e dos arra-

zantes capões enxundiosos, aumentando os sinos e as cômruas, unindo as novenas às borracheiras, acumulando na lista de seus paspalhantes actos as abadessas e as capelas-mores, as poucas vergonhas e as poucas belezas.

Odivelas, que é um nome malicioso e equívoco, parece esquecer-se, sumir-se, ante essa sepultura, em que todo o cio arrefeceu.

Não há ali lugar para a gala pançuda e escabrosa do Magnânimo.

Ao perpassar-nos, violento, pela mente, o verso de Junqueiro, fulminante, parece uma blasfémia :

São onze mil noivas, são onze mil bodas . .

Restaurado, como disse, recentemente, com vernizes lustrosos e aguerridos, o grande rectângulo da única nave da igreja, já de si mais moderna que a parte de além-cruzeiro, perdeu todo o carácter da frívola época ali desenrolada.

A época do faustoso e lúbrico sol da Lusitânia, D. João V, arremedante espelho do Febo francês; por graça e maus costumes do qual, foi essa Odivelas, ardente como uma fornalha, o serralho locupleto de tentadoras mocidades fáceis!

O divinizado prostíbulo da gula suja e insaciável do monarca, delirante de grandezas, e da fome pelintra dos fidalgos, esfomeados de migalhas!

O bento lupanar da divindade e da realeza!

O litúrgico bordel, onde o Fidelíssimo, feito paxá, repartia, às dúzias, as espôsas transitórias com o Allís-

simo, volvido sultão; vivendo ambos e todas, nesse místico marnel, a mais concorde e beatífica paz do oriente: as cinco centenas de professoras pombinhas, o Magnificente e o Todo-Poderoso!

Tal como se encontra, a igreja, para baixo do transepto, é uma casa qualquer, banal, desacolhedora, estúpida, que nada diz, nem consente dizer.

Em vão, lá procuraremos o que a nossa imaginação vinha apeteendo: a vetustez monástica do século XVIII português, rico, ostentoso, succulento ou alambicado, no discutível gosto das suas talhas, dos seus tremidos, na massiça resplandecência dos seus mármore raros, nas repolhudas ênfases da sua ornamentação prolixa, com toda a sua indolente e sensual elegância.

Nada nos fala dêle. Das celas luxuosíssimas de algumas das freiras mais graduadas, restam, quando muito, algumas paredes sujas.

Odivelas, e é muita pena, morreu em Odivelas.

Há, apenas, num que outro altar, por aqui ou por além, vestígios do que foi o grande senhor de Odivelas, do petiz risonho, que ousou roubar ao espectacularo Cesar o fervor dos mongis corações.

Contra o que a fama reza, e apesar de lá muito acarinhada, não foi Venus a maior divindade de Odivelas.

Como em outros conventos de freiras, o senhor mais absoluto daquele reclusório de mulheres foi Cupido.

Um Cupido, já se deixa ver, católico e sagrado ; o Cristo em figura de criança ; um deus recém-nascido : o Menino Jesus.

Êsse cincoréisinhos de divindade parece ter sido ali o verdadeiro soberano, o bonequito por excelência. E não só das religiosas, mas também do pequeno povoado ; pois é ainda êle quem hoje nos surge, gracioso, sôbre a porta da matriz.

Sem carcaz e sem aljava, o deus miniatura, êsse deusinho que as freiras se dariam, em beijoqueiros arroubos, a ilusão de haverem parido, abriu, no peito vadio e ansioso de muitas, a ferida bemfazeja da ternura.

A vida conventual era, no fundo, uma vida de amor.

Na literatura profana, não há riqueza de palavras comparável à das dulçurosas dissertações que a paixão religiosa inspirou.

A freira, por mais frígida, nunca podia perder de idea que era, jurada e consagradamente, uma espôsa ; espôsa nominal, às vezes intacta, mas espôsa.

Obrigada a essas bodas perenes com um deus que se fizera homem, que admira que elas não conviessem em deixar de ser mulheres ?

Noivas perpétuas do Senhor, espôsas de Deus, que admira ainda que, prolongando o pacto esponsalício, elas, vivendo dum amor imaginário, quisessem, como mulheres, darem um filho ao seu amado, ainda que imaginariamente ?

Daí a grande ternura das freiras pelo Menino Je-

sus. Daí essa paródia tocante de maternidade, que às mais gaiatas fornecia um vasto campo malicioso.

Em Pompeia, cidade da decadência, abundavam, como motivo decorativo, os «amorsinhos», aos quais, eliminando quási os gestos infantis, se deram variadas atitudes másculas, mas que, em vez de resultarem impudorosos, ficaram engraçados, dado que, venturosamente, as convenções da moral exceptuam da sua rigidez sonsa a criança.

A redução do tamanho, a diminuição da idade, a transposição da grandeza natural para uma escala mais pequena, é, a seu modo, uma fonte de moralidade. Compreendeu-o Rembrandt, quando pendurou do bico da jupitérea águia o seu Ganimedes de tão poucos anos.

Uma mulher a discorrer, ainda que muito compostamente, com um sátiro, não é, para os fariseus que em arte com tal se prendem, um tema moralizante. Essa mesma mulher, com as roupas arrancadas, a jogar o mais amorosamente possível com dois ou três faunos, decentiza-se para toda a gente.

Na infância reside a pureza ilibadora, caracterizada pela ausência da possibilidade amorosa.

Por isso, as épocas fatigadas, incapazes de conceberem a verdadeira inocência, sóem aproveitá-la para, com ela, representarem scenas que a sua falta de coragem moral se não atreve a exprimir na sua fecunda realidade.

Em arte, a criança nem sempre é a nota mais pura

da vida. Não passa, muitas vezes, dum disfarce da hipocrisia.

Há os artistas sãos, potentes, que celebram a criança, como criança, em toda a sua desabrochante beleza, em toda a sua sorridente candura. Temos os meninos de Murillo e de Rafael, os petizes roliços dos Della Robbia, os infantes admiráveis das cantorias de Donatello: a criança esperança de vida, inspiração do amor sadio, prolongadora promessa!

No campo oposto, vemos a criança pretexto, a criança disfarce, a criança transvestida de homem, ou, melhor ainda, o adulto mascarado de criança, como atenuante de representações suspeitas. Veem, então, os anjinhos reles, os querubins afeminados, os encorpados serafins.

Para a decadência de Odivelas, o «amorinho» pompeiano, o anjinho bréjeiro, quási que um cãesinho fraldiqueiro, foi o Menino Jesus.

Estremeceram-no, apapericaram-no, serviram-no ali as freiras com continuidade e pieguice, com destemperados disvelos, com mimos ridículos, com tagatés, com festinhas; de envolta com seu carinhoso piparote ou terno beliscão nessa «sagrada carnesinha», que, diz um místico, «parecia ser feita e mesclada de um finíssimo e riquíssimo ouro do Céu».

Observada através das crónicas e das versalhadas que inspirou, a vida em Odivelas era um mixto de tacanho fanatismo e facécias descabeladas, de torpezas e parvoíces, suavizada, de onde a onde, pela boa

música que lá se fazia ; fugazmente nobilitada pelo romance dalguma chorosa noiva contrariada ; amenizada com uma que outra graciosidade maldosa ; raramente colorida por alguma partida digna de sorriso.

A livre clausura de Odivelas era, em síntese, um composto vulgar de vício e toleima, de batuques e motetes, de orações e lunduns, resvalando a cada passo para o incontável e para o soez.

Não se pode, sem a falsear, dizer com leveza, aspergindo-a de polvilho e pimenta fina, a intimidade licenciosa de Odivelas.

Para a contar verídicamente, careceria o narrador de mergulhar os braços em sal grosso e de barrar as páginas de picante mostarda: essa mostarda, mordente e dicaz, que lubrificava a língua afilada de D. Feliciano de Milão, figura desabusadamente proeminente entre as centenas de odivelenses.

A divindade mais consentânea com um mosteiro que assim dodivanava, não seria decerto a do Cristo ensanguentado do Calvário, nem a da Virgem arquidolorosa das espadas.

Ainda hoje, no altar-mor da igreja, a Virgem é uma branca, quasi transparente, imagem de jaspe, que parece feita de espuma leve: uma virgem de toucador.

O que convinha a Odivelas era um deus inconsciente ou um deus cego; um deus sem malícia ou um deus capaz de fazer vista grossa; um deus inocente ou um deus caquético; um deus fantoche ou

um deus jarrinha; um deus inválido ou um deus boneco.

O amor das monjas à vivacidade e à alegria fê-las optar, na devoção mimosa, pelo deus criança.

O deus de Odivelas foi o deus mimalho, o deus bugiganga, o deus maravalha, o deus berloque, diche, insignificância; o deus portátil, que se podia meter debaixo do escapulário; o deus coisinha, que se abrangia num beijo.

Em Odivelas, mais e melhor que em outro nenhum mosteiro, se deve ter lido e meditado, entre dois outeiros melífluos, ou entre duas derriçadas grades, a *Mística Cidade de Deus*: o doido tratado de Maria da Agreda sôbre a puerperícia de Nossa Senhora, tão eivado de fisiológicos e chocantes pormenores, que afrontou Bossuet e foi proibido por Inocência XI.

Como essa, outras obras da mística e da padristica, absolutamente repugnantes na idea e na forma, de que só o latim permite ainda citar certas passagens por demais realistas, como aquella dum sermão de São Pedro Damiano: *Locum voluptatis uterum Mariae intelligo, in quo cumulavit omnes delicias, deliciarum Dominus.*

Presumo que muitas freiras trouxessem decoradas certas imprecações apaixonadas dos devocionários, já-mais igualadas por nenhuma paixão inspirada por mulher. Esta, por exemplo, que São Lourenço Justiniano pendura dos lábios simplórios da Virgem: *...apud me sunt verae deliciae, apud me Coeli voluptates: mihi desponsare, et beatus eris!*

Prevaleceria, para elas, em interêsse tudo quanto ao deus menino se referisse. Opinariam, com Guericco: *Dulce prorsus et sapidum est cogitare et recogitare Puerum Deum.*

A demorada discussão teológica sôbre o tamanho que o Menino Jesus tinha ao nascer, dar-lhes-ia que pensar. O apurar se o volume duma abelha, se as dimensões duma amêndoa, que os místicos não chegaram a fixar indubitavelmente, devia ser uma das suas teses predilectas.

Saberiam, eruditamente, que, segundo Santo Agostinho, «dos paninhos de Jesus se fizeram emplastos para se curar a nossa natureza enfôrma».

Manuseariam, como livro de cabeceira, as *Delícias do Coração Católico*, do Padre Manuel Consciencia, onde se lê:

«Mas quem é a Sabedoria de Deus encarnada, se não o lindíssimo Infante de Belem, que está reclinado no colo de tão especiosa Virgem. Neste pois é que estão os gozos mais puros, neste as mais deliciosas suavidades. Ponde os olhos na engraçada beleza do seu rostinho: atendêi aos seus ais, e soluços amorosos: applicai a bôca, e consagrai-a nos seus pésinhos com reverentes ósculos: tomai-o humildemente nos braços, e apertai-o com ternura ao peito. Se isto vos não inflama no mais fino amor, se vos não causa a maior doçura, eu não sei na verdade que cousa possa haver criada, que seja doce, amável e delectosa.»

Diz Santo Agostinho, nas *Confissões*, que «para

ser mais familiarmente amado pelo homem, Deus lhe vestiu a forma.»

De Odivelas, poderia dizer-se que, para se tornar mais apaixonadamente querido das mulheres, Deus se fizera criança.

Não calculo quantos Meninos Jesus terá havido em Odivelas.

Inúmeros, sem dúvida, de todos os feitios e materiais, em todas as posições e atitudes: de pé, sentados em cochins custosos, a dormir, a brincar, de madeira, de barro, de marfim, de massa doce, nus, vestidos, carecas, encabelados, risonhos, trombudos, descalços, calçados, choramingas, travêssos, em tronos, em cadeiras, em berços, grandes e pequenos, recém-nados ou já espigadotes, loiros, morenos, feios e bonitos, de saias e de calças, ricos e pobres, gorduchos e enfezados, brancos, e até pretos, pois que no convento houve africanas.

Na época loquacíssima das quinhentas freiras, deviam pulular aos milhares.

Algumas, mais maternais, não se contentariam só com um, e criariam uma ninhada.

Outras, mais compassivas, além do seu Jesussinho de eleição, perfilhariam vários outros Meninos adoptivos, para se compensarem da falta dos que tinham de engeitar.

Quantas, em acessos de birra, não dariam escacante cabo dos seus ais-Jesus?

Porque o Menino Jesus foi a boneca de Odivelas.

Como ao São João da cantiga, deve-lhe ter acontecido, por vezes, que as freiras o «depinicassem» fartamente.

Uma fazia-lhe versos :

Dizei, meu amor Jesus,  
Dizei, minha saudade,  
Em qual dêstes corações,  
Estais à vossa vontade ?

Logo outra lhe faria uns sapatinhos, uma touqui-nha, uns cueiros, uma camisinha, uma fraldinha, com êsse derretimento que obriga aos diminutivos.

Haveria preferências e emulações : os Meninos Jesus mais bonitos, e os Meninos Jesus mais bem arranjados.

Como mães, a seu modo, todas desejariam que o seu rico filho fizesse a melhor figura. Estabelecer-se iam rivalidades e ciumes.

Chegaria a haver estreias, vindas do santeiro, em tudo iguais a partos.

Dessa fartura de Meninos Jesus em Odivelas, restam poucos exemplos, mas ainda assim comprovantes.

Vi lá, pelo menos, quatro exemplares frisantes.

Um é um Menino Jesus ajoelhado, certamente em adoração a alguma freira, ou pôsto de castigo.

Outro, todo vestido de branco, esboça um passo de dança.

O terceiro é um Menino Jesus, com cara de homem e os cabelos sôltos pelos ombros, metido numa

túnica verde, com uma capa da mesma côr, e tendo na mão um grande chocalho doirado, quási maior que êle. Horrendo, adivinha-se a gracinha que as monjas descobririam neste Menino Jesus do chocalhinho.

O quarto é o Menino Jesus lacaio, de farda encarnada, calções e casaca agaloada a oiro. Devia ser o criado dalguma freira orgulhosa.

Do Menino Jesus bailarino ao Menino Jesus de cabelos soltos; dêsse que está de joelhos, ao outro que está de farda; há logar para conjecturar dezenas de outros, demonstradores de que êle foi, pequenino e reverenciado, o verdadeiro monarca de Odivelas.

Odivelas morreu em Odivelas, já o disse.

Traz-se de lá, afinal, a imagem duma freira, de branco hábito escancarado, dando de mamar, a fingir, a um Menino Jesus esperneante. . .

## DAS CALDAS À BATALHA

Leio num jornal, entre as vulgares notícias que boletenam a vida e as mortes da cidade, isto :

«Realiza-se amanhã, nas Caldas da Rainha, o leilão da fábrica de cerâmica, fundada pelo malogrado artista Raphael Bordallo Pinheiro, no ano de 1884, e cujos produtos fôram premiados com medalhas de ouro, nas exposições : Industrial Portuguesa 1888, Universal de Paris 1889, Colombiana de Madrid 1892, Universal de Anvers 1894, Industrial Portuguesa 1895, Universal de S. Luís 1904.»

Quere dizer : a estas horas, dêste domingo borrascoso e lúgubre, que põe uma nuvem no sonho mais doirado, vai alienar-se, talvez a mãos profanas, decerto a mãos interesseiras, a privilegiada forja de arte, em cujos fornos ardeu, mais quente que a rubra chama do pinho, mais caprichosa e ousada que os vãos do fumo, a suprema, cambiante, fantasia de Raphael Bordallo.

Parece que há, nos uivos do vento desesperado, o remorso de ter espalhado êsse bárbaro pregão de

leiloeiro, convidando intrusos a devassar, a regatear, a apossarem-se do mais íntimo santuário do artista; aquele recanto que comportou o poder febricitante de desentranhar beleza.

Ingrato, triste, bando de leilão, êsse, que, mercadejadamente, entregará ao que mais der a morada admirável do que não tem preço: trono vasio, tomado de assalto pela gentalha; cofre frágil de argila, despedaçando-se ao tinir da paga estipulada!

Desde tempos remotos, tradicionalmente, se dedicavam, nas Caldas, alguns oleiros pacientes, mas ignorantes, a amassarem deficientemente um barro mal tratado, criando rudimentares imitações de fôlhas e frutos, de que a melancia às talhadas era preferida pelo vibrante destaque das côres, e obtendo assim umas rudes peças de tôsco colorido e modelado, macabramente simiescas quando queriam representar figuras.

A seu par, as Caldas da Rainha, tão estimadas por D. Leonor, a caridosa espôsa de D. João II, e mãe infeliz do gentil D. Afonso, morto, em Santarem, do cavalo abaixo, quando, todo de negro, corria o «paréu», exploravam as suas nascentes sulfúricas.

Eram uma pequena estância de reumáticos e herpéticos, no verão, e uma vila quieta nos dias de semana do resto do ano, que os domingos e as festas pontualmente alegravam com feiras e missas cantadas.

Bordallo, um dia, visita as Caldas, e, pegando com

atenção num daqueles «bonecos», tem o pressentimento da sua obra de ceramista.

Depurando essa pasta da aspereza que o mau tratamento dava ao grão rebelde, sujeitando-a a uma plástica de artista, adoçando-lhe os tons pela escolha das tintas, tornando-a transparente por uma mais sábia aplicação do vidro, abolindo-lhe as fendas impertinentes por uma temperatura conveniente, realçando-lhe o brilho, Bordallo viu que amparado por uma carinhosa inspiração, êsse barro se podia converter numa linda, embora susceptível, matéria de arte.

Cogita, tenteia nesse sentido, e pouco depois coze, na fábrica de Avelar, os seus primeiros trabalhos.

Animado pelo bom êxito da tentativa, súbito inflamado por essa sofreguidão entusiástica, que os artistas conhecem na hora febril dum novo limiar, Bordallo, como que palpando em suas mãos os segredos que guardavam, finca-se na idea de criar um laboratório seu, meio industrial, meio experimental, e consegue fundar a sua fábrica: essa Fábrica das Caldas, que haveria de ser o solar do seu bom gosto e um paço apontado a dedo nas ruas da arte.

Bordallo foi, pode dizer-se, o verdadeiro popularizador da chamada «louça das Caldas». Da sua fábrica saíram numerosos primores, desde a peça única, requintada e irrepetível, ao objecto comum, multiplicável, corrente como as moedas.

Saiu mesmo de lá, uma bela vez, numa enorme caixa almofadada e engenhosa, êsse imenso troféu de barro, a filha mais alta da cerâmica, que é a Jarra

Beethoven, hoje guardada ciosamente no Palácio presidencial do Cattete: monumento em que, sonhando nas mãos do oleiro, o barro igualou o sonho da carne sob a carícia.

Não sei que nefasta fatalidade, que indesviável prêmio, podem levar o martelo do leiloeiro a abalar êsse templo delicado do barro caldense, numa derrocada que ensanguenta a arte portuguesa.

Doloroso, por certo, deve ser o motivo imperioso que, cruzando os braços ao filho extremoso do artista, e seu honesto seguidor, Manuel Gustavo, permite que se discuta em hasta pública o valor da paterna oficina.

Não discutirei o que já não tem remédio. Quero apenas, lamentando o facto, dizer do amor de Bordallo, exuberante e apaixonado, à terra que, fornecendo-lhe o barro, êle tão notávelmente assinalou.

Bordallo adorava as Caldas da Rainha. Passou lá muitas horas da sua vida.

Edificara a fábrica num grande parque frondoso, que os loureiros perfumavam e os castanheiros ensombreciam, e que êle alindara, quanto pudera, com plintos, bancos, fontes de faiança, acessórios interessantes, construindo um lago todo em barro, de que a água desertara, para só correr, mais lá em cima, à boca da mina, competindo em leveza e cristalinidade com a água da Boneca, uma quinta visinha, célebre na vila.

Disseminados pelo parque, havia os diversos pa-

vilhões : as oficinas, as máquinas, os fornos, a um lado ; e do outro, a casa de venda, os escritórios, a caixotaria, a embrulhagem, etc.

Sobrelevava, pelo gôsto artístico, a sala de exposição dos produtos, adornada com a prata da casa, hábilmente disposta por entre painéis de azulejo, lenços decorativos de Alcobaça e fasquiados simétricos.

À entrada, ficava a casa que Bordallo habitava quando ia sósinho para as Caldas, e que, nas suas acanhadas repartições de tabique, era, cheia de retratos e graciosa, quási uma casa de criança, povoada de gatos.

Raphael Bordallo estremecia, sem restrições, toda a bicharada.

Quando voltou do Brasil pela segunda vez, chegou a ter na fábrica um jardim zoológico, com araras, catatuas, macacos e sagüins, que trouxera, somados aos cães, aos perus, aos coelhos, às galinhas e aos gatos, que lá nunca faltavam.

Para êstes últimos, ia a sua maior ternura. O gato era, para Bordallo, o mais estimável animal da criação. Olhava-os como um dos mais curiosos aspectos da vida.

Não é rara a simpatia dos artistas pelos felinos, mas Bordallo punha na adoração dos gatos extremos de carinho.

Não se limitava a gostar dum só gato, do seu gato, ou dos seus gatos ; porque sempre teve mais de um.

Amava o gato em geral, o gato espécie, os gatos

dos outros, os gatos sem dono; todos os gatos, por mais vagabundos e refilões que se mostrassem.

Adoptou o gato como uma sua marca. Em muitas páginas suas, o gato aparece, sobretudo naquelas em que o artista se autocaricaturou.

O gato foi um complemento de Bordallo. Quem o conheceu na intimidade captivante, pode dizer se, à mesa de jantar ou à mesa do trabalho, um gato pelo menos, vivo, nervoso, esperançado, o não olhava.

Do recanto activo da sua fábrica, onde era certo encontrá-lo, prazenteiro e amável, de blusa de linho e boina de malha, Bordalo, uma vez ou outra, irradiava pela amena região das Caldas, que à variedade dos seus aspectos une um pululante surgir de lendas.

Uma das suas predilectas romagens era a da Batalha, cujos motivos decorativos tão bem conhecia e aproveitou. Da melhor vontade, prestava-se a ir ciceronar, sem rival, até lá, qualquer amigo que lhe aparecesse.

A caminhada é encantadora, em quaisquer condições, mas, com o espírito e o bom-humor de Bordallo à nossa beira, tornava-se excepcional. Em honra da sua memória inolvidável, vou recordá-la, saudoso do guia incomparável.

Suponhamos a partida numa dessas manhãs frescas de Setembro, que Malhão, o nomeado prégador das cercanias caldenses, considerava impossíveis de dormir, porque «anda a lebre pelos montes».

Na humidade matutina, os guisos dos cavalos põem uma nota festiva de repique.

Com um praguejante mau-humor de estremunhado, o cocheiro, ao ver-nos instalados, fustiga a parelha, que parte ligeira, enquanto nós aconchegamos a manta.

Encetamos assim, mais cómodamente, a peregrinação de D. Leonor.

Confessada e colaboradora de Frei Miguel Con-  
treiras, o instituidor das Misericórdias, «trinitário grave,  
velho e macilento», como diz um escritor, que an-  
dava por Lisboa sempre acompanhado do seu anão  
e do seu burro, e que, quando subia ao púlpito de  
Santa Maria Maior, aglomerava o povo e atraía a  
côrte, D. Leonor de Leñcastre, cujo título de rainha  
o nome da terra comemora, forma, na agiologia rea-  
lenga de Portugal, um piedoso díptico com outra rai-  
nha e santa, D. Isabel de Aragão.

Na neblina da manhã, que um prenúncio de sol  
vai aloirando, parece ela que surge, no seu hábito  
de clarista, ferida pela mágoa da trágica morte dêsse  
seu único filho, recolhido pelos pescadores de Santa-  
rem, semi-morto e recém-casado, numa rêde vulgar,  
que a rainha, adoptando como insígnia o camaroeiro,  
quis que ficasse como seu brasão.

Na memória dos velhos dêstes sítios, anda bem  
gravada ainda a história de D. Leonor, a caridosa.

Em fins do século XV, jornadeava D. Leonor, de  
Óbidos para a Batalha. O itinerário que seguiu não  
está bem apurado. Há quem a faça viajar de Peni-

che para Santarem. Outros endereçam-na para Coimbra. Outros ainda dirigem-na de Lisboa para o Pôrto.

O certo é que, ao chegar a um local aprazível, onde depois se levantaria a vila das Caldas, ordenou alta à comitiva.

Apeou-se a rainha, e, alongando os passos, foi dar a umas pôças, entre o mato, onde mendigos, lázaros, chaguentos se estavam banhando.

Indagados sôbre o motivo por que o faziam, contaram das grandes virtudes daquela água na cura dos seus males.

Curiosa, a rainha, que sofria dum seio, mergulhou numa das nascentes a mão poderosa, e, sentindo-lhe a elevada temperatura, curiosa ainda, lavou o tumor que lhe turgia o peito.

O cortejo abalou de novo, curiosa sempre a rainha dos efeitos da gabada água dos mendigos.

O nosso carro segue estrada em fora, por entre quintas e brejos, Cá ao longe, espregada, garrida e rendilhada, a tôrre da Matriz: esbelto sorriso da pedra, no rubro luzir dos telhados.

Andada a primeira légua, desponta a primeira povoação, que, em breve, nos abre o seu terreiro, ante a igreja caiadinha.

Chama-se Tornada.

D. Leonor, cada vez mais curiosa, — a curiosidade é, na vida, a lâmpada das mulheres — ao chegar a esta altura, quis verificar o que haveria de certo no louvor dos lázaros e chaguentos.

Com casto olhar, por uma aberta do corpete, viu, diz o povo, que o carôço diminuira.

Encantada com o maravilhoso resultado, se tornou às Caldas, às suas futuras Caldas.

Aí está a explicação do nome do logarejo, onde vos aconselho a que não pergunteis: quanto custa uma garrafa de vinho em Tornada ?

Lá isso da garrafa «entornada» é a pior zirra para os tornadenses.

Continuamos, sob um túnel de choupos, enquanto D. Leonor, a rainha das Caldas, volta às Caldas da Rainha, para plantar o seu padrão e dar comêço às obras do hospital, a que votou todas as rendas, vendendo a seu irmão, D. Manuel, as joias mais ricas que possuía, para obter o necessário capital.

Despojando-se assim, sem custo, dos seus adornos de mulher, como que se antecipava, videntemente, ao destino cruel, que, mais tarde, a faria «rapar as tranças, vestir-se de almáfega, e cobrir a cabeça de negro raso», como reza a crónica, pela morte do seu tão querido D. Afonso, futuro rei venturoso, luz dos olhos de sua mãe, e espêlho de seu pai, como dizia o rei; e espôso efêmero da formosa D. Isabel de Castela, a quem a fortuna queria dar, a todo o custo, o trono das quinas, pois a casou, em segundas núpcias, com D. Manuel, que, no primeiro parto, deixaria viuvo.

O casamento de D. Isabel com o malfadado príncipe foi uma das festas mais grandiosas e retumbantes do seu século, e a sua viuvez provocou um aparato tal de luto e de dor, que, segundo um historiador, foi

«um choro universal, em que as mulheres vestiam as saias do avêso, e os homens se cobriam com sacos e com os xaireis das bêstas, ferindo-se e maltratando-se, em sinal de dó».

Transposto Vale-de-Maceira, surge Alfazeirão, velha terra árabe, baptizada pelos caniços do seu rio, e tomada de surpresa por D. Afonso I.

Ao alcançá-la, o primeiro raio de sol, que nos calenta, é valoroso como o seu emir Ab-en-Hassan, que, reconhecendo vã toda a resistência, subiu à mais alta ameia do seu castelo, cingiu ao peito a filha da sua paixão, Zaira, cujo vestido devia igualar na queda aquele longínquo frangalho de névoa, e precipitou-se, épico, abraçado com ela, dando à morte, num só feixe, a virgindade e o heroísmo.

Dois caminhos se nos abrem aqui.

Um, galgando a serra, leva directamente a Alcobça, pela Murteira. O outro faz, vagaroso, uma volta esplêndida.

Preferiremos êste. A curva é, geralmente, o caminho mais belo entre dois pontos.

Atravessamos, pois, Alfazeirão, cuja especialidade, aliás disputada por duas competidoras, Alborninha e Fanadia, é um pão-de-ló tão rico de ovos, que, levantada a mole crosta tostada, oiro em fio aparece.

Por entre pastagens, por onde, às manadas, o gado bravo disfarça os seus instintos toureiros, estamos em São Martinho do Pôrto; um pôrto muito antigo, hoje convertido em viveiro de lagostas.

Com a sua lagoa salgada e mansa, São Martinho

é uma estância de verão agradabilíssima, com a sua praia em anfiteatro e a sua pitoresca ascensão à capelinha de Santo António.

Fica-lhe em frente Salir ou Selir do Pôrto, a que o vulgo chama das mulheres, porque, vista a pobreza do sítio, onde existem os restos duma alfândega, emigra a maioria dos homens.

Devem fecundar e partir, já que na terra há crianças.

Selir ou Salir era o antigo pôrto da Eburobriga romana e da Alqueizaran dos árabes.

Contam que foi dali que D. Leonor partiu, «saliu», como, em simetria, dizem de Salir de Matos, nas visinhanças das Caldas.

Deixando São Martinho, ganhamos, por Famalicão, a Nazaré.

No verão, a Nazaré é uma praia animada, e de inverno uma vítima do seu mar proceloso. Invariavelmente, uma terra de pescadores, suja e mal cheirosa, como um ninho de algas.

Encontram-se às centenas essas curiosas casas, devassáveis e brancas, onde o homem do mar guarda a mulher e os filhos pequenos, estendendo-lhes à porta, como um corta-vôo, a sua rêde a secar.

Se fôr domingo, vê-los-hemos garridos, em mirabolantes trajés, visto que a roupa do marinheiro é, ordinariamente, como a sua temperadíssima cozinha, apimentada e colorida.

A elas, ouvilas-hemos falar nessa voz cantada e sonora de quem se costumou a transmitir recados por sôbre as ondas.

Na parte antiga, na originária Nazaré, ou como lhe chamam, no Sítio, um promontório a pique, contemplaremos, pequenina e doirada, a célebre Virgem de D. Fuas Roupinho.

É conhecido o milagre. Fuas Roupinho, montado em seu corcel, entretinha-se à caça, quando, veloz, se lhe depara um soberbo veado real. Tão realmente adornado, que era o diabo em pessoa... de bicho.

Começam de perseguí-lo o cavaleiro e a matilha açulada, mas, ligeiro, o animal fugia sempre, até que, tocando o bordo da rocha, se perde no abismo, amparado pelo mar.

Desvairado, o cavalo ia segui-lo no precipício hiante, mas D. Fuas invoca Nossa Senhora, e ei-la que, aparecendo solícita, faz com que a montada se agunte, por uma só pata, no extremo do alcantil.

Ainda hoje, lá se vê, na rocha, de onde o mar todo se avista, o vestígio da ferradura do cavalo: uma pequena pôça, sempre cheia de água, cuja proveniência não indagarei.

O facto é estupendo, não há dúvida, a ter-se dado. A mão de Deus, omnisciente, mostrou-se, nessa hora trágica, a mais sábia das mãos de rédea.

Vista a Nazaré e o seu desafogado oceano, iremos, direitos ao Valado, pernoitar a Alcobaça.

Alcobaça mereceria, com os seus mil frades e êsse seu mouro galante, Al-Mansor, largas referências. Mas tanto haveria a contar, que o melhor é não dizer

nada, e deixarmo-nos repousar ao embalo do Baça e do Alcoa.

No dia seguinte, madrugaremos pelo extenso e íngreme ladeirão que leva a Aljubarrota

A meia encosta, avistaremos Chiqueda. É curiosa a sua lenda.

Querendo D. Afonso Henriques fundar o grande mosteiro de Alcobaça, em comemoração da tomada de Santarem, prometeu, do alto da serra de Albar-dos, dar aos monges bernardos toda a terra que dali se descobrisse.

E, pelos domínios que assim alcançavam, tiveram os bons frades, naquela hora, um olhar telescópico.

Encantado o céu com a boa nova, mandou Deus descer uma legião de anjos, de anjos architectos, trazendo suspensas nas mãos bemaventuradas, como meadas brancas — renda aguentada por àsas! — as linhas da planta do novo edificio.

Pairando, leve, nos angélicos dedos, foi baixando, descendo, a teia formosa e intrincada, que cautelosos, adejantes, os anjos acabaram por deixar pousar sôbre o terreno.

De manhã, sôbre o verde dos campos, como fios alvos duma aranha gigante, viu o povo, surpreso, brilharem, luminosos de orvalho e santidade, os traços fundamentais do futuro convento.

Por qualquer razão, convinha máis erguê-lo em Alcobaça, e os homeis deram-se pressa em transportar para lá o divino traçado.

Nessa noite, novamente os anjos desenhistas, apa-

nhando com geito as malhas de sua aérea trama, a transferiram para Chiqueda ; sabedor do que, o rei foi ver o prodígio e declarou: Aqui queda! — poética etimologia de Chiqueda, que a situação do mosteiro não justificaria.

Aljubarrota é uma vilasita triste e negra, que a estrada corta ao meio, e parece ainda horripilada do fragor da triunfal peleja.

Ao estrondo do nosso carro sôbre a estreita calçada, uma mulher, com o gesto das mães de Camões ao escutarem o som terrível, agarra um filhito nú e aperta-o ao peito.

Numa saleta familiar, extraindo-a dum sacco encarnado, mostrar-nos-hão a famigerada pá da Pisqueira, a padeira hercúlea.

Calcando, próximo à igreja, a lendária calçada de ossos castelhanos, poderemos evocar, bizarra e denodada — hoste de amor vitoriosa — a Ala dos Namorados.

Nos campos de Aljubarrota,  
São João botou chamados  
Para ressurgirem os mortos  
Da Ala dos Namorados.

Pertence a um desfastio poético, pouco conhecido, de Ramalho Ortigão esta quadra alusiva.

Avançando pela estrada, que, de vez em quando, um forno de têlha anima, e garotos palmilham pedin-

chando e correndo, mandamos parar à porta da capela de São Jorge, que, pequenina como uma noz nova, é rica de história como uma bíblia em miniatura.

A sua situação parece que marca o ponto em que, na hora do prélio emancipante, a bandeira real ouviu o sinal da trombeta castelhana.

Foi mandada construir por D. Nuno Alvares Pereira, em honra de São Jorge, que, em Aljubarrota, passou a substituir São Tiago no grito de guerra dos portugueses.

Até então, dizia-se: «Por São Tiago!» E os mouros rolavam.

Daí em diante, gritou-se: «São Jorge, Portugal!» E os espanhóis ausentaram-se.

Isto se conta, porque pode muito bem ser outra a origem da capela, em cuja fachada há inserta uma antiquíssima lápide.

Num dos altares laterais, existe uma apreciável estátua eqüestre de São Jorge, acometendo o dragão com uma lança, que deve ter sido de ferro, e hoje é de madeira, semelhante, com o seu comprido cabo, a um batedor de manteiga.

Essa imagem tem uma lenda curiosa, que ainda não vi referida por ninguém.

Ouvi-a a uma velha muito velhinha; uma dessas relíquias de pele e ôsso, que a morte, roubando-lhes a carne, parece depois engeitar.

Contou-ma a custo, desconfiada, com o ar receoso de quem temesse falar a ouvidos incrédulos.

E' ingénua a história, como um comentário de crianças; irmãos dos velhos nos caprichos simples.

— Êste homem — disse-me a boa velhota, apontando São Jorge, e, não o tratando de santo, devia querer dizer Nun'Alvares — depois da guerra com os espanhois, atirou com a lança — talvez por isso, lhe dessem a outra de pau! — e disse: — «Onde esta lança fôr ter, um mosteiro se há-de erguer!»

Foi a lança pelo ar até ao sítio da Batalha, e êle então ordenou: — «Lança parai, vila ficai!»

A justificar a veracidade da narrativa, lá está, à entrada da Batalha, um logar denominado Vila Facaia.

A imaginação do povo!

Na Batalha, ao lado do indizível mosteiro, existe, muito abandonada, uma igreja, de ótimo estilo, intimamente ligada com a lenda de D. João I. E' a igreja do Voto.

Ao atravessar êle a pontesinha, que ali há sôbre o Lena, em direcção ao campo decisivo de Aljubarrota, referem que a espada do monarca caiu à água.

Levando o caso à conta de agoiro, entrou o rei na igreja, e prometeu a edificação do sumptuoso mosteiro, no caso dos seus sairem vencedores.

Retomamos o carro, e mais além, nos baixios das serranias de Minde, divisamos Porto-de-Mós, a alcaidia de Roupinho, que saudáramos na Nazaré.

O travão morde as rodas, que resvalam, rangendo na descida.

Lá ao fundo, num relâmpago de beleza e de glória, entremostra-se, para logo se sumir, a mole arrendada e sagrada do patriótico templo.

Dominados, como temos vindo, pelo acalentador sonho da lenda, ainda vibrante de epopeia, essa floresta branca, em que a pedra nobre e alta parece ramalhar ao vento da história, dá, numa alucinação rática, a nota gloriosa, fremente, dum jocundo côro triunfal.

Os coruchéus, as pilastras, as flechas esguias, estrídulas, desferem, como trombetas, hosanas jubilosos.

Pelas arestas doces dos rendilhados e das arcarias, perpassam sonoras vibrações marciais.

Toda a populosa figuração do pórtico parece entoar louvores.

Transmuda-se a pedra friável em voz melodiosa.

Todo o templo reveste as canoras proporções dum órgão vastíssimo, expelindo hinos de glória e canções de apoteose.

Na mais alta agulha, há a ilusão da bandeira vencedora a flamejar.

Vitória! disseram os herois e as trombetas.

Senhora da Vitória, diz a invocação do templo.

Vitória! diria o cinzel, rasgando a pedra.

Vitória! pregoa o sol, quando se vai.

Vitória! balbucia o luar, ao beijá-la.

Vitória! Vitória! clama o peregrino extasiado ante o deslumbramento gigante, exaltador.

E, na hospedaria modesta, que uma linda janela geminada adorna, o estalajadeiro, recebendo-nos cor-tez, chama Vitória, pela filha, cujos luminosos olhos se diriam roubados a um dos vitrais da vitoriosa ca-tedral.

1907.

## A NAZARÉ

A Nazaré é uma das praias preferidas da Estremadura.

Representa tão bem o mar, que, em dez léguas ao redor, todos a conhecem e denominam familiarmente pela «Praia».

Se ouvirem falar na Praia em Rio Maior ou nas Caldas, já sabem: é a Nazaré.

De muito longe veem caravanas pitorescas, em carros de bois ou a cavalos, onde, aos solavancos, se transportam juntamente toda uma família, toda uma bagagem, e os móveis indispensáveis, numa confusão em que as malas cedem regateadamente lugar aos corpos, e as pessoas se encolhem para que os trastes e os fardos não trambolhem.

São desopilantes, na estrada, essas peregrinações sacudidas de gente e baús, de pais respeitáveis e colchões enrolados, de cadeiras e criadas, de sacos abarrotados e donzelas contentes, que, mudando de residência, pretendem mudar de estado, e sonham com encontrar na areia movediça um noivo rico e constante.

Ainda esta manhã, ao trotar guisalhado das mulhinas do nosso carro, passámos por um dêsses repletos *char-à-bancs*, que, sob uma pirâmide ameaçadora de arcas e utensílios, transportava uma tribo alegre de banhistas, que destacou para nós dois olhos preciosos, brilhante e encantadoramente negros.

Bemdito olhar escuro!

A Nazaré, uma das mais imponentes praias portuguesas, é constituída pela Praia, onde, em ruas alinhadas e íngremes, as casas, modestas e caiadas, se dispõem de maneira que de toda a parte se avista o mar — o que em muitas outras praias não sucede — e pelo Sítio, que, altaneiro, magestoso, domina tudo como um olhar de águia.

Cá em baixo, é a brancura das paredes, a transparência das rêdes, e o vermelho dos telhados.

Lá em cima, é o santuário, a devoção, o panorama.

Um elevador arrojado, que a muito boa gente tem causado vertigens, guinda-nos cómodamente até lá.

No Sítio, esplendoroso, domina a Senhora da Nazaré, uma imagem antiga e pequenina, muito rica e muito acreditada.

A sua festa chama todos os setembros uma enorme concorrência de devotos e promessas, que consistem vulgarmente, em percorrer de joelhos a área do templo e subir do mesmo modo a escadaria que o serve.

A lenda da Senhora da Nazaré é remota e tocante.

Castilho reduziu-a a versos fáceis:

Em campos de Guadalete  
Acabado se era o dia,  
Co'o dia a grande bata ha,  
Co'a batalha, a monarquia.

Temos que remontar à invasão árabe, aos agarenos, que tão insistentemente haviam de baptizar e fundar povoados na Estremadura.

Sabido é que o rei de todas as Espanhas de então, Ruderico ou Rodrigo, sofreu derrota famosa.

Vitorioso, o crescente suplantara a cruz, e entrara na península, dominador, o Alcorão.

D. Rodrigo, ao perder, maguado, a corôa goda, montou no seu Orelia, o cavallo favorito, e dirigiu se para os lados de Mérida.

No caminho, o cavallo foi perdendo o sangue pelas feridas do combate, e, sem trono, sem exército e sem montada, teve o monarca de envergar o rude traje que um pastor compassivo lhe cedeu.

A pé, sem honras nem séquito, com paciência, aprendeu o desamparado rei a dura sciência das jornadas pobres e o gôsto amargo das esmolas de pão.

Após mil fadigas, chegou, com seus reais pés cheios de sangue e dor, ao convento de Cauliniana, da ordem de Santo Agostinho, a duas léguas de Mérida.

Aí encontrou, pesarosos da derrota, os monges, ocupados em esconderem todas as imagens e relíquias contra a fúria iconoclasta dos invasores.

«E como a fraqueza de não haver comido em muitos dias, o desfalecimento do cérebro com a falta de sono, e o movimento do caminho, que havia feito a

pé lhe tiveram prostradas as fôrças — diz o *Santuário Mariano* — lhe desfaleceram os espíritos, de sorte que caiu em terra com um desmaio, em que esteve privado dos sentidos, até o achar um daqueles religiosos de santa vida, chamado Frei Romano, que, com lhe lançar água no rosto e lhe aplicar outros benefícios semelhantes, o fêz tornar a si, procurando consolá-lo com algumas palavras e saudáveis conselhos, acomodados ao estado em que o via.»

Ao readquirir conhecimento, deixou-se D. Rodrigo persuadir e captivar pelas palavras confortadoras do frade. Quis aliviar-se com a confissão geral dos seus pecados, e Frei Romano, só por muito favorecido da divindade, não desmaiou, por seu turno, ao ouvir que aquele mísero e esfarrapado pastor tinha sido, até havia pouco, o poderoso soberano.

A confissão terminou em lágrimas. Confessor e penitente abraçaram-se como vítimas da mesma fatalidade estrangeira; como irmãos no luto da pátria comum.

O rei vencido e o frade consolador fraternizaram, entenderam-se, resolvendo fazer vida isolada e severa.

No mosteiro existia uma imagem de notável poder, oferecida por um monge grego, de nome Ciríaco, ao santo doutor São Jerónimo, que, por sua vez, temendo a perseguição dos infieis, a confiara a Santo Agostinho.

Imagem que, não sabendo que mais lhe atribuir, a lenda afirmava ter sido feita por São José e encarnada por São Lucas.

Vejam que profusão de bemaventurados foi precisa para que a Nazaré possuísse a sua milagrosa Senhora!

À cautela, e para que o leitor não imagine que trago na mala alguma biblioteca, devo declarar que tenho apenas seguido um volumezinho de propaganda da Nazaré, onde se transcrevem outros mais sólidos calhamaços.

Foi Santo Agostinho quem ofereceu ao convento de Cauliniana a gabada imagem, e foi o maior cuidado de D. Rodrigo e Frei Romano levarem-na com êles, para, em local seguro, a porem a salvo das mãos profanadoras dos inimigos.

Peregrinaram os dois, e a senhora, durante muito tempo, até que alcançaram um monte que lhes agradou: o escarpado Seano — hoje Monte de São Bartolomeu, vizinho da Nazaré, e onde ainda há bem pouco tempo vivia um ermitão.

Resolveram permanecer ali.

No espírito de D. Rodrigo, porém, havia, cada vez mais, a ânsia duma total solidão. Sem côrte, a menor humanidade aborrecia-o. Era a neurastenia do desastre.

Frei Romano compreendeu que o devia deixar sem companhia, e, carregando a veneranda imagem, transportou-se para um promontório das cercanias, tendo antes ambos combinado corresponder-se por meio de sinais luminosos.

Noite em que algum dêles os não acendesse, seria prova de que o que estava do lado escuro corria pe-

rigo, e aviso, portanto, para que o outro acudisse, pressuroso, ao ponto onde a fogueira amiga deixara de luzir.

O monte escolhido por Frei Romano foi o actual Sítio da Nazaré. Ali, numa pequena gruta, talhou êle um altar para a Virgem querida, diante da qual santamente morreu um dia.

Ao esperar em vão, na noite escura, a luminosa saudação habitual do companheiro, D. Rodrigo presentiu-lhe o fim.

Descendo do Seano, veio encontrar já frio e hirto o confessor daquela sua grande tarde de humildade, que ali mesmo sepultou por suas mãos, deixando a imagem no nicho que Frei Romano lhe escavara na rocha, onde, escondidamente, escapou à malvada fúria dos sarracenos, como, mais tarde, escaparia, oculta em Queluz, à depredação dos gauleses de Napoleão.

Aí teem a ingénua história da Senhora da Nazaré, assim chamada por ter vindo de Belem, e que, ainda hoje, muito pequenina e alumiada, oferece com ternura o seio doirado ao seu menino.

Sáidos de Alcobaça na primeira manhã, viemos encontrar na praia barracas já desarmadas e muitos fatos a secar.

E' matutino o banho na Nazaré.

Provinciana na sua maioria, a colónia balnear não abandona, mesmo em férias, o hábito sadio de se levantar cedo. Não cultivam, como nós na capital, a vida nocturna, por vezes agradável, mas gozam, prazer

para nós proibido, a serena, bemfazeja, paz das manhãs.

Logo ao chegarmos, à medida que o carro escorregava pelo ladeirão que, das alturas da Pederneira ou da Barca, conduz à praia, iamovendo regressarem, coradas e risonhas, as banhistas, de cabêlo sôlto e toalha nos ombros.

A Nazaré é uma praia à vontade, apesar de ter um Hotel-Club, onde as senhoras capricham em mostrar aneis faíscantes ao bater dos ovos quentes.

Na praia, na praça e nas ruas centrais, em passeio ou à janela, as figuras femininas estão francas e desgrenhadas. Dão idea dum grande rancho a secar ao calor dum grande sol.

Entrou de bater o meio dia, e fui levado a pensar que as doze badaladas, que sonoramente inauguram a tarde, são aqui, marciais como um aviso de quartel, o toque de pentear.

Ali defronte, a contemplável visinha, que estava mostrando os seus cabelos sedosos e castanhos aos hóspedes recémchegados do hotelsito fronteiro, retirou-se da janela, e está diante do espêlho a penteá-los, sem cuidar sequer em descer o reposteiro, que balança as franjas ao vento.

Em agradecimento, não há remédio senão deixar aqui arquivado, como agora se diz, o seu lindo gesto...



## MOURAMA A GASOLINA

Fui há dias a Tomar, para dar parte à linda Salomé da capela-mor de São João Baptista do interêsse com que os Amigos do Museu de Arte Antiga acolheram a revelação da sua existência quinhentista.

Não era a primeira vez, e espero não será a última, que desço em Paialvo.

Porque, para se ir a Tomar, centro importante de arte e indústria, é ainda preciso deixar a linha férrea e fazer sete quilómetros de carruagem — não há diligência para o rápido — a seis escudos para a ida e outros seis para a volta, fora a gorgeta ao cocheiro da Viação Tomarense.

Galgadas as rampas da estrada, sem encanto de maior, o carro, descendo, entra na vila, risonha e acolhedora ao sol da manhã, e depõe-nos à porta do hotel principal.

Parece que, na terra de Gualdim Pais, o hotel se deveria chamar dos Templários, ou Nabantino.

Qual história! E' um sórdido pardieiro, sem o mínimo confôrto, denominado União Comercial.

A união dizem que faz a fôrça — quando não faz a desordem! — e o comércio representa uma classe sempre pronta a convencer-nos, com sacrifício nosso, do desvalor do dinheiro; mas, francamente, o excursionista, que não vem vender ligas de senhora ou botões de punho, preferiria encontrar um hotel, já não direi votado, pelo menos no nome, ao culto do passado, que lá o levou, mas discretamente neutro no tocante à classificação dos seus hóspedes.

Isto de ser tomado por caixeiro viajante, quanto á profissão honesta, e no que diz respeito às núpcias do nosso estômago com o óleo indigesto de amendoim, é arrelizador.

Arrelia que o salgãdo do peixe e da conta não deixam de agravar!

Fica a União Comercial, cujo dono, devo reconhecer, é muito amável, na rua principal de Tomar, onde se abrem o Café Paraíso e a Havanesa, com «bôlos de cama» e «fatias da China».

Parece também que a rua devia ter um nome antigo, um dêsses lindos nomes velhos da tão profanada toponímia portuguesa.

Tem um nome respeitável, mas moderno, Serpa Pinto — mando de longe um bom-dia a *Clarinha!* — e vai da Praça da República à ponte do Nabão, fornecendo uma perspectiva interessante a afunilada tôrre de São João, o palácio da Câmara e o convento de Cristo, a reçrilhar no cimo.

Visitadas a igreja de São João Baptista, com as suas portas manuelinas, a capela de Santa Iria, onde

a devastação deixou ainda restos dos seus magníficos azulejos dos comêços de 1600, e a soterrada Santa Maria dos Olivais, com a sua tôrre isolada e corujenta, que me recordou Ravena, a sepulcral, deitámonos, após o almôço expiatório, até ao grande alcaçar dos descobrimentos.

Na Praça toca, para as môscas, a pequena banda do 15, regimento a que uma ordem do exército inglês, na grande guerra, dava as honras de formar à direita das tropas britânicas.

Um preso da cadeia, onde as grades são de assustar, pede-nos esmola.

Subimos pelo atalho.

Plantadas nas ruínas do castelo, as antenas da T. S. F. arrancam ao Sr. Gil, o nosso prestável hospedeiro, que teimou em acompanhar-nos, uma sentença entusiástica sôbre as maravilhas do progresso, graças às quais Tomar, seis horas depois de cometido, teve conhecimento do assassinio de D. Eduardo Dato, em que também intervieram, como é notório, a motocicleta e a pistola, outras duas notáveis e ruidosas invenções do nosso tempo.

Transposto o desagradável portão de ferro, a pedir substituição por uma porta de madeira, eis-nos no adro do famoso paço claustral dos freires de Cristo, cheio das cruces que deram a volta ao mundo, e das esferas que o simbolizavam.

A um canto do terreiro, perto do banco corrido, o agedo está mais claro, como que pulido de fresco.

Fôram as solas das cachopas e os sapatões dos conversados, que, numa tarde recente, vieram ali, bailando, perpetuar a tradição dos antigos bailaricos do dia de São Jorge, o latagão.

As velhas danças do Corpo de Deus!

Um guarda tristonho vai buscar as chaves, para a visita.

Com o seu tipo gingão de cocheiro aposentado, o Sr. Gil faz considerações dignas dum sócio da Propaganda de Portugal.

Reconhece que o seu hotel está a cair, mas não tem dinheiro para o reedificar.

Aquilo só arrasado e feito de novo, da soleira ao telhado.

Fala-se de turismo.

O turismo, em Portugal, lembra aquela história de Bartrina.

O homem passa quando o vaso cai da janela? Ou é o vaso que se precipita quando o homem passa?

Os hotéis são, quási todos, detestáveis, por não haver bons viajantes? Ou os viajantes são péssimos, na sua grande maioria, por não haver hotéis razoáveis?

O Sr. Gil conta-nos que, outro dia, veiu cá acima com uma «família de automóvel».

Aparearam-se, deram uma vista de olhos ao exterior do edifício, e perguntaram, admirados, se aquele era, com efeito, o Convento de Cristo, tão apregoado?

Ouvida a resposta afirmativa, declararam ter pensado que era «outra coisa».

Verificado o que, pelo lado de fora, meteram-se

outra vez no carro e abalaram, oxalá que para onde não façam dano.

A mourama, como se acaba de ver, ainda existe, e faz das suas.

Novo-riquizou-se, e anda, perigosamente, por aí à sôlta.

Se os Cavaieiros de Cristo não mandam tocar outra vez a reunir, para a desbastar, vão ser elas.

E no Convento de Cristo, onde por toda a parte os leitreiros a pedir para não escrever nas paredes nos testemunham os hábitos gráfo-recordatórios da raça, virá a ser preciso colocar, à entrada, um dístico taludo declarando: «E' proibido não entrar».

Se, por um acaso muito improvável, a tal «família de automóvel» souber dêste meu indignado protesto, não creia que a pretendi ridicularizar, fiado nas palavras do bom Sr. Gil.

Quis, muito inofensivamente, citar um facto, que me pareceu dos mais originaes na venerável história da Ordem de Cristo e dos comendadores.



## A SENHORA DA GUIA

Quando desço do rapido em Paialvo, não encontro o carro com que contava.

Há apenas dois, encomendados, e nem posso alimentar a esperança de que me mandem um da Viação, porque os não tem disponíveis.

Estão todos, diz-me um cocheiro, para a Senhora da Guia.

O carregador ainda tenta arranjar-me a charrete do Sr. Esteves, mas também anda em serviço.

Restar-me-ia o unico recurso de palmilhar os sete quilómetros que separam Tomar da estação, se a amabilidade portugueza me não socorresse uma vez mais.

Num dos dois carros, que fazem a minha inveja, vão quatro pessoas e vária bagagem, que, acumulada ao lado do cocheiro, preenche o único assento disponível.

Decido-me, em todo o caso, a expor aos seus passageiros o meu apuro.

Logo, com a melhor das vontades, o chefe da bon-

dosa caravana se encolhe, mais a espôsa, para que eu não fique em terra, e ocupe até o melhor lugar.

Tudo isso sem nunca me terem visto, nem admittirem a minha parte na despesa.

Bem hajam!

Na Praça, em Tomar, o Zé Reis, que está á minha espera, de blusa, tranquiliza-me, informando-me de que chegou há migalhinha com o carro do Tojal.

Em descânsando uma hora, as mulas podem outra vez abalar.

Visito mais uma vez São João, olho a Salomé restaurada, lastimo o estado irreparável da aparatosa Degolação, e vou almoçar ao União, onde há agora, nas mesas, graciosas bilhinhos da Atalaia.

A estrada do Tomar até ao Tojal é agradável, apesar do seu péssimo estado. Em certos pontos, tem de se caminhar pela valeta; mas vá lá, que ainda não é das piores!

Com o desleixo a que as votaram, dentro de dois anos, ter-se-á de viajar Portugal a cavallo ou em carro de bois.

O cantoneiro, que não se resigna a viver com uma miséria, passou a ser um mito. Não se encontra por parte nenhuma.

A' saída da vila, há a Praça de Touros, em cuja porta se lê em grandes letras; «Misericórdia de Tomar».

Pode haver dúvidas sôbre se os expostos desta santa

casa, em redondel, pertencerão ao reino humano ou ao taurino.

Na Venda Nova, acampam romeiros. No Pintado, a uma janela, uns lindos olhos espreitam.

A seguir, Cêras, primitivo castelo de Gualdim Pais, e a linda Ponte de Cêras.

Freixo, Venda de Tremoços, e metemos ao ramal que conduz á casa de Joaquim Ribeiro, o corajoso depoente do *Na guerra*.

Pelo caminho, sob um sol causticante, que parecia incendiar o barro da estrada avermelhada, um carro que outro, vagamente enfeitado, para a Senhora da Guia.

A policromia da gente do campo salta á vista.

Mesmo ao desfigurado traje semicitadino, de blusa e saia, as mulheres conseguem impor o rústico delírio da côr. Avistei saias verdes, aventais azuis, lenços escarlates, roxos, alaranjados.

Um homem que, de cajado entalado entre o ombro e o fardo, carregava, em mangas de camisa, um saco encarnado, que mais o afogueava, levava um lenço na mão, sobre o cacete. O lenço poderia ser branco ou riscado. Pois, não senhor! Para reforçar a nota rubra do saco, era vermelho, liso, sangue de boi.

Mais adiante, uma moçoila, ao lado duma velhota, mexia em estrigas. Vendo o Zé Reis, vá de sorrir agradada e de lhe atirar, sobranceira, uma leve camisa do milho, que se abre na ar e tomba logo, sem atingir o alvo.

Não me esquece o seu gesto petulante.

A terra tem sêde, está sedenta, anda sequiosa.

A seca é de tal ordem que, contou-me um recém-chegado, certas nascentes da Estrêla, invariavelmente copiosas, definharam, enxugaran-se, apenas pingolejam.

Na falta de água do céu, o homem, atribulado, deu-se a pedir água á própria terra ressequida.

Êste ano é o ano dos poços. Por toda a parte, se vêem vestígios de recentes aberturas. As «cegonhas» são aos centos, por esse país fóra.

Algumas, a par, quando manejadas, como me tem sucedido ver, por um homem e uma mulher, rítmicos no trabalho de descer o balde, de o erguer, de o entornar na rega, parecem-me um símbolo edificante dos casais bem irmanados.

Diversas as figuras, ela de saias, êle de calças, um compenetrado, a outra despreocupada, fazem gémeamente os mesmos movimentos, e solidariamente se esforçam pela fartura do seu campo.

Sente-se que êle é a iniciativa e ela a obediência; e assim, dá êle a fôrça, quando ela dá o sorriso.

Que escola de namorados! Não será o casamento venturoso, a convivência bem entendida, isso mesmo: um casal que se afadiga a tirar abundância e beleza do mesmo poço fundo da vida?

Altas «cegonhas» de pinho, com uma pedra na base e a vara vertical pendente do alto, vós sois, quando emparelhadas, a representação dós árduos trabalhos do amor — engenho, como vós, primitivo e eterno, de remediar a ingratidão da natureza!

Um pôço, com alguma água, é, por estes abrasados tempos, a sorte dos lavradores.

Antes de me mostrar os seus campos, o primeiro cuidado de Joaquim Ribeiro foi levar-me ao seu pôço, há pouco aberto junto da adega, e no qual ainda se trabalha, para levar a mina até onde o vedor aconselhou.

Eis uma personagem agora animadíssima: a do homem que descobre água — oiro quási tão alto como a libra!

Posso apresentar-lhes um, macilento e sorumbático, em cujo bilhete de visita li: Manuel dos Reis Vedor. Aldeia dos Matos. Cabeça Gorda. Abrantes.

Não tem nada de misterioso, nem se atribue dons extraordinários. Isso da vedoria é, para êle, um mister como o de ferrador ou carpinteiro.

Há pouco tempo que se dedica à profissão. Perguntando-lhe eu como adivinhava as nascentes, respondeu-me que era «do ofício de andar debaixo do chão» — mineiro, queria dizer na sua — e que assim fôra aprendendo a arte.

Fala-me do «sentido em que andam as águas», e, dando consultas sem tabela, os seus fundos olhos de esfomeado ficaram surpreendidos, quando o cliente generoso lhe retribuiu com dez mil réis a indicação do local e da profundidade a que devia cavar um pôço, que já dá água.

Mais espantado ainda se mostrou ao dizerem-lhe que nunca levasse menos por cada conselho; o que, afinal, sai muito mais barato de que mandar vir do

Pôrto um engenheiro, com um aparelho electro-magnético, em que me falam vários.

Água! água! é, neste sequíssimo verão, a maior ambição dos homens e das árvores, que, muitas, à beira dos caminhos, aflitivas, tenho visto feridas da morte amarela da sede.

De noite, guisalhando ou descantando, ouvimos passar, rumorosos, alguns carros para a romaria. Não tantos como é costume, garantem os do sítio, devido à grande falta de transportes e alimárias.

Manhã clara, apetitosa, saímos do Tojal, com o far-nel e o bom humor que sempre dá uma perspectiva de festa. «Para onde vais, Maria?»

O caminho, todo novo para mim, corre entre olivedos rasos e cabeços arborizados, convidativo e prometedor, quasi sempre a subir, desde o Gorgolão, onde vamos buscar dois companheiros, até aos Cabços, longa fita de casas, muitas delas abastadas, e onde, na farmácia, avia mézinhas e arredonda pílulas a protagonista dum recente caso de amor.

Manifesto curiosidade de a ver, e descemos.

A aventura, bastante singular, veio nos jornais. Isso me absolverá de indiscreto.

Talvez o leitor se recorde! Uma apaixonada, que, palpitando infidelidade no conversado, se disfarçou com trajes masculinos, e o foi esperar de noite, quando êle recolhia, tentando descarregar-lhe uma cacetada.

Surpreendido com a agressão, e não suspeitando de que o homem que o atacava era uma mulher — e a

mulher requestada! — o alvejado disparou a pistola, afugentando a suspeitosa, que, ferida, mas pretendendo ocultar o seu segredo, teve a fôrça de voltar às escondidas para casa e deitar-se, como se nada se houvesse passado; feliz talvez por sofrer à custa do seu amor.

O ferimento era de certa importância. Não bastou para o cicatrizar o silêncio angustiado dessa noite dolorosa, em que o amor, o amor que tudo pode e tudo faz, velou á sua cabeceira de agitada.

Na manhã seguinte, a corajosa namorada, tendo vertido sangue e lágrimas, via-se compelida a revelar à mãe o seu estado: o que equivaliu, como é de presumir, à divulgação estrondosa do escândalo.

Ignoro como as coisas se passaram depois. Pouco trágicamente, sem dúvida, porque, já refeita, pelo menos aparentemente, encontrei a heroína, muito calma, a atender um freguês.

Meã de estatura, sôbre o forte, cabelos escuros, lábios vulcânicos, fresca, rosada, agradável, arvora, nos olhos quentes, na voluntariedade do sorriso e na firmeza da máscara, em que a testa se afirma decidida, um cunho entre sensual e arrogante de amorosa.

Bem portuguesa nas feições, no todo e, como o demonstrou, no ciume, saúdo-a com o respeito devido a uma viva figura de novela, e auguro bem do destino ter colocado no percurso de mais esta minha romaria o seu perfil romântico.

Até ao Barqueiro, pela Pombaria, é a descer.

As mulinhas de Joaquim Ribeiro, longínquamente cruzadas de zêbra no aspecto e no feitio arisco, trotam ligeiras, apesar de estranharem a estrada, onde nunca vieram.

Do Barqueiro ao Pontão, entroncamento da estrada que leva a Pombal, e do Pontão ao Avelar, o cenário é delicioso.

Entramos no antigo concelho das Cinco Vilas: Chão do Couce, Avelar, Maças de D. Maria, Pousa-flores, a das lindas cachopas, e Aguda.

A terra, variada e fértil, sorri. Há campos formosos, com montanhas ao fundo.

Encantador, o vale tenro de Almofala atrai e deleita.

Aniudam-se as carroças e os ranchos de romeiros.

Numa carripana, guiada por uma graciosa rapariguinha de olhar recatado, vão quatro ou cinco mulheres. Os homens respectivos, êsses, seguem a pé.

Como é novamente a subir, e os carros vão a passo, metemos conversa com êles.

Um quarentão, de boa presença, barbeado de fresco, prazenteiro, de camisa muito alva e sem gravata, descobre, em resposta a um nosso comentário, esta estapafúrdia razão para que as mulheres venham de carroça e êles à pata.

— E' que elas nunca teem certas precisões pelo caminho. O senhor já viu alguma mulher ter de se apeiar em jornada?

Foi um pouco mais frisante o castiço termo que o

homensinho empregou para se referir à líquida frequência de certas nossas necessidades, mas aqui fica a sua original explicação da rústica galanteria, que, desencadeando grossa gargalhada e picarescas sentenças, pôs corada como uma cereja a pálida cocheirinha tímida.

Estamos perto do arraial.

Para alguém, calhado em festanças populares, a visinhança duma romaria, mesmo independentemente dos indícios que a anunciam, parece que se sente no ar, e até na própria paisagem.

A terra associa-se ao tripúdio da sua gente.

A folgança colectiva, o prazer aglomerado, o gregário delírio desprendem eflúvios jocundos, em meia légua ao redor.

Há o bafo da festa, como há, ao aproximarmos-nos inconscientemente dum local de catástrofe, o bafo do horror.

Dir-se-ia que uma corrente alegre electrizantemente nos percorre, quando, deixando a estrada, metemos ao ramal que leva ao nosso rumo.

À margem do caminho, junto das primeiras casas, cachopas vestidas de gala, sentadas em madeiros, sobre pedregulhos, ou arrimadas às paredes, dão-se, como último toque de garridice, ao apuro de calçar as meias e os sapatos, que pouparam até ali.

Com gestos escrupulosos e artimanhas ocultadoras, fazem por preservar as pernas das vistas indiscretas.

O traje festivo aumenta-lhes a vergonha, como

luxo domingueiro, levando-as a recear mostrar os ar-  
telhos, que não se importam de descobrir nus nos  
dias de trabalho.

Subimos a rua declivosa, onde, porta sim, porta  
não, há tascas regurgitantes. Manduca-se e emborca-  
se, com grande falatório.

Pelas travessas e recantos, repousam carroças des-  
pejadas e carros de bois, armados com bancadas, tol-  
dos e enfeites.

Estoiram morteiros.

Chegados em plena festa, damos de cara com a fi-  
larmónica, que vem, ressoando, buscar as fogacei-  
ras.

De onde a onde, um pobre horrendo esmola em  
grita agoniante, quási espezinhado pelo gentio, que  
engrossa mais e mais, e lá no alto, na vasta praça da  
igreja, é multidão: a multidão gozosa, tumultuária,  
sarapintalgada, cantadeira e bailona de toda a grande  
romaria.

Eis-nos na Senhora da Guia, do Avelar, a sete lé-  
guas de Tomar, no distrito de Leiria.

Abolida a de Pombal e menos célebre a de Abiul,  
a Senhora da Guia é hoje a mais concorrida e im-  
portante das festas do fôrno. Há muito que me mor-  
dia o desejo de a ver.

Ô fôrno, onde logo êntrará um homem, a «deitar  
o bôlo», é o grande milagre desta romaria; ela tam-  
bém, milagre de côr supersticiosa e inédita.

Tão colorida, tão primitiva em certos aspectos, tão

palpitantemente movimentada, que pensei, ao encará-la, que a arte rebrilhante dos slavs carece de vigoria, luminosidade e esplendência, enferma de tibieza, em confronto com a intensidade alacre, o fulgurante brilho, dêste maravilhoso espectáculo.

Quando vi o *Sol da Noite*, de Massine, lembro-me de ter escrito que se poderia fazer cá coisa parecida : um «Vinho Verde», num arraial minhoto.

Direi agora que, depois de estilizada, a Senhora da Guia poderá constituir o motivo dum admirável bailado à moda dos russos, no dia em que se conjuntem, para o realizar, um decorador exuberante, um músico de sentimento e um coreógrafo de vibração.

Absolutamente original no carácter e na movimentação, já vagamente teatral no arranjo, com o que a Senhora da Guia, de facto, se parece, é com um grande bailado em vários actos, culminado pela scena impressionante da entrada do bôlo no fôrno.

Escusado será até buscar-lhe título. O povo achou-o já : «O Homem do Cravo».

E acreditem que, quando descido do mundo dos impossíveis a um palco europeu, «O Homem do Cravo» deslumbraria, sem reservas, qualquer capital civilizada.

Mas que os estrangeiros gostassem ou não, que mais dá ? Não é para êles que Portugal precisa de viver.

O que importa, cada vez mais urgentemente, é revelar à descuidosa ignorância lusitana as belezas inúmeras, preciosas, que a mais linda terra do mundo guarda avarenta.

Não vá o progresso dar, de todo, cabo dalgumas, que ainda ninguem se lembrou de arquivar!

Um dia pode ser tarde...

O fôrno acende-se de madrugada.

Caiado de fresco, branco, hexagonal, com uma cruz ao alto, lá está a arder, num recanto dominante, ali ao cimo do rossio do Avelar.

Elevado sôbre uma larga base, escancara a bocarra ampla para um patamar quadrado, a que dão serventia quatorze degraus de pedra.

Em baixo, à esquerda, há lenha à disposição de quem quere.

E' devoção que os romeiros ajudem a nutrir o fogo do milagre, atirando combustível para dentro do fôrno.

Uns limitam-se a um garaveto ou a um punhado de caruma. Outros, porém, mal se contentam com um tronco.

A escada está apinhada de gente, que se acotovela em refluxo.

Homens, mulheres, petizada, empunhando ramagens, agitando vergastas, carregando pinheiros inteiros, esperam a vez de chegar às filas da frente, para aumentarem a fogueira.

Lá em cima, arredada para o lado, a tampa de ferro do fôrno tem atravessada nas pegas a caçadeira do guarda: um velhote que, com uma grossa estaca na mão, se vé aflito para conter o ímpeto da gentalha e impedir que ultrapassem a borda da pla-

taforma, até onde, de vez em vez, espirra a labareda.

A impaciência de alguns e o receio de outras não lhes consentem esperar logar, nem sofrer o embate dos que sobem e dos que descem, espremidamente. Atiram de longe a sua achega, errando a miudo a pontaria.

Voam, desabam, por todos os lados, varas, galhos, agulhas ainda verdes de pinheiro, juncando a plataforma.

O pobre velhote, exposto ao ardor do fogo e da turba, tem, de quando em quando, de empurrar todos aqueles destroços para o lume, que arde vermelho, resinoso, crepitante.

Com os companheiros, a que bizarramente se quiseram juntar o Dr. Alberto do Rego, compositor e amigo da arte, e seu cunhado, o Dr. Barata, médico querido da povoação, atiro também a minha verdasca ao fôrno, e vejo depois, de guião à frente e seguidas pela música, passar as fogaceiras a caminho do hospital, construído com os rendimentos da Senhora.

Não eram muitas. Contei treze, aprumadas, garbosas, elegantes; algumas vestidas de branco, com uma faixa garrida na cintura; todas, de fogaças enfeitadas à cabeça, com petiscos a brilhar e cachos pendurados a reluzir, em pagã reminiscência das festas da velha Ceres.

Assistir a uma romaria portuguesa — e é uma das razões porque as adoro! — equivale a vislumbrar a Grécia ou Roma antigas.

Mal as fogaceiras me teem evocado as Tesmofórias, vejo Pan. O deus Pan em pessoa, é verdade, de barba grisalha e bigode escanhado, fato claro, e todo asseado, correndo pela beijorra húmida a sua gaitinha de capador.

Um magnífico tipo, exuberante de saúde e simpatia.

Na igreja, transbordante, estão à festa.

Olho o andor da Senhora da Guia, uma virgem pequena e feia, de manto azul, e desisto de ouvir o prégador, que vai dizendo que a justiça e a liberdade do nosso tempo «teem o clarão do petróleo e o estampido da dinamite».

Saio, já portador dum registo da santinha, e, percorrido o largo, cheio de tendas e barraquinhas de mercadores, vamos almoçar para o quintal da casa dos nossos hospitaleiros amigos, que, formando uma das frentes do terreiro, é um bom miradouro da animação que referve sob as suas janelas.

Passa das três horas. Verdadeiramente esfomeados, os nossos estômagos agradecem, jubilosos, as delícias do farnel e o ótimo vinho que nos serve, esbelta e bonita a valer, uma aloirada môça da região.

Perto das quatro, o povinho começa a alinhar-se, a escolher poiso, e a rua do lado da igreja a desimpedir-se. E' a procissão que vai sair.

Dois guardas republicanos andam, açodados, a caçar os poucos varapaus que aparecem. Estranhando eu a medida, explicam-me que a proibição tem dado

resultado contra as scenas de pançadaria, que costumavam perturbar o arraial. Dizem-me ainda que, terminada a festa, restituem os cacetes confiscados aos seus donos, que os não largam, evidentemente, de muito boa vontade.

O recinto é agora, ainda mais do que antes, um mar de côres, duma policromia farta, impressiva, desconcertante.

Há notas berrantes, alucinadoras, incendiárias, com barros vidrados a reverberar, colchas ricas panejando frontarias, bandeirolas acenantes, lenços escarlates a circular inquietos, sinos em repique, calor.

Se se despejassem toneladas de tintas variadas por cima do povolêu em movimento, o efeito não seria nem mais espalhafatoso, nem mais imprevisito.

A multidão arde em côr, vive em côr. E' a côr rumorejante, atropelada, fulgúrea, absurda, vigorosa.

O traje dos homens mostra-se amorfo, banal. Só se destacam os registos e as flores de papel entaladas nos chapéus.

Vejo um marinheiro todo de branco, um reboludo pequeno com a fardeta do Colégio Militar, outro marinheiro de azul.

Nas mulheres, porém, apesar do incarácter e da confusão dos figurinos, as côres suprem a forma. E' mesmo extraordinário como, a banalísimos modelos citadinos, as modistas rústicas conseguem dar um tamanho pique aldeão.

Muitas, às duas, às tres, às quatro, segundo o nú-

mero de irmãs, andam de igual, formando molhos ou cadeias em vários tons familiares.

Noto combinações audazes. Blusas azuis, saias pretas, lenços brancos. Corpetes amarelados, de golas azuladas, e lenços amarelos. Chambres côr de rosa às ramagens, lenços verdes de riscas, saias pretas, aventais azuis. Corpinhos brancos, saias côr de azeitona, chales torrados, no braço, e meias roxas.

A variedade dos lenços, sobretudo, esverdeados, côr de abóbora, alaranjados, vermelhos, citrinos, lisos, listrados, de ramos, dão um somatório atordoante, impossível, inverosímil; entre o qual alastram, como severas manchas de modéstia, as sedilhas negras dalguns toucados de Coimbra, com seu «vicente» ao pescoço e o discreto chaile de merino.

Sob o céu muito azul, sem uma nuvem, com muito sol, pulsa, ao estralejar dos foguetes, barulhenta, vibrante, incessável, a festa em todo o seu esplendor; o esquecimento do trabalho e do cuidar quotidianos.

Nem todos gozam. Há quem sofra de vontade, por devoção.

O terreiro do Avelar é todo calçado de duras pedras, cheias de arestas salientes. Pois, por penitência, aparecem crentes que percorrem de joelhos, não só o largo, como a rua principal, até à entrada do lugar, onde o piso não é melhor.

Passam, nesse bárbaro fadário, dezenas de mulheres, arrastando-se a custo, contusas e lacrimosas, amparadas por braços amigos e remordendo queixumes.

Para algumas, às vezes convalescentes, a dura promessa é tão cruel, que os seus rostos amargurados causam pena.

Vi uma mulher ainda nova, a quem as pedras do caminho arrancavam tantos ais, que, de braços em cruz, seguros por outras mulheres, inclinava a cabeça sobre o ombro, como um Cristo, mordendo a fazenda da manga, para não gritar.

Deviam ter rictos como o dela, atormentados, os cristãos martirizados, nas arenas romanas.

E lá seguem, aleijadas, com os joelhos em sangue, canelas e pés lacerados, a pouca distância da procissão; na qual, ao grupo airoso das fogaceiras, se sucedem um magote de amortalhados de ambos os sexos, alguns anjinhos aborrecidos, e o pequeno andor da Senhora.

Metidas debaixo do andor, curvadas, sem se poderem endireitar, seguem outras devotas.

Custa a crer, pelos tempos actuais, na profusão de tais excessos de fanatismo.

Pálio e música a rematarem, a procissão, deixando o largo, vai buscar o bôlo — razão da festa!

Feito de três alqueires de farinha de milho, por espoar e sem sal, amassa-se ao fundo da vila, e há devotos que não prescindem de lhe dar uma piedosa demão.

Era uma velha da terra quem se incumbia de o preparar, assim como era um velhote, sempre o mesmo, e hoje octogenário, o Sr. Teodoro Nunes, quem, já quási tradicionalmente, se encarregava de «deitar o bôlo».

Êste ano, alterou-se a praxe.

Sentindo-se já cansado de tantos milagres, o Sr. Teodoro dispôs-se a ceder o honroso logar a outro, muito mais novo, e conhecido pelo «Caçador», em virtude duma das suas profissões.

Padeiro também de ofício, foi êle proprio quem amassou, ou mandou amassar, o bôlo dêste ano, e é êle quem o vai levar ao fôrno, por promessa.

Tendo-se ferido num braço com a espoleta dum cartucho, esteve em riscos de lho cortarem no hospital de Coimbra. Prometeu então que, se o dispensassem da amputação, entraria no fôrno da Senhora da Guia.

Não ficou bom, visto ter o braço um pouco preso, mas como lho não amputaram, quis cumprir o voto.

E', portanto, a sua estreia. Há uma grande expectativa em toda a gente; afirmándo uns que se portará bem, e outros que não logrará realizar a façanha.

Colocado sôbre um taboleiro de rodas e carregado aos ombros de quatro homens, como um andor, o bôlo do milagre, quando a procissão se encaminha de novo para o largo da igreja, vem à frente da Senhora, seguido pelo homem que o há-de «deitar».

Em o cortejo chegando novamente à praça, começa a parte mais sensacional do festejo, que, por grande favor dos meus carinhosos guias, domino inteiramente do alto coreto que se lhe ergue ao meio.

O fôrno, que esteve a arder até agora, imprimindo a êste arraial um aspecto único, está negro do fumo.

A labareda, mais viva que nunca, lambe-lhe as paredes internas e o exterior com sofreguidão.

Não se calcula o efeito raro, deslumbrador, da ateadada fornalha, sobranceira aos milhares de cabeças que se lhe comprimem em volta.

Como o sol dardeja, há centenas de guarda-sois abertos, formando uma imensa mancha negra, que mais faz destacar a chama avermelhada, veemente, gloriosa.

Sertindo próxima a hora da fogueira se extinguir, do fogo adormecer, o povo, num furor possesso, atira lá para cima quanta lenha encontra à mão.

Pela escada do fôrno e aos lados, agita-se, sacode-se, com impulso delirante, uma floresta de braços em arremêso. É uma febre, uma raiva. Não esquece!

Parece, de tanto que se esforçam por lhe elevar a temperatura, que há o propósito de comprometer o novo forneiro.

A procissão avança já em pleno arraial, quando o velhote do patamar, ajudado por um rapazola, começa, com uma grande pá de comprido cabo, a limpar o fôrno, retirando o brasido, e atirando-o, ardente, cá para baixo, onde há gritos dos que fogem às faúlhas.

Apagado e limpo o fôrno, a procissão vai desfilando por diante d'ele. Os que conduzem o bôlo sobem e depõem-no no patamar, enquanto o andor da Senhora pára mesmo em frente.

É o momento solene.

Embasbacada, fixa, a multidão nem pestaneja. Os

guarda-sois fecharam-se tódos. E', de novo, um dilúvio de côr, agora silencioso.

Sôbre a variegada aglomeração, o fundo enegrecido do fôrno e a ansiedade geral.

Chegou o instante do milagre.

Nada se ouve. Os corpos estabilizam-se. Os olhos cravam-se. As almas esperam.

O homem que deita o bôlo sobe então as escadas.

Calça botas grossas, veste um fato trivial e opa branca, de cabeção azul. Magro, o braço esquerdo pendente, está pálido e visivelmente nervoso.

Há um murmúrio em surdina: Lá está êle!

Chegado ao cimo, faz três vénias, à virgem e aos dois lados da praça, e desce até ao andor, donde tira a flor artificial — o cravo — que a imagem tem nas mãos horizontais.

Tirada a flor, mete-a na bôca. Sobe novamente as escadas, faz novas contumélias, e cobre-se com um chapéu mole vulgar.

Depois, pondo-se entre o taboleiro e o fôrno, entra de costas, arrastando o bôlo, coloca-o ao centro, e sai, meio curvado, agitando, cá fora, o chapéu em sinal de triunfo.

Não há palmas, mas adivinha-se o regosijo dos corações que retomam o desafôgo.

A operação, como não podia deixar de ser, dura poucos segundos. Ainda assim, houve quem garantisse que o estreante dêste ano, um pouco pelotiqueiro

nas atitudes, se demorou lá dentro mais tempo que o antecessor.

Deitado o bôlo, a procissão recolhe á igreja, que fica à beira do fôrno, emquanto dois homens o tapam com a porta de ferro, que calafetam com barro, a toda a volta.

Há a crendice delicada de que o último fumo que se evola, antes do fôrno cerrado, segue a Senhora até à porta do templo.

Outros dizem que o calor é tanto, que a imagem sua durante a prova.

Aí tem a festa do fôrno, tal qual ela todos os anos se realiza no Avelar !

Se me preguntarem se é, de facto, um milagre, direi que não ; mas sim uma façanha, explicável, sem lhe diminuir o arrôjo, pela circunstância do fôrno estar alto, da sua porta ser muito ampla, e do homem entrar de costas, com o cravo entre os dentes, para não respirar lá dentro ; de modo a não chegar a perder de todo o contacto com o ar exterior.

E quem souber mais, que o explique melhor !

Resta dizer que o bôlo está a cozer durante vinte e quatro horas.

No dia seguinte, é, com a mesma solenidade, retirado do fôrno, feito um torresmo, e distribuido na igreja pelos devotos, que lhe guardam cuidadosamente os pedacinhos.

Pisado e bebido com água, é remédio santo, dizem êles, para curar sezões, antes de morto.

Levado o bôlo ao fôrno, a festa perde o maior atractivo. Inicia-se logo a debandada.

Nossa Senhora da Guia,  
Da Guia do Avelar,  
Dai-nos Senhora saúde  
P'ra pr'o ano cá voltar.

Não fica nem a têrça parte do arraial para ver o fogo.

Fogo preso e do ar, de que os soldados do 15 e do 7 se lembravam em França, — diz-me um companheiro — quando, ao verem, sem medo, acender-se os *very-lights* inimigos, comentavam jovialmente:

— Ena, rapazes! Até parece a Senhora da Guia!

# INDICE

## DO VERDE MINHO

O São Torcato.....	7
Na volta :	
I — Reverendos.....	51
II — A Paisagem minhota.....	56
III — Não sei onde.....	64
Duas romarias :	
I — A Caminho.....	73
II — São Bento da Porta Aberta.....	82
III — O Formigueiro.....	95
IV — Na Abadia.....	110
O Comboio de Polichinelo.....	123
Minho!.....	131
Filarmónicas.....	139
Pôrto d'Ave.....	145
Uma Exposição de Arte Sacra.....	157

## COIMBRA

Debaixo das oliveiras.....	165
A Copa de Cindasunda.....	173

## ESTREMADURA

Odivelas.....	185
Das Caldas à Batalha.....	205
A Nazaré.....	223
Mourama a gasolina.....	231
A Senhora da Guia.....	237



PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

**BRIEF**

DPB

0020395

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 09 13 07 06 007 3